

30
10

TRIBUTO

Á MEMORIA

DE

SUA MAJESTADE FIDELISSIMA

O SENHOR

DOM PEDRO QUINTO,

O MUITO AMADO,

POR

Castilhos, Antonio e José.

RIO DE JANEIRO

EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, 77.

1862

V/4/30

PELO THRONO , AO IRMÃO .

PELO SANGUE , AO TIO .

PELA ESCOLHA , AO DUAS VEZES PADRINHO .

PELO AFFECTO , AO AMIGO .

PELA INTELLIGENCIA , AO EGUAL .

A SUA MAJESTADE IMPERIAL

O SENHOR .

D. PEDRO SEGUNDO

cujo coração
deve forçosamente achar-se coberto de lucto ,

o .

CASTILHOS , ANTÓNIO E JOSÉ .

NO TRANSITO
DO
SENHOR REI D. PEDRO V.

I

AD SIDERA PALMAS

No monumento público
lidaste o dia inteiro,
desd'alva até ao véspero,
Joven, Real obreiro.

Limpa o suor da púrpura
ao fúnebre lençol;
vae receber a fêria;
descansa ; é posto o sol !

Aos do porvir artífices
dêste não visto exemplo :
junctaste um lanço amplissimo
da humanidade ao templo.

Foi-te a semana aspérrima ;
prostrou-te ; mas, valor !
Chégaste ao dia séptimo,
ao dia do Senhor.

Sóbe aos eternos júbilos,
ao throno verdadeiro ;
no rôsto melanchólico
abre o sorrir primeiro.

Olha do Emypreo os pórticos
áureos com mil tropheos !
Ouve !... « Bem vindo, ó Príncipe,
« bem vindo aos pátrios céos ! »

Quatro Reaes espiritos,
d'anjos sem conto á frente,
ao som d'argêntas citharas,
aos pés do Omnipotente,

alçam em côro um cântico
de hosanna triumphal
— ao que lhes juncta glórias
à glória perennal !

Quem são ? O Avô philósopho,
Imperador soldado ;
a Mãe virtuosa, o idolo
d'um reino libertado ;

a Esposa, flor ephémera ;
o idolatrado Irmão.
Tirando a c'róa cívica
por sua augusta mão :

« Vem, Neto meo magnânimo
— diz o guerreiro invicto —
« Eu não passei de Rómulo,
« tu foste Numa e Tito;

« recebe-a pois; pertence-te;
« lá, duas abdiquei;
« em ti abduco a última;
« sinto-me em dóbro Rei. »

Então a Mãe, entre ósculos
cingindo o charo Filho,
alça na dextra auréola
de sempiterno brilho,

e impõe-lh'a. « Quando o tûmulo
« me-reclamou — lhe-diz —
« tremi por nossa pátria
« em mãos tão juvenis.

« Se escorregar no sólio!...
« Se esquece a liberdade!...
« Se o-rodearem pérfidos!...
« Se o-cega a majestade!...

« Se da lisonja ao hálito
« o vicio o adormentar !...
« Se em fim lhe-fôr patíbulo
« o que eu lhe-deixo altar !...

« Que transe, ó Deus, que angústia
« ao coração materno !
« Salvae-m' o vós. E pállida
« me-adormeci no Eterno.

« Não foi baldada a súplica ;
« o Eterno me-escutou :
« foste, inda imberbe, máximo,
« como nas cans o Avô.

« Mas toda a c'róa (e invejam-n-as!)
« tem fatal pézo ; e a sorte
« multiplicou-o ao cêntuplo
« na que eu te-dei por morte :

« tressuas sangue... ampáral-a...
« trepidas... cai-te aos pés...
« baqueias ; nobre vítima,
« surge ; immortal já és !

« A c'róa d'astros fúlgidos,
« que á tua fronte imponho,
« não prostra, não faz míseros,
« não passa, não é sonho ;

« estrellam-n-a carbúnculos ;
« foi co'os martyrios teos
« que os-fabricou tão vívidos
« a própria mão de um Deus. »

« Vem, adorado cónjuge,
— a terna Esposa exclama —
« cá se-restauram vínculos
« que a morte não destrama ;

« és meo, sou tua ; o thálamo,
« que lá sumiste em dó,
« ornam-n-o aqui balsâmicas
« rosas de Jericó ;

« tolda-o docêl cerúleo
« de estrellas fulgurante ;
« é no aposento lâmpada
« lua jámais cambiante.

« Côro de virgens cândidas
« nos-fada amor sem fim.
« Um paraíso incógnito
« nos-serve de jardim,

« onde entre as francas árvores
« da VIDA, e da SCIENCIA,
« nos-rulha a pomba mistica
« ternuras e innocencia.

« Cá, saciarás a indómita
« cubiça do saber ;
« cá, vida de relâmpago
« se-abre em perpétuo ser...

« Perpétuo ser! (oh! éxtasi!)
« e ante o Senhor unidos!
« Olha esta c'roa, dádiva
« da terra entre gemidos;

« cingi-a na hora fúnebre,
« em que, tão só, parti!
« saudades são; no Emyreio
« inda as-guardei por ti.

« Flores que nutre ausencia,
« a posse vos-desterra;
« ereis do chão das lágrymas,
« volvei de novo á terra. »

O Irmão, alma virginea,
c'roadado de cecens,
lhe-mostra ovante o innúmero
dos ineffaveis bens.

« Ao valle das miserias
« que pêso te-prendia
— lhe diz — « que espero ha séculos
« ver-te no eterno dia?

« Eras o primogénito,
« e eu precedi-te; eu sou
« quem ao fugir do ergástulo
« os teos grilhões quebrou.

- « Abraça-me , e agradece-m'ó.
« Olha e compara : o mundo,
« antro da insciencia e dúvida ;
« d'eros mar vasto e fundo ;
- « brenha de féras rábidas ;
« vergél sobre volcões ;
« reino em que a morte é déspota ;
« urna das gérações ;
- « confuso abysmo em vórtice,
« fallaz, horrendo, immundo ;
« sem luz mais que um crepúsculo...
« é isso, é isso o mundo !
- « Cá, tudo é fausto e sólido ;
« cad' hora é de annos mil ;
« de idade a idade medra-nos
« sempre mais verde abril ;
- « respira-se nos zéphyros
« amor, prazer, bondade ;
« bebemos a sciencia
« na própria Divindade ;
- « em salas d'ouro e pôrphyro,
« com tectos de ouro e azul,
« pousa-se em thronos lácteos
« de alto marfim curul ;
- « e à luz de mil sões trémulos
« em lustres diamantinos,
« se-lem nas sacras páginas
« mystérios e destinos ;

« contempla-se o pretérito ;
« devassa-se o porvir ;
« e ao Trino, ao Uno, ao O'ptimo,
« faz-se o louvor florir.

« Depois festins e néctares,
« no mundo nem sonhados ;
« passeios e tripúdios
« por feiticeiros prados,

« d'onde, furtiva e tácita,
« vem cada ante-manhã
« flores colher puniceas
« aurora alva e louçã.

« Collinas desde o pincaro
« vestem-se até ás faldas
« co'as selvas mais umbríferas
« de vivas esmeraldas.

« Nesses recessos plácidos,
« aligeros Orpheos ;
« os seraphiãs terníssimos
« cantam em côro a Deus ;

« e ao seu concesso mágico,
« respondem, resonantes,
« canoros e prismáticos
« Niagaras de brilhantes.

« Ouves ao longe Pindaros
« nas lyras a exaltar
« da crença os heroes mártires,
« e sobre o circo o altar.

« Ouves em gruta flórida,
« matriz de sacra fonte,
« cantar novas delícias
« piedoso Anacreonte,

« ou Sapphos, que, abrazando-se
« em não indigno amor,
« votam ás virgens sábias
« as cordas do *Sinor*.

« Cad'arte, lá no ínfimo
« orbe terreno e escuro,
« almeja algum revérbero
« de um ideal futuro ;

« todas aqui de súbito
« o-incontram já sem véos !
« A poesia, a música,
« vem triumphar nos céos.

« Que digo ! Outra prophética
« ância do instincto humano
« foi sempre achar o archétypo,
« vêr do universo o arcano,

« as causas dos phenómenos,
« as leis de cada ser,
« e ao grão complexo harmónico
« seo Génesis tecer.

« Só quem o lôdo esqualido
« despiu na sepultura,
« e alado rei, como águia,
« 'sôbe á suprema altura,

« pôde acalmar taes áncias.
« Livres em Deus, só nós
« vemos o immenso, o mínimo,
« o intimo. Veloz

« um nosso adejo os términos
« alcança do universo.
« Neste espantoso dédalo,
« todo entre si diverso,

« como n'um bosque os pássaros
« de ramo em ramo vão,
« de sol em sol libérrimos
« girámos na amplidão ;

« lustrámos as myriadas
« de seos feudaes planetas ;
« o conto, o nome, as indoles
« sabemos dos cometas.

« Em cada, opaco ou lúcido,
« mundo, que roda, e vai
« na imprescriptivel órbita
« ao nuto de Adonai,

« achámos (oh! prodigio !)
« que luz, calor, grandezas,
« variam, variando-se,
« milhões de naturezas ;

« mas todas vivas, próvidas,
« formosas de assombrar ;
« todas co'o mèsmo anhélito
« de sciencia e de adorar ;

« todas em voz unisona
« imchendo a immensidade
« co'o psalmo solemníssimo
« de GLORIA À DIVINDADE !

« Servo fugido ao cárcere,
« gosa o domínio teo !
« dá graças á innocencia
« que em ti resplandeceu,

« e foi, entre os heroicos
« teos dons fascinadores,
« como um argênteo lyrio
« em vaso de mil flores.

« Cingindo a fronte régia,
« como eu, d'estas cecens,
« Alma gentil sem mácula,
« entra aos ignotos bens. »

Dice. — Entre os quatro espiritos
o triste, alfim ditoso,
toma o diadema civico,
toma o de virtuoso,

acceita o de alma ingénua !
o das saudades... ai !
voltou á terra fúnebre ;
tem-n-o os Irmãos e o Pae.



II

SOLATIA VICTIS

Sob o céu festival, geme e negreja a terra ;
a dor que innoita o paço a todo o povo aterra ;
pende os braços a indústria ; estão sem voz as leis ;
chora o bronze do templo ; ulula o da batalha :
é que a vista carnal só vê fria mortalha
onde brilhava, ha pouco, a púrpura dos reis.

Se ella ousasse do pó subir ao firmamento,
como ao clarão da fé e á luz do intendimento,
em gala a multidão calcára o lucto aos pés !
O féretro do heroe não vai de nós banil-o ;
vai lançar-se á corrente indomita de um Nilo,
que do nadante berço extrahirá Moysés.

Cobri-o de festões e bençãos á porfia ;
junquem flores e louro a amargurada via
que desce do áureo throno ao pantheon real.
Se o crepe nos-insombra, e nos-alaga o prancto,
não é por elle já ; nosso mortal quebranto
provém d'esta viuvez que obumbra Portugal.

Não se deplora o justo em paz adormecido ;
a intrada do moimento, onde vai ser descido,
rescende a paraiso, é pórtico de luz.
Se alguém diante d'ella ousasse pôr cyprestes,
em louros os-trocára o anjo, que tão prestes
fez radioso trophéo de uma espinhosa cruz.

Por vós só, que inda estais com o infortúnio em lucta,
continuae o choro e o dó que vos-inlucta,
multidões que lhe-heis dado o derradeiro adeus ;
cada um no seo lar sente um vasio horrendo,
como quando, alta noite, a morte andou correndo
de pousada em pousada o Egypto á voz de Deus.

Chora o poeta, o sábio, o artífice, o guerreiro,
o religioso, o inferno, o pobre ; um reino inteiro ;
cada qual sente murcha uma esperança em flor.
Mas sobre tudo chora a eschola, o ninho obscuro,
onde se-nutre e impenna a águia do futuro,
e que a-sente morrer faltando-lhe o calor.

Quem, entre tão geral, tão mísera orphandade,
ousará mendigar, em nome da saudade,
um frio monumento, um bronze inerte e vão !
Temem deslumbre um pae ? Que pedra eguala a história ?
Um colosso caduco é symbolo da glória ?
Se a pyrâmide assombra, os Pharaós quem são ?

Recuae, refugi, vaidosos monumentos,
d'ante o sério varão d'austeros pensamentos,
em quem o bom Trajano amára um grão rival ;
e que ao público bem pospondo illusões fátuas,
faria amoedar o ouro de mil estátuas
por ver mais uma estrada, abrir mais um canal.

Se é mister um padrão a quem não teme o olvido
alçae-lh'o ao menos tal, que em benções envolvido
lhe-attraia lá de cima um paternal sorrir ;
seja um templo de amor : a escola. No recinto
se-intõe, e no frontão se-doure : A PEDRO QUINTO
O POVO PORTUGUEZ, CO'OS OLHOS NO PORVIR.



A SUA MAJESTADE

EL - REI

O SENHOR D. FERNANDO II

Pois que artista e poeta ao mesmo fogo interno
devem seo resplendor, e Deus os-fez irmãos,
ao Rei-artista em choro o vate em dó fraterno,
sem ousar consolal-o, oscula, aperta as mãos.

Pousa-lhe mudo ao lado, e juncta prancto a prancto ;
mas quando vem de longe um echo animador,
dirá: « Prestae-lhe ouvido ! inviam-vos um canto,
lá d'entre o cyprestal, crença, esperança, amor. »

A. F. de Castilho.

A SUA MAJESTADE

EL-REI

O SENHOR D. LUIZ

Se é péso enorme o sceptro ao braço mais robusto,
que será, quando cai da mão de um Divo Augusto
em dextra fraternal que a dor desfaleceu !
que será, quando vem de fructos avergado,
promessas verdejando, em prancos alagado,
como esse que hoje é vosso e que era ind'hontem seo !

Haveis de o-sustentar (bem sei), que a heroicidade
é já madura em vós, quando alvorece a idade ;
Haveis de ser Rei grande, após um grande Rei.
Mas que esforço e que estudo exige ess'alta empreza !
Quanto é mister vencer a propria natureza,
e antes de impol-a aos mais, saber impor-se a lei !

Nós, podemos chorar ; nós, povos, nós, a turba ;
mas a dor que infraquece, e o ânimo perturba,
é-vos defêsa a vós, bem que orphanado irmão.
No alteroso baixel, guarnição, equipagem,
passageiros, que monta ! os fados da viagem
cifram-se no velar do homem do timão.

Responsavel commum no tímido elemento,
velae pois. Vôe emb'ora a vista ao firmamento,
de lá vos-clama esforço um régio inspirador.
Esfôrço ! PEDRO-E-AVANTE, em mais feliz reinado !
Recebeis todo um povo oppresso e consternado ;
trocae-lhe o lucto em glória, em júbilos a dor.

A. F. de Castilho.



O SENHOR DOM PEDRO QUINTO



O SENHOR D. PEDRO V (*)

Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas
Regumque turres !

I

S. Vicente de Fóra. O Sr. D. Pedro V. A régia necrópole brigantina.

À porta do majestoso templo de S. Vicente lá bate apressado mais uma vez, duas vezes, tres vezes o anjo da morte ! o que só parece distinguir das choupanas os paços para sobre elles redobrar suas iras.

— « Quem bate ? »

— « E' S. A. S. o Sr. D. Fernando de Bragança. »

— « Quem bate ? »

— « E' S. M. F. o Sr. D. Pedro V »

— « Quem bate ? »

— « E' S. A. o Sr. Infante, Duque de Beja. »

— « Quem bate. ? »

(*) A primeira impressão d'este escripto viu a luz no *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, com dimensões menores. Foi um improviso traçado no dia immediato ao da chegada da funesta noticia a esta côrte.

Morreram todos !

É morto o rei !

A grande cabeça — o coração generoso — o braço valente ; a cabeça, ante a qual todos passavam abaixando-se — o coração, em que doíam as dores de todo um reino — o braço, que para todas as misérias se-estendia, assim como para a perpétua defêsa de um estado ; sol nado de esperanças ; tudo isso que nós vimos, e ainda nem comprehendemos como poudes passar.... passou !

Descoroada a fronte do rei, equalado á sorte do mortal ínfimo, eis o grande da terra reclinando a cabeça para mais a não reerguer :

*Sub tua purpurei venient vestigia reges.
Deposito luxu, turba com paupere mixti,
Omnia mors æquat.*

Volveu apenas cêrca de um quarto de século, depois que o chefe immortal da desditosa família foi collocar-se á sombra daquellas abóbadas sagradas, para presidir ao concilio dos seos, successiva e prematuramente chamados.

Não tinham tempo de esfriar as cinsas do heróe dos dous mundos, quando á fatal mansão se-lhe-ia unir o primeiro esposo de sua adorada filha, o príncipe Augusto.

Ainda hontem se-lhe-seguia a rainha sancta, aquella cujo nome inscrevemos no lábaro das cem batalhas, aquella por quem um povo inteiro se-êstremecia de affecto e gratidão.

Oito annos não eram decorridos, e septe cadáveres régios se-amontoavam ! — a irmã do libertador, Sra. infanta D. Anna, — a filha d'elle, a adoravel princeza Sra. D. Amelia, — o anjo que durante alguns mezes convenceu o Sr. D. Pedro V de que podia a felicidade não ser illusão na terra, a Sra. D. Stéphânia, — o infante Sr. D. Fernando, arrebatado na aurora da vida —

o próprio soberano, Sr. D. Pedro—e derradeiro nesta régia necrópole (oh! Deus queira que longos annos derradeiro), o duque de Beja, Sr. D. João de Bragança.

E todas essas nobres cabeças ceifadas, como as do filho, neta e filha do Sr. D. João VI, em todo o vigor da idade; ou como os príncipes Augusto, Amélia, Fernando, Stephânia, Pedro V e João, contando todos menos de 25 primaveras!

Illa rapit juvenes primâ florente juventâ.

Intrae, real renôvo da brigantina styrpe, intrae! Ha seis annos apenas que vosso augusto pae, aquelle em cujo coração todas as fibras vibram sentimento, religião, grandeza, amor, e a arte (no mais alto sentido da palavra) dispôs dignamente, para receber sua esposa, seos filhos, os avós de seos filhos, esse pantheon real. (1)

Saudar-vos-hão ahi os manes do Duque de Bragança, o que, sob o nome de D. João IV, arrancou a D. Philippe III a corôa usurpada, para collocal-a sobre a própria frente; o restaurador de vossa dynastia.

Incontrarêis o nobre e bellicoso joven D. Theodósio, o primeiro príncipe do Brasil, aquelle, que tammanhas cousas promettia, o que só uma vez desobedeceu a seo pae, practicando uma temeridade em prol da pátria, e que, censurado por seo arrojo, succumbiu á languidez e paixão.

Lá verêis sua adoravel irman, a princeza D. Joanna, morta no mesmo annó, e da edade da vossa esposa.

Estará ausente a Sra. D. Catharina, que foi cingir o diadema da Gran-Bretanha, mas outras fontes coroadas vos-sairão ao incontro, as dos Srs. D. Affonso VI, D. Pedro II, D. João V, D. José I, D. Pedro III, D. João VI, D. Carlota Joaquina, D. Pedro IV, e as, tão vossas conhecidas, de vossa mãe e esposa, e depois as de vossos irmãos, e de outros numerosos e gloriosos príncipes, aos

quaes ordenou o Rei D. Fernando que se-aggregassem as cinsas de outro, tambem infeliz, tambem príncipe, tambem immortal, Luiz de Camões.

Intrae, senhor. neste alcáçar da morte, em que a memória dos grandes vive e se-perpetúa ! Intrae. que as cinsas de todos esses próximos parentes vossos estremecerão, ao verem-vos penetrar na casa marmórea do seo fúnebre festim.



II

Tenta-se uma apreciação, não uma biographia.

É, pois, chegado o dia da apreciação. O cérebro que perfumes de lisonja podessem embriagar, já não pensa. O coração, a quem pertendesse fascinar-se, já não sente. As mãos que houvessem de derramar liberalidades, já a morte as-gelou, para se não abrirem mais. Como ousaram os habitantes das margens do Nilo, póde hoje o rei defuncto ser julgado com imparcialidade. Ergamos a voz sem temor. Se nos-acoimarem de lisonjeiros cesáreos, será de cadáveres ; áulicos? da morte ; cortezãos? da desgraça.

Não tentaremos uma biographia. Traçar os feitos e as acções do desventurado monarcha, narrar os successos a que se o nome se-liga, não é para este logar, para tal dia, nem para penna tal. Que valem pòmpas necrológicas, tentativas de pállidas eloquências, ante eloquência tão real, tão palpavel, tão incontrovertivel, como a da dôr lancinante de um povo inteiro? Nem uma só voz, nem um só coração, se-arranca a este côro universal; nem ha facúndia equivalente ao sentimento de terror com que o

horrendo successo nos-fulminou. Estátuas em monumentos, inscripções sepulchraes no mármore ou no bronze (derradeiro tributo, e muitas vezes mentido, das humanas vaidades), diriam menos que o pathético epitáphio... de lágrymas, com que uma geração inunda o corpo exànime do seo rei.

Aturdidos pelo rude e violento golpe com que á Providencia aprouve experimentar os ânímos não preparados da nação fidelíssima, recordemos, molhada a penna em prancto, quem era o excelso vulto, hontem objecto de nossas affeições mais vivas, hoje inanimado ornamento da historia.



III

Nascimento do Sr. D. Pedro. Sua estyrpe. Sua educação. Instrucção. Indole melancólica.
Viajens. Accolhimento no estrangeiro. Anecdota em Paris. Exaltação ao throno.

O Sr. D. Pedro de Alcântara , quinto rei do seo nome, neto do Sr. D. Pedro-o-Grande , sobrinho e afillhado do Sr. D. Pedro II, e a quem, por tantos títulos, cumpria corresponder á majestade de nome tal, nasceu, sob infausto horóscopo , a 16 de septembro de 1837 , sendo jurado como príncipe real e herdeiro da corôa aos 26 de janeiro de 1838.

Não conhece o globo mais fidalga dynastia que a do excelso monarcha , que , tanto por linha materna como paterna , tem sempre , desde mais de mil annos, ido contando os thronos em suas ascendências , e successivamente ligando-se com todas as mais egrégias casas da Europa.

Pesadas obrigações impunha ao Sr. D. Pedro o brilho de sua raça ; d'ellas se-desimpenhou até onde sorte avara lh'o-consentiu.

A Sra. D. Maria II, não menos mãe sublime, do que rainha exemplar, esposa admiravel, e mulher forte, ro-

deou aquelle real berço do mais profundo, como do mais illustrado affecto. Todas as horas livres da governança do Estado, inteiras as-consagrava á educação desveladíssima da sua prole. Era ella mesma a mestra, a educadora, a constante companheira de seos filhos. Para todos escolhêra abalisados professores; em todas as disciplinas os -acompanhava com um fervor, como se cada um d'elles houvesse de fazer profissão do insino. Em tão picdosas e patrióticas diligências era sempre auxiliada pelo augusto esposo, príncipe de raros dotes, e cuja variada e vasta instrucção sobredoura o fulgor de tão esplêndido sólio.

A educação do Sr. D. Pedro foi, porém, desde o primeiro dia, incaminhada para os altos destinos que a sua primogenitura lhe-reservava. Seos vigilantes progenitores se-esforçaram por dotar o paiz, não só de um sábio, não só de um virtuoso, mas tambem de um rei e de um pae.

Lançadas as sementes em terreno ubérrimo, para logo se-desataram em fructos de copioso saber. Cautelosamente aproveitados todos os instantes, de perto se-seguiu a madureza á germinação; que, nestas naturezas privilegiadas, algumas vezes se-tem visto o sol romper da alvorada para instantâneo ir collocar-se no zenith (Ai! que, tambem outras, d'esse zenith se-desprende, como agora, para no nadir se-precipitar e desapparecer).

Não ha, nas classes litterárias, quem mais matérias, nem com mais aproveitamento cursasse do que os dignos filhos da Sra. D. Maria II, e especialmente os dous mais velhos, cuja orphandade materna tinha de começar em menos verdes annos. (2)

São unânimes os testemunhos de todos seos insuspeitos preceptores, reconhecendo a vastidão da intelligência, a rapidez da comprehensão, o amor do estudo, a benevolência e delicadeza do tracto, o precocíssimo e omnímmodo desinvolvimento do seo real alumno. (3)

Já, porém, nessa idade tenra, quando ainda o anjo

da morte nem rareado tinha as fileiras da exemplar familia, quando ao contrário, tudo parecia, em horizontes dourados, dever sorrir á imaginação do herdeiro de throno tal, era esse menino apprehensivo, brandamente triste, propenso a ideas lúgubres. Um exemplo, entre mil (4):

Conta-se que, na edade de 10 annos, achando-se infêrmo o príncipe D. Pedro, como frequentemente lhe succedeu, e ardendo em febre, no dia 27 de novembro de 1847 (sempre o nefasto novembro!), cedendo a um somno perturbado, durante o qual se-lhe-ouviam intercortadas palavras, prestes se-ergueu do leito, com os olhos abertos e o espanto desenhado no semblante. Passados alguns instantes, e ainda impressionado do pavoroso sonho, contou que elle e seo irmão Luiz entrelaçavam os braços, ao collo de sua mãe, quando ouviram um medonho bater d'azas, e duas garras aduncas rodearem-lhes as cintas. Surda aos maternos brados, enorme águia que os-impolgara, voara com ambos ás nuvens; alli abrira as prêsas que a elle mesmo retinham, precipitando-o de roldão no espaço; e tornando a baixar á terra, pousara suavemente sobre um tapete de flores o querido irmão. (5)

Era chegada a edade dos 16 annos, juventude sem adolescência nem puerícia, ou antes edade varonil sem juventude. As occupações, as distracções, os prazeres que, ainda nas classes mais desfavorecidas da fortuna, sóem em taes annos inflorar dias que descuidosos se-espreguiçam, não matizaram esses do príncipe real. Costuma distinguir-se cada época da vida por seo peculiar género de felicidade. Felicidade? Só uma vez a-pôde entrever o Sr. D. Pedro, e essa tão fugaz que como relâmpago surgiu, illuminou e esvaeceu-se, para lhe-mergulhar a alma em mais atras e fuliginosas trevas do que antes.

A adorada mãe, a amiga, a mestra, a guia, era, no luctuoso 15 de novembro de 1853, arrancada pela morte

ás delicias de uma família, que, por suas qualidades patriarchaes, houvera sido modèlo em qualquer gráu da escala onde o destino a-tivesse collocado. Já o coração do Sr. D. Pedro estava maduro para comprehender a extensão de tão irreparavel perda: — « Ai, minha querida mãe (ouviam dizer ao inconsolavel adolescente)! De-
« testo o throno, que era onde tu te-sentavas. Para haver
« nelle logar para mim, era mister perder-te. Abomino
« a majestade que tão caro me-é vendida, a trôco de
« minha adorada mãe. » Nunca a ferida assim rasgada no peito do filho se-cicatrizou jámais, que até á sua morte o nome da mãe idolatrada se-uniu sempre ás mais saudosas recordações, e o desatar dos vínculos mundanos se-lhe-affigurava suave, quando lhe-estrellejava a alma a idéa de eternamente se-agregar á mãe e á esposa, nos córos celestiaes.

Pagava, pois, a Sra. D. Maria II o seo feudo ao soberano dos soberanos, e o Sr. D. Pedro choçava a desgraça de subir de príncipe a rei.

Emb'ora sazoadada a intelligência, a idade, sem poder acompanhá-la, arrastava-se immatura. A lei que, não dá normas para as excepções raras, ou para os Césares madrugadores, de quem o poeta dice :

Cæsaribus virtus contigit ante diem,

a lei fundamental do Estado não permittia que o príncipe real tomasse ainda o temão da alterosa náu.

Dous annos tinham de passar-se sob a grata e branda regência do Sr. D. Fernando, o qual, realizando o projecto da augusta finada, intendeu conveniente que esse prazo fosse aproveitado pelo joven rei em percorrer as principaes nações da Europa, estudando estranhos usos, observando o funcionar das várias instituições, inquirindo os adeantamentos para imitação, os defeitos para obstar-lhes, cultivando pessoalmente as relações que ten-

dessem a facilitar-lhe a sua árdua missão, tractando as testas coroadas e fazendo-se d'ellas estimar; aperfeiçoando, finalmente, a sua luzida educação com aquelle complemento, que o grão épico reconhece em quem

.... mores hominum multorum vidit et urbes.

Em 1854, apenas findo o prazo do lucto carregado, transportou o vapor *Mindello* a Londres o Sr. D. Pedro V, que em seguida se-dirigiu á Bélgica, Hollanda, Prússia, Austria e a Gotha (para conhecer e amar a terra onde seo pae nascêra); depois a França; e por Inglaterra regressou ao seo reino. No anno immediato e em egual mez, renovou suas viajens, percorrendo a França, Nápoles, Sicília, Piemonte, indo a Roma receber a benção de Sua Sanctidade (que tão cedo tinha de telegraphicamente lh'a-repetir, *in articulo mortis!*); passou á Suisa, admirou as margens do Rheno, e pela Bélgica e Inglaterra volveu a Portugal.

Em todos estes logares, os paços soberanos, os altos salões, a imprensa dos vários idiomas, tudo retumbou com encómios ao joven monarcha, cujo reinado se-futurava auspicioso, esplêndido de esperanças.

Entre muitas instructivas anedotas que então se-recolheram, apenas aponctaremos uma, a que, apezar da apparente insignificancia, ligamos apreço, pela significação do apophthegma.

Um dia, em seo trânsito por París, appresentando-se -lhe um compatriota nosso, que alli estava seguindo estudos, começou este a dirigir-lhe um discurso em francez, em meio do qual interrompeu-o o Sr. D. Pedro, perguntando-lhe, em vernáculo:

— « Reside em França ha muito tempo? »

— « Ha dez mezes, Real Senhor. »

— « Só! (redarguíu o principe) depressa esqueceu a sua língua. »

Raiou finalmente nesse anno o dia 16 de setembro, em que o melhor dos paes, depositando a honrada corôa entre as mãos do seu filho amado, lhe-prestou, como toda a nação jubilosa, juramento de fidelidade. Não era uma cerimonia frívola, ostentação inane; era crença geral num formoso horizonte que todos previam, mas que para logo tinha de mergulhar-se nas profundezas das trevas.

São de hontem essas festas, com que Portugal inteiro, templos como campos, palácios como cabanas, fortalezas como casacs, victoriou o esperançoso rei. Na terra de Sancta-Cruz, e nas praias mais longinquas, banhadas pelo oceano, em toda a parte onde palpita um coração portuguez. foram eguaes os votos.

Apparência ingannadora e falsa, illusão, chimera, miragem! São assim os cálculos humanos; tambem no moral demoram as Tarpcias contra os Capitólios. Dizei a esses olhos scintillantes de alegria, que amanhã se-arrazarão de lágrymas. Dizei a esses templos ingrinaldados e festivos, que amanhã receberão em seu seio a eça real. Dizei a esse trajar garrido, que amanhã se-trocará em lucto. Dizei a essas rosas e palmas, que amanhã se-converterão em cyprestes ou saúdades. Dizei a esses alegres canhões, que amanhã, de quarto em quarto de hora, soluçarão brado de morte.

Vae, desditoso soberano! Recebe a tua corôa; corôa de espinhos será ella, que se pétalas de rosas a-entremassem, nem de seccar teriam tempo sobre tua augusta frente!



IV

Meditações do rei, ao impunhar o sceptro. Seo primeiro impenho foi cravar um prego no carro das revoltas e perturbações.

Eil-o com as rédeas do govêrno. Calaram-se as girândolas e os hymnos; apagaram-se as luzes dos *Te-Deums*; correu-se o panno ás scenas extraordinárias do apparatus; introu a sociedade em suas condições normaes.

E que se-passou então naquella mente? Que pensamentos lhe-tumultuaram? Que programma de reinado traçou elle a si mesmo? A julgar pelos factos, cremos ter esta sido a solução de suas altas meditações.

— « *Eu, descendente de longa série de reis, tenho por dever respeitar a majestade das tradições. Eu, joven, devo personificar a joven sociedade. Cumpre-me ser, conjunctamente, filho da minha raça, homem do meo século.*

« *Revôltos vão os tempos. Nasci em 1837; quatro annos apenas haviam decorrido, desde que minha mãe definitivamente recobrára seo throno; e todavia, o anno do meo nascimento foi incravado entre dous de revoluções e distúrbios: Tumultos em 1836, e em 1838, e em*

1842, e em 1844, e em 1846, e em 1848, e em 1851; perda do monarcha em 1853.... Oh! a primeira necessidade é a paz, que, sem ella, nem ha fé nas instituições ou no futuro, crédito, confiança nem progresso.

« Coube a meo avô a obra da espada, a conquista da pátria, do throno, da liberdade; foi a época das luctas, dos mártires, dos prodígios. Coube a minha mãe antepôr-se como dique ás ondas da ressaca, aos rôlos que a braveza do mar politico, ora arremessava á praia, ora d'ella arrebatava; foram os dias tambem tempestuosos da regeneração, com suas lamentaveis peripécias. Minha missão será a do progresso pacifico, da plena liberdade práctica, das victórias da intelligencia, do desinvolvimento paulatino, mas firme, de todas as fôrças vivas da sociedade a que presido. Possa o meo nome ficar ligado a um período de tranquillidade e melhoramento, exempto de lágrymas e sangue. »

E ficou!



V

De como essas revoltas e perturbações se-tinham constantemente reproduzido de tres em tres annos, desde o começo do século.

E ficou, dizemos. Ou seja coincidência, ou consequência, a história pátria contrapõe estes oito annos de paz octaviana ás permanentes crises de mais de meio século, que, como intermittências de dous ou de tres annos, haviam constantemente gerado os motins, as insurreições, ou os graves successos que tão proximamente iam fazendo que a agitada nação sossobrasse e se-afundisse.

Querêis notar o estranho influxo d'esses triénnios climatéricos, em todo o presente século político, em Portugal?

Rompia o anno de 1801, quando a perda de Olivença e de uma parte da Caienna, em nossos brios e interêsses nos-feria.

Tres annos depois, em 1804, coroava-se em París o homem que havia de occasionar irreparaveis estragos ao reino.

Tres annos depois, em 1807, se-realizava a invasão franceza em Portugal, após a qual a real familia se-transferiu para o Brazil.

Tres annos depois, em 1810, se-firmava o ruñoso tractado do commércio com a Inglaterra.

Tres annos, porém, depois, em 1813, após gloriosas batalhas intrava o exército portuguez em França; verificando-se em 1814 o grão successo de Waterloo, que socegou as amiaçadas nacionalidades.

Tres annos depois, em 1817, Gomes Freire de Andrade expiava com seos illustres companheiros no patíbulo o prematuro de suas aspirações; e successos tambem deploraveis, em Pernambuco, inluctavam os pátrios fastos.

Tres annos depois, em 1820, a grande revolução liberal, que obrigou o monarcha a regressar á Europa.

Tres annos depois, em 1823, e já separado o Brazil, é destruída a constituição, volta o absolutismo com o Sr. D. João VI, e ostentam-se logo após, pela vez primeira, os planos do Sr. infante D. Miguel.

Tres annos depois, em 1826, morre o Sr. D. João; volta o paiz ao regimen constitucional, com a Carta; abdica o Senhor D. Pedro.

Nem bem se-completavam tres annos, em 1828, quando o Sr. D. Miguel, servindo-se da regência por seo irrinão confiada, dissolveu as câmaras, e se-fez acclamar pelos tres estados rei absoluto.

Tres annos depois, em 1831, o Sr. D. Pedro, depois de abdicar tambem a corôa do Brazil, regressa á Europa, onde sem descanso incepta logo essa epopéa, que o-exalta ante a memória dos séculos.

Tres annos depois, em 1834, põi-se termo á guerra fratricida; e o libertador, apenas, de um revez de espada, derrubou da cabeça do irmão a corôa usurpada, apenas conduziu a filha ao throno de seos avós, curvou a cerviz oppressa pelas fadigas das ba-

talhas e pelo pêsso dos louros, e mandou que, arrancado o coração, fôsse perennemente illustrar o grão theatro de suas façanhas.

Não eram de todo volvidos tres annos, quando, em 1836, uma nova revolução vinha patentear que ainda os tempos não eram maduros, e que se a causa da liberdade recrudescia em exigências, a, não menos sancta, da ordem nem aurora do seo dia via sequer despontar.

Nem chegou ainda ao triénnio crítico, quando, em 1838, se-proclamava uma nova constituição, contra a qual se-batiam exércitos nos campos de Ruivães.

Tres annos depois, em 1841, e primeiros mezes de 1842, um terremoto arrazava a ilha Terceira; uma alluvião opprimia a da Madeira; mas uma grande revolução política, denominada *Restauração*, destruía a ordem de cousas revolucionária, restabelecendo a Carta.

Tres annos depois, em 1844, após longa e artificial excitação dos ânimos, levantavam-se gritos sediciosos por todo o reino, e nova revolta armada ía, após grandes sacrificios, succumbir ante os muros de Almeida.

Em menos de tres annos, no de 1846, egual e mais perigosa agitação; baqueia o governo legal perante as exigências de uma situação triumphante; é amiaçado o paiz com a pêsda da dynastia e das instituições, até que em 6 de octubro se-restitue ao throno o podêr, á pátria a confiança.

Menos de tres annos eram passados, em 1848, quando o furacão revolucionário, devastador da Europa, obrigou a immensos esforços para estabelecer na Península um cordão sanitário contra a invasão de taes pestes; então se-deu, na governança do paiz, uma reacção que lhe-restituiu os serviços de conspícuos cidadãos.

Tres annos depois, em 1851, Portugal se-via a braços com outra nova revolução ovante, e a denominada *Regeneração* estabelecia diversa ordem de cousas.

Não eram findos tres annos, quando, em novembro de 1853, a malfadada rainha dava a bella alma ao Creador, fúnebre remate de tão constantes e lamentáveis vicissitudes.

VI

Por opposição, são os oito annos de reinado do Sr. D. Pedro os únicos de inalteravel socêgo. Retrospecto sobre o reinado da sancta rainha a Sra. D. Maria II, quanto a este assumpto.

Em circumstancias taes, começou o reinado do Sr. D. Pedro V ; e esse, que tanto deplorava os eflúvios de infelicidade que da sua pessoa imaginava irradiarem, teve ao contrário a ventura de que na regência do pae em seo nome, e durante todo o seo governo, se-quebrasse o talisman de todo um século, pois os últimos oito annos representam o período de mór socêgo, de que ha sessenta, ou talvez cem se-ha gozado! (6)

Mas, nem se-impute esta differença, apressemos'-nos a proclamar-o, a alguma imaginária impopularidade da sancta rainha, ante cuja memória veneranda ainda hoje todos os corações honestos ajoelham. Já vimos que essa tempestade (soprada no fim do século passado pelo Eolo da revolução franceza) abraçou os reinados da Sra. D. Maria II, do Sr. D. Pedro IV, do Sr. D. João VI, da Sra. D. Maria I. Essas convulsões, externas ou internas, provieram das circumstancias, dos tempos, não dos reinantes.

E como poderiam ódios não desarmar-se ante um coração angélico como o da Sra. D. Maria II? Aquelle amor intensíssimo com que abraçava seos filhos, e seo esposo, aquelle sentimento congénito de tão nobre alma, não podia diversificar para com seos súbditos, para com seos leaes soldados (que todos o-fomos), para com uma geração costumada a unir constantemente em um só motto, em um feixe de idéas, trino e uno—o nome della—o das instituições—o da pátria!

Que bárbara ingratidão não seria duvidar um instante de que só pelos seos povos se-desvelasse, a mulher sublime, que desde a infância se-intregou por elles ao oceano e aos combates; que, em sua atribulada existência, não teve um pensamento que não fosse heroico; que preparou sua prole para capitanear dignamente tal povo?

Nunca esqueceremos a firmeza com que, em certo dia memoravel, respondeu a respeitosas perguntas que ousávamos dirigir-lhe:

— « *Vá, e diga aos seos amigos que a rainha aprendeu desde o bérço a conhecer as misérias do throno; que os seos dias têm sido tão cortados de dissabores, que mais devêra ser objecto de compaixão que de invejas. Diga-lhes que ama demasiado seos filhos para não trêmer por sorte equal para elles. Mas diga-lhes tambem que, accetando o logar que a Providencia lhe-destinou, nunca recuará do seo pôsto: que poderia sem custo sacrificar a pessoa da soberana, a mulher; mas nunca sacrificará a instituição, a monarchia. Isso foi depósito sagrado; ha de transmittil-o intacto, como o-recebeu.* »

Nobre rainha! majestoso coração! Não; contra ella nunca, além de um punhado de energúmenos desprezados e desprezíveis, uma só voz se-elevou. As oscillações de que o seo reinado ainda se-resentiu, provieram, como dicemos, de circumstancias exteriores á sua pessoa. Pé-lago revolvido por temporal desfeito, como foi o das luctas

políticas findas em 1834, não se-apazigúa instantaneamente ; ainda durante algum lapso de tempo as ondas esbravejam, e se-escuta, afastando-se, o sibilar dos ventos e o ribombo do trovão.

Mas, gloria a Pedro V ! Foi em seos dias que terminaram as dissensões intestinas ; nem um motivo, nem um pretexto auctorizou em oito annos a erguer brado um só turbulento, de entre tantos que inluctaram os amargurados dias de sua ínclita mãe.



VII

O Sr. D. Pedro considerado pelo prisma dos seus actos públicos, e no desimpenho do « seu officio de rei. » A caixa verde. O exército. A segurança do reino. Regulamentos de administração. Estudo prático das necessidades dos soldados. Tractado da sciencia e arte da guerra. Esperanças nelle depositadas como general. Suas opiniões anti-Ibericas. Prémios ao valor militar. Nunca assignou um decreto de morte. Numerosas commutações de penas de degredo e outras. As possessões ultramarinas e o Sr. D. Luiz. Abolição da escravidão. Sua crença religiosa. Distincção com que o Sancto Padre o-honrou. Concordata. Clero. Seminarios no reino. Protecção á instrucção primária, á secundária, á superior. Seus discursos em materia de instrucção. Premios académicos conferidos por suas mãos. Creação de numerosas escholas primárias pelo seu bolsinho. Universidade. Polytechnica. Seus donativos para instrucção. Observatório do infante D Luiz. Creação de uma faculdade, sob o título de « Curso superior de letras. » Larga protecção aos mansebos talentosos. Seus discursos brilhantes. Viação publica. Caminhos de ferro na Europa e Africa. Obras públicas. Telegraphos eléctricos. Legislação sobre morgados. Extincção ou redução de impostos vexatórios. Estabelecimentos de caridade. Trabalhos estatísticos. Obras do visconde de Santarem. Exposição universal de Paris. Exposição do Porto. Sua predilecção por esta cidade. Suas excursões por todo o reino. Confiança e inriquecimento geral. Consórcio do poder e da liberdade. Seu cumprimento do dever por educação, juramento e dedicação.

Oito annos se-impregou o Sr D. Pedro nominal, seis effectivamente, no seu *officio de rei* (7); e nunca, em todos elles, teve o povo que lamentar uma vez acto censuravel do soberano.

Aspirando ao cognome de *rei popular*, resolveu, desde o primeiro dia, conhecer todas as misérias dos seus súbditos, para remedial-as; todas as suas queixas, para impôr

aos prevaricadores a pena do seo desagrado. Á porta do paço mandou collocar uma caixa, onde todos, poderosos ou desvalidos, ostensivos ou anónimos, podessem depositar suas representações; a chave d'esta caixa era exclusivamente sua; durante longo tempo, compulsou diariamente os numerosos papeis que nella eram lançados, e não raro provieram importantes actos seos de denúncias ahi exaradas. Permanente houvera sido este expediente, se loucos não tivessem culpavelmente abusado de uma tão preciosa concessão. Duvide-se emb'ora da conveniência de facultar assim, a anónimos, a calúnia, sob o manto da irresponsabilidade; de incutir no ânimo dos povos que o rei constitucional não depositasse plena fé na lealdade de ministros a quem taes investigações competiam; de lançar na mente régia indevidos germes de suspeitas. Mas reconheça-se que o impulso de providência semelhante foi paternal; desejou estabelecer contacto directo entre si mesmo e os súbditos; dar-lhes uma permanente e facil audiência; convencê-los de que os olhos do grande velavam pelos direitos dos desherdados; de que não admittia validos; de que contra a justiça era impotente o favor.

Intendendo Sua Majestade que neste século os usos (aliás deploraveis) da Europa, arrancam braços numerosos á cultura da terra, das artes, da indústria, do comércio, de todo o real progresso, para empregal-os sob as armas, e tendo por seos olhos presenciado o grau de desinvolvimento que os exércitos vão attingindo, resolveu robustecer em sua pátria o espírito militar, abalado pelas forçadas consequências das revoltas, sempre tão prejudiciaes á disciplina. Considerou que, achando-se o paiz em toda a sua extensão aberto a quaesquer inimigos por mar, e em contacto, por todas as suas fronteiras, com uma só nação (com quem vivemos em paz, mas que, se um dia a-desvairassem, poderia incommodar-nos), era mister olhar pelos elementos internos de defesa, para não ficar-

mos únicos desarmados em presença de toda a Europa, que, incostada ao punho da espada, aguarda não sabemos que futuros próximos.

Desde o primeiro dia, pois, do seo reinado, o Sr. D. Pedro concentrou esforços neste grave assumpto. Desejava elle que os soldados fôsem aguerridos e bem tractados; que os officiaes fôsem habeis, e de mui culta intelligencia. É phrase sua: *que a espada se não deve hoje separar da penna, e que os livros não desmerecem por mesclal-os a oliveira.* (Discurso aos alumnos da eschola do exército, em 1858.) Commissões idóneas foram incumbidas do estudo das nossas fortificações, dos nossos meios bélicos, da instrucção das tropas, das deficiencias do pessoal ou do material, da segurança da capital e das praças fortes, das fronteiras e dos portos. Tinha o Sr. D. Pedro por costume investigar as cousas por si mesmo. Descia a pormenores da administração; muitos regulamentos e disposições, que a outros se-attribuem, segundo as prescripções constitucionaes, emanaram da sua penna; mas em nenhumaes matérias com tanta frequência como nas militares.

Foi pessoalmente seo o grandioso plano de defensão da capital, que o prematuro da morte lhe-vedou ver levado a térmo. As innovações, neste ramo introduzidas nos exércitos europeos, eram logo theórica e practicamente estudadas, apressando-se a assistir ás experiências d'esses novos processos, sem embargo de sóes, frios, chuvas ou intempéries, como desgraçadamente succedeu quando, acompanhando-o sua joven consorte a uma de taes excursões patrióticas, nella grangeou a enfermidade que em poucos dias a-arrebatou. Vigilante pelo bem-estar dos soldados, surgia inopinadamente, de dia, de noite, nos quartéis; provava dos ranchos; examinava o arranjo interno d'essas casas, os leitos, os fardamentos, as commodidades do soldado; animadores encomios ou sentidas censuras, eram prémio ou castigo, e pinhor em

todo o caso de uma desvelada atenção dos superiores para a boa sorte de seos subordinados. Até, na sua pessoa, deu constantemente testemunho da affeição que lhe merecia a nobre profissão das armas; raríssimas vezes foi visto, após sua exaltação ao throno, senão em traje militar. Diz-se que, entre seos valiosos manuscriptos se-achou um *Tractado sobre a sciência e arte da guerra* (8).

Ignoramos se, em edade tão tenra, poderia já ter alcançado supremos conhecimentos, em táctica e em estratégia, príncipe em cujo reinado nunca em Portugal troaram canhões homicidas, sendo bem d'elle que Lucano podera ter dicto, relativamente aos términos do seo governo :

Pax missa per orbem
Ferreæ belligeri compescat limina Jani.

Ignoramol-o. Mas o conceito que d'elle formávamos, por tantas considerações ahi adduzidas, pelo conhecimento das virtudes de tão egrégio peito, pela memória do heroico avô, cujo sangue lhe-impunha ainda mais deveres que direitos, esse conceito provámol-o, quando ainda ha poucas semanas respeitosa-mente submettemos um trabalho sobre a *Questão Ibérica* ao Sr. D. Pedro V, recordando-lhe ser ao descendente do Sr. D. João IV, que ousávamos dedical-o. Oh ! que se as circumstâncias o-forçassem, mostraria não ter esquecido que o seo throno fôra, desde perto de 8 séculos, assente sobre o pavez dos soldados de Affonso Henriques. Qual fôsse o seo sentimento ácerca de certos receios, recentemente suscitados, claramente o-exprimiu, respondendo ao enviado de Castella, que os dous povos continuariam a ser irmãos, a assimilar-se... *até nas suas autonomias*. (9)

Era, pois, em previsão de todas e quaesquer eventualidades, que o Sr. D. Pedro promovia o melhoramento do exército, e de todos os meios de defêsa.

Folgava mesmo de recompensar os actos de valor heroico militar, outr'ora practicados por bravos súbditos seos. Assaz conhecida é a anecdota do corneteiro de Badajoz ; a alta recompensa dada ao official de marinha, Cardoso, o valente que primeiro cravou na praia do Mindello a bandeira bicolôr, quando lhe fez dom d'esse paládio ; a creação recente de uma medalha honorífica para os que prestaram valiosos serviços, nos tempos minguados dos padecimentos e das provações.

E nem se-julgue que taes tendências militares significassem, no Sr. D. Pedro V, um coração duro, um culto á fôrça, um arregimentar da oppressão. Era simples desimpinho do que considerava um dever. Dureza no seo reinado?! Ao rubí da paz pública, ingastado na sua corôa, outro não menos precioso se-junctou para opulental-a: a *pena de morte*, por cuja abolição tantos philósophos theoreticamente almejam, desapareceu practicamente em Portugal, onde uma só vez se não ergueu o patíbulo, para, com o folgar da justiça, gemer a humanidade (10). E ainda neste poncto resvalaram ditosos os dias de tal reinado. Não se-deram nelles os grandes crimes, que em todos os tempos e logares costumam magoar a consciência da humanidade; não se-multiplcaram ante os tribunaes as páginas negras dos parricídios, infanticídios, invenenamentos, ou aggravados delictos, de que a morte é nos codigos desfecho inevitavel e frequente.

Foi mais feliz que Antonino Pio, pois d'esse se-conta que, condemnando á morte certo homem, por justa causa, gemeu intranhavelmente, porque não acabava os annos do seo império, sem mandar derramar sangue humano. Parece mesmo que a sociedade portugueza, onde sempre semelhantes horrores foram raros, timbrou em tornar-se digna, por lenidade e innocencia, do brando jugo do boníssimo príncipe. Não caíu uma só cabeça; honra ao rei! Nunca menos mereceram cair; honra ao povo!

E nem só a pena de morte lhe-repugnava. Aquelle peito amante nunca tanto se-dilatava, como quando podia arrancar uma vítima a terreste purgatório: foram innumeraveis os indultos, ou pelo menos as commutações, de galés, de prisões, de destêrros. Não podiam as possessões africanas numerosamente povoar-se em reinado tal.

E todavia essas possessões lhe-merciam summo cuidado. Nellas via o real Senhor o viveiro da nacional grandeza. Apesar de se não dirigirem estas lettras senão a um príncipe cadaver, é absolutamente impossivel omitter aqui a poderosa coadjuvação que recebeu d'aquelle que hoje se-senta no seo throno. Nascido para uma posição subalterna, maldiz elle, sem dúvida, o dia em que lhe-coube cingir diadema. Recordava-se o Sr. D. Luiz do nome immortal de outro filho e irmão de rei, cultor tambem das sciências mathemáticas, fundador de observatórios, iniciador de magníficos descobrimentos, sábio e patriótico. Aquelle, a quem talvez esteja reservada página de D. João III, de D. Manoel, ou mesmo de D. João I, contentava-se com o formoso nome de um D. Henrique. O filho de reis, e rei futuro, dava-se á vida marítima com um ardor, exemplo para as mais altas dedicações. Tractava-se de serviços de familia? Lá ia o marinheiro conduzir princezas ou fazer fluctuar a bandeira azul e branca em todos os portos da Europa. São os estrangeiros amiaçados na Africa Septentrional? Eil-o primeira, segunda vez, em Tanger, antes que a Hispanha marchasse para Tetuão. Convém a sua presença nas possessões portuguezas da Africa Occidental, a braços com os indígenas? Parte para o reino de Angola, que, pela primeira vez, em transportes de júbilo, acclama uma pessoa real, visitando-o pessoalmente.

Com tão valiosa cooperação, mais facil se-tornava a tarefa.

Nesse reinado foram sopeadas as revoltas de vários

sovas dependentes de Portugal; dadas severas licções aos que ousaram afrontar nossas armas; estabelecidas linhas de navegação para paragens que nunca as-tiveram; mandados colonos (até allemães, para Mossâmedes, recentemente elevada á categoria de villa) com reciprocamente vantajosos contractos; melhoradas as condições dos servidores nessas provincias; creando-se tambem novos regulamentos adequados á disciplina e ao serviço da tropa de Macão e outros ponctos, etc., etc.

Ordenou S. M. que se-promovesse o estabelecimento de colónias europeas no interior das provincias portuguezas africanas. Considerou que o território da Huilla, por salubridade, abundância de águas correntes, e fecundidade do solo, apresentava vantajosissimo prospecto, e mandou organizar um corpo para esses logares, meio militar, meio agricola, concedendo ás suas praças consideraveis vantajens.

E pois que falámos em territórios, considerados desde muitos séculos como quartel-general da escravidão, diremos que, após 80 annos de diligências para se-pôr termo a similhante tráfico, cabe ainda em tal assumpto grande honra ao reinado do Sr. D. Pedro. No próprio anno da sua exaltação fôra, por portaria, ordenada a prohibição de saída de negros, debaixo da denominação de colonos, de Moçambique, determinação mandada energicamente vigorar, a despeito das representações do próprio governador geral da provincia. No anno immediato, aboliu o estado de escravidão no districto de Ambriz, desde o rio Lifune até ao rio Zaire, e nos territórios de Catrinda e Molembo. Em 1857, mandou considerar livres todos os escravos que intrassem em ancoradouro de Portugal, Madeira ou Açores, India e Macão, transportados em navios portuguezes ou desimbarcados de estrangeiros, etc. Querendo porém atacar a instituição na fonte, decretou em 1856 que os filhos de escrava, ulteriormente nascidos, fôsem li-

vres, servindo todavia até á idade de 20 annos aos senhores de suas mães, sendo estes obrigados a alimental-os e educal-os, e estabelecendo-se o systema da indemnização, devendo aliás os menores de 7 annos acompanhar suas mães, e dando-se novos poderes ás junctas protectoras dos escravos, creadas por decreto de 14 de dezembro de 1854. Novas providências, cada vez mais restrictivas, foram promulgadas, em 28 de outubro de 1857, até que, por decreto de 29 de abril de 1858; foi fixado para a inteira abolição do estado de escravidão em todas as províncias portuguezas do ultramar, sem excepção alguma, o dia 29 de abril de 1878, promettendo-se uma indemnização a quem então ainda possuir escravos. Eis-ahi até onde se-estendia a caridade, convertida em beneficios e benções sobre vastas populações.

O seo respeito sincero, profundo, convicto á religião sancta de nossos paes, nunca em pensamentos, palavras nem obras deixava de o-patentear. Quão real era essa crença, resulta da avidez com que de seos lábios saíam as consolações para os outros e para si mesmo, nos dias de grandes provações, em que só invocava o bálsamo da fé. E porquanto seos generosos sentimentos se-convertiam sempre todos em corollários prácticos, as cousas da egreja chamavam a sua inais desvelada attenção. Bem revelara elle esse pensamento, quando, antes de impunhar o sceptro, quiz primeiro ir á presença do chefe visivel da egreja, do pae dos fiéis, para que sobre o seo reino e o seo reinado derramasse as suas benções. Com o mesmo paternal affecto lhe-correspondeu sempre o SS. Papa Pio IX, aproveitando as occasiões de o-demonstrar por factos. Elevando a Cardial o Núncio em Lisboa, Sr. Camillo di Pietro, mandou S. S. áquella côrte um monsenhor, auditor da Nunciatura, conde de Ledochowski, com ordem de depositar nas régias mãos o barrete cardi-

nalcio, para que a imposição da insígnia de tão elevada dignidade fôsse feita por D. Pedro V, como se verificou com pompa, e filial gratidão d'el-rei.

Penalisava-o ver as incertezas e difficuldades suscitadas pelo estado, consuetudinariamente anómalo, do padroado portuguez no Oriente. Desde longos annos, pendiam negociações, que amiaçavam eternizar-se, gerando o risco de se-ir, no emtanto, inveterando o mal, a poncto de se-tornar irremediavel, perdendo-se de facto o padroado, emquanto se-discutisse especulativamente sobre o direito, e sobre assumptos secundários de circumscripção de términos. Acabou-se essa questão, com real vantagem práctica, e o padroado portuguez é hoje no Oriente incontestado em largas regiões onde até hontem fôra nominal. Tambem muitas aldeias, muitos milheiros de christãos, muitas egrejas reverteram á jurisdicção ordinaria do real padroado portuguez, nas dioceses de Gôa, Cochim, Cranganôr, etc.

As novas necessidades da igreja oriental de Asia e Africa chamaram a real attenção para o pessoal ecclesiástico d'aquellas remotas paragens ; augmentou as cóngruas aos sacerdotes, quando do Estado da India fôssem servir nas egrejas da prelazia de Moçambique, dando-lhes mais passagens e ajudas de custo ; aggregou-lhes magistério primário e secundário, etc. Cuidou nos seminários e em multiplicar essa phalange sagrada, tão urgente para que se não percam as alcançadas conquistas.

Outro tanto acconteceu no reino. Os estudos ecclesiásticos receberam impulso. Entre muitas disposições análogas, lembraremos a approvação do alvitre da Juncta da Cruzada, em 1857, dispondo dos convenientes meios para se-ministrar educação e instrucção á mocidade que se-dedica á vida ecclesiástica, em todas as dioceses.

Ao povo sem instrucção falta collectivamente o mesmo que ao individuo sem ella: complemento da sua natureza. Era o pão intellectual que o Sr. D. Pedro ambicionava

sobretudo distribuir aos seos (11). Amava como filhos as creanças; as outras creanças grandes, denominadas povo; finalmente os talentos demonstrados ou nascentes. Proclamava frequentemente que o insino elementar devia ser património de todos os cidadãos; que nos rudimentos intellectuaes deviam ser eguaes todos os portuguezes; que a nação devia, a todos, os meios faceis de, pelo menos, penetrarem no pórtico dos conhecimentos humanos (12). Por isso, fez augmentar consideravelmente o número das cadeiras elementares; e, a expensas do seo bolsinho, creou uma eschola exemplar em Mafra, como honrosa dependência do régio paço; assistiu á sua inauguração, a suas solemnidades; dava os prémios por sua augusta mão; visitava-a inesperadamente; tractava com tal carinho essas creanças, que a nova geração via nelle Mecenas, Mentor e Pae.

Não lhe-merecia o insino superior menores cuidados. Todos os altos estabelecimentos de instrução, desde a universidade de Coimbra, o-tiveram por ardente protector (13). Entré esses, um havia, tão contemporâneo do real mancebo, que ambos no mesmo anno foram nascidos: a Eschola Polytechnica; bem era que, por tantos títulos, particularmente o-amasse. Nunca se-esquecerá a sofrêgudão com que o Sr. D. Pedro, logo que subiu ao throno, reivindicou para si, em 1856, o incargo de laurear com os prémios académicos os jovens, da sua idade, qualificados, entre todos, como os mais dignos, pelo respeitavel corpo cathedrático da eschola.

Então proferiu esse imberbe, de 19 annos, um discurso, todo seo, tão profundo no pensamento, tão elegante nas fórmulas, tão elevado na concepção e ao mesmo tempo tão práctico, que bastaria para aquilatar os dotes de tal intelligencia (14). Só depois de concluída essa leitura, é que os diplomas de prémio foram pelas régias mãos intregues aos beneméritos.

As largas vistas ahi reveladas, cedo começaram a obter práctica applicação, sempre por alta iniciativa. Era uso da generosa rainha, a Sra. D. Maria II, ceder espontaneamente ao Estado parte da sua dotação; outro tanto nobremente usava, e continua usando seo excelso consorte, que todavia na sua escriptura ante-nupcial havia adquirido formaes e permanentes direitos. Seguindo tão nobres pisadas, egual donativo costumava o Sr. D. Pedro V fazer annualmente; mas, com a mais paternal sollicitude, dava elle mesmo a parte de taes fundos uma applicação sempre illustrada, de modo que em seos donativos havia duplo mérito, do proprio dom, e do imprêgo a que o-destinava. Sirva de exemplo o decreto, do Sr. rei reinante, expedido pela mordomia mor a 31 de janeiro de 1857, dando 51 contos á receita geral do Estado, 30 contos para fundação de um observatório astronómico em Lisboa, e 10 contos para inriquecimento das colleções do Instituto Industrial da mesma còrte (15). Eis-ahi outras provas de particular predilecção por todos os ramos da instrucção nacional.

E pois acabamos de falar do observatório de Lisboa, diremos que essa concepção honrosa partiu do actual soberano quando capitão-tenente da armada, o qual tomou sob sua protecção o utilíssimo estabelecimento, denominado, por decreto do 1º de julho de 1856, *Observatório meteorológico do infante D. Luiz, da eschola polytechnica*, (cuja história se-lê no *Diário do Governo*, do 1º de agosto de 1856, escripta pelo Sr. Dr. G. J. A. Pegado, seo sábio director). O Sr. D. Pedro, louvando a seo augusto irmão por este impenho, pondera que taes instituições hão merecido, sobretudo nos últimos tempos, o disvelo dos governos e das associações scientificas; e que, animadas e desenvolvidas naquella parte do continente europêo, devem contribuir muito para completar as séries das observações, em que actualmente se-procede com afinco por mar e por terra; perpetuando-se

d'est'arte em Portugal os serviços, que a civilização já outr'ora lhe-devêra.

Depois de occorrer ás primeiras necessidades, pensou o nobre cultor das lettras em revestil-as de esplendor maior. Reconhecendo a vasta extensão dos meios de instrucção superior estabelecidos no reino, tanto para a sciência especulativa como applicada, notou todavia uma lacuna, que urgia preimcher. Graças á sua pessoal iniciativa, foi creado o *Curso superior de lettras*; d'elle emanaram o pensamento primitivo, o plano, a distribuição de matérias, o méthodo de insino; por elle foi estabelecida a regra do concurso para provimentos; por elle foram designados, para peculiares disciplinas, ingenhos da primeira plana (16); finalmente de sua real dotação saíam todos os dispêndios que originava esta sua, e tão sua, instituição.

Nem era só por tantas fórmas que o excelso príncipe promovia o intellectual desínvolverimento de seos súbditos. Nunca recusou auxílio a quem d'elle necessitava para instruir-se. Numerosos mansebos, que a fortuna obrigaria a renunciar as mais caras aspirações, viram estender-se-lhes a benéfica mão do Sr. D. Pedro, facilitando-lhes recursos para viajarem, ou se-aperfeçoarem, ou cursarem escholas e universidades, nacionaes ou estrangeiras. O bemfeitor sempre elle; os beneficiados deploram hoje em córos a irreparável perda.

Estes formosos actos não representavam sómente movimento espontâneo de uma alma sublime; eram tambem resultado de um systema civilizador. Assim o-revelelou o augusto finado em seos discursos, os quaes tambem constituem valiosos traços physionómicos da sua biographia, porque nessas frequentes prácticas se-estampavam não menos os seos intentos que os dotes da sua alma. É de crer que esses discursos, obra toda própria e não de seos ministros, hajam de colligir-se, e não formarão certamente o menos valioso título para a honrada me-

mória do monarcha. Em todas as solemnidades que com sua presença era chamado a abrilhantar, a sua palavra predominava auctorizada, não tanto pela majestade do sólio, como pela do pensamento, aliás involvido nas mais amenas fórmãs de um elegante estylo. Vigor, parcimónia, brilho eram as qualidades exteriores da idéa sempre sã, sempre honesta, sempre util, philanthrópica sempre.

E na execução dos programmas de melhoramentos de toda a espécie, a obra seguia á palavra. Entre esses se-distingue a viação pública, sendo innumeraveis os braços recentemente impregados nas estradas do reino. Os caminhos de ferro, hoje traçados em diversas direcções, datam ainda verdadeiramente d'este período, e abrem desde já á imaginação os esplêndidos futuros reservados á foz do Tejo, no dia em que por tal ligação com a Europa inteira, a posição topográphica de Lisboa lhe-restituir o sceptro commercial, que já impunhou, quando se-ostentava empório mercantil do universo, coração do commércio, centro de todas as transacções.

Essas vias férreas, que surgiam no reino em diversas direcções, redobrando-lhe a vida e animação, já até se-projectaram e contractaram para remotas possessões, pois as denominadas americanas fôram concedidas, para o reino de Angola, a uma companhia, auctorizada pelo Sr. D. Pedro. Tambem promovêra o estabelecimento de navegação a vapor para localidades importantes, como o archipélago dos Açores, e bem assim entre Lisboa e os differentes portos do Algarve, fazendo escala por Sines, mediante vantajens e subsídios.

Mal podem aponctar-se as importantes obras públicas, a que este reinado deu grande impulso. Innumeraveis braços se-occupavam nas estradas communs de todas as províncias; a perigosa barra do Porto foi altamente melhorada; a barra da Figueira, a ria de Aveiro, e outros

portos se-tornaram navegaveis; em Coimbra se-fizeram trabalhos; Lisboa ficou abundante de aguas potaveis.

Tambem data dos últimos annos o definitivo estabelecimento dos télégraphos eléctricos, innovação que a situação de Portugal na extrema occidental da Europa promette tornar de incalculaveis vantagens para a boa ordem e presteza do commércio marítimo do mundo(17).

Para pôr em contacto instantâneo com a Europa toda, não só se-tomaram todas as necessarias disposições internas, mas se-concluiu um Tractado mui providente com a nação que tinha de ser forçada intermediária d'essas communicações.

É sem duvida a instituição dos morgados inseparavel de uma velha monarchia, e indispensavel para conservação do lustre da côrte e perpetuidade dos nomes de famílias distinctas; porém muitas vezes se-levantavam contra os abusos da instituição. Foi sob o govêrno do Sr. D. Pedro V que este grave assumpto se-regularizou, allodializando-se grande parte da terra escravizada, e tendo-se em vista, a um tempo, as conveniências das casas illustres e do povo.

Impostos onerosos, de longa duração, e de que o thesouro auferia consideraveis lucros, mas que avêxavam as classes pobres, prejudicando-as até na saude, foram abolidos. Assim accoeteceu com o tradicional monopólio do sabão, extincto neste reinado, sendo deixado geralmente livre o seo fabríco e commércio. Outros impostos foram reduzidos.

Sob sua approvação e confirmação foram creados por todo o reino numerosos e valiosos estabelecimentos de caridade. Citaremos entre muitos, cujo pensamento foi dictado pelo mais alto impulso christão, o Asylo das raparigas desamparadas, da cidade do Porto, fundido no estabelecimento do Resgate e Livramento, para mulheres convertidas; formosa instituição, destinada a arrancar ao caminho da perdição as infelizes meninas in-

digentes, dando-lhes moralidade e instrucção, e salvando do abysmo tantas que a sorte procurava despenhar nelle.

Largos foram os estudos estatísticos, que o soberano considerava elementos indispensaveis para boa governação, e complemento práctico de theorias, de per si deficientes. Intendia, por exemplo, em matéria criminal, que debalde se-procuraria promover o aperfeiçoamento da lei penal; adoptar providencias policiaes, ou repressoras dos crimes; e melhorar a condição moral dos povos, não derramando a estatística criminal luz clara sobre os cálculos e as necessidades. Trabalhos foram ordenados neste sentido. Eguaes dados mandou colligir sobre circumscripção das freguezias; movimento da população; valor da propriedade; importância das contribuições publicas; número de aulas de instrucção primária e secundária. Finalmente em todos os ramos da administração geral do Estado, manifestava el-rei as suas tendências profundas, a ância de melhoramentos dignos de tal nome, isto é, em que a sanção práctica viesse consagrar as indicações da theoria. Intendia que o architecto, ao destruir, deve ter meditado e planejado a reconstrucção.

Fallecêra, em París, o incansavel visconde de Santarêm, sem haver completado o quadro de nossas relações internacionaes, e deixando valiosos escriptos relativos á importante obra da Historia da Cosmographia e da Cartographia na idade media, depois dos descobrimentos do século XV; obra que, segundo el-rei dice, havendo sido composta na língua franceza, e fructo de laboriosos estudos e investigações, muito para lamentar seria que, depois de publicados 3 volumes e de acabada uma preciosa collecção de cartas e mappas geográficos, ficasse interrompida e suspensa; e porquanto em taes manuscriptos existiam elementos para se-completar o monumento, seguindo o plano do sábio auctor, designou para essa

honrosa tarefa uma penna, em todo o poncto digna do incargo, a do Sr. Mendes Leal.

Foi ainda neste reinado que a Portugal coube a honra de comparecer dignamente no concurso industrial e artístico de todas as nações, sendo-lhe conferido mui honroso logar na exposição universal de París.

Intendia o Sr. D. Pedro que o moderno systema de exposições revelava o arrebol de uma nova era, em que finalmente se-comprehende a importância d'estas grandes luctas do trabalho, ou antes banquetes da indústria, onde se-admittem as mais diversas iguarias, harmonizando o interêsse público com o privado, imprimindo vigoroso impulso a fabricos nacionaes, despertando entre os productores tão honrosa como util emulação, apresentando ora requintes de luxo e obras-primas de execução, ora innovações que simplificam antigos processos, ora outra natureza de progressos que introduzem ao seio da classe pobre a commodidade, a saúde e a alegria. E d'estes meios de animação assentou o sábio rei ser em Portugal a indústria agrícola (a principalmente laureada no grão concurso anterior) que mais urgentemente lhe-devia invocar a atenção. Ainda hontem, pois, lemos as jubilosas descrições da real visita á *Exposição Agrícola* da cidade do Porto, onde el-rei practicou quanto d'elle dependia para incentivo e esplendor da producção.

Da cidade do Porto, falámos ; do berço da liberdade e da pátria ; da terra sancta onde se-conserva o coração do Sr. D. Pedro IV Não podia o augusto neto do libertador deixar de amar esses muros com intranhado affecto. Assim lh'o-quiz demonstrar sem olhar a sacrificios nem a considerações ; desejoso de residir com frequência em terra tão leal e tão heroica, mas repugnando-lhe o ser por qualquer fórmula pesado, adquiriu um novo paço na segunda cidade do reino, afim de patentear á invicta povoação quão doce lhe-era viver em seo seio, como em família querida.

E com effeito nestes ultimos tempos adoptava Sua Majestade o uso de percorrer o seo reino em todas as direcções. Não havia, em excursões semelhantes, propósito de leviana distracção inutil; era sua mente, ainda ahi, desimpenhar-se de suas obrigações; ouvir por seos ouvidos; vêr por seos olhos; apalpar por suas mãos; remediar por suas palavras ou por seos actos.

Digna de estudo era, porém, a attitude do povo, em presença do seo monarcha. Basta ser poderoso, e rei, para que geralmente as mil fallazes demonstrações exteriores de respeito se-reproduzam: sinos, canhões, girândolas, clarins, thuríbulos, nada d'isso tem uma alma; move-se tudo á mão official; são muitas vezes flores mentidas, com que se-adorna um cadaver de affectos. Mas outra attitude ha (raras vezes) com mui diversa significação: é quando o povo accorre pressuroso e espontâneo; quando calca muitas léguas para ver o seo chefe; quando o-victoria jubiloso; quando nos labios se-lhe-pinta o sorriso da confiança e do amor; quando dos corações lhe-trasborda profundo sentimento de bemquerença. Era este o acolhimento que o Sr. D. Pedro encontrava em toda a parte. Suas primeiras visitas eram aos hospitaes, ás prisões, aos estabelecimentos de beneficência, ás exposições, ás fábricas, ás bibliothecas, aos musêos, ás escholas, semiando por toda a parte a animação, o louvor, ou a censura branda, o quasi rogo de melhoramento. (18)

A paz e a prudência de tal governação produziu os naturaes effeitos de confiança; a confiança gerava a riqueza particular e nacional. As commodidades do povo geralmente se-augmentaram, e um dos thermómetros do melhoramento real, elevação das rendas públicas sem aggravamento de impostos, veiu tornar mais folgados os cofres do Estado, e mais esperançosa a sua situação financeira.

Não progredimos em similhante enumeração, pois que não comprehendemos biographia, antes a simples traços largos limitamos este Esboço. O que tammanhas cousas

sobredoura e corôa, é que todo esse despeado e decisivo marchar, na estrada amplipatente do progresso, nunca representou um prancto, uma perseguição, um acto arbitrário, um ataque á dignidade humana ; nunca se presenciou mais cordial consórcio do podêr e da liberdade. O Sr. D. Pedro V, tendo de sua mãe bebido o leite constitucional e considerado obrigação sagrada o juramento que prestara, havia tomado a peito tornar as instituições uma verdade (19). Sinceramente crente na religião de seos avós, em que tantas vezes achara confôrto e amparo contra as iras do destino, obedecia submisso a Deus no céo e ao dever na terra. O dever era, a seos olhos, a fiel execução dos compromissos, ainda quando sentia cercar-se-lhe o poder, ou contestarem-se-lhe os direitos. (20)

Eis ahi, pois, parte do que occorreu, durante os curtos annos de tão atribulado govêrno. Por ahi avaliando, imagine-se o que viria a ser tão circumspecto reinado, se as circumstâncias se-houvessem levantado; se experiência e vida tivessem robustecido os dotes do soberano ; se uma pavorosa calamidade não houvesse assim prematuramente condemnado a pátria á viuvez.



VIII

O Sr. D. Pedro considerado como cidadão e como homem. Sua probidade. O rei constitucional. Suas idéas liberaes e sobre varios assumptos de govérno. Certa timidez proveniente do sobre-humano typo da perfeição que para si creara. Sublime amor da pátria. Influencia de tal individualidade nos futuros da nação. Seus principios de egualdade. Abolição do tributo do beija-mão. Caridade revestindo todas as formas. Prisões. Escolas. Seu procedimento durante a invasão da febre amarella e do chólera. Anecdotas. Fome. Commissões, e recompensas. Medalhas que por taes motivos lhe-foram conferidas pelo povo. Grandeza de dia-dema ta).

Perpassámos ligeiramente alguns dos successos dos oito decorridos annos, successos nos quaes vantajosamente se-reflectia a nobre alma do finado rei. Em vários d'elles, porém, pôde suppôr-se que a iniciativa do soberano significasse sómente a altura de sua intelligência benéfica, o impulso de uma grande cabeça. Vejamos ora outras sympáthicas qualidades, as do coração, reveladas por mil factos eloquentes ; observemos o homem, despida a púrpura.

Distinguia-se, antes de tudo, o admiravel mansebo, por aquelle senso moral de rectidão, por aquella severa obediência aos preceitos da justiça e da moral, ás virtudes religiosas e civis, por aquelle complexo de altas qualida-

des, que se-cifram na palavra *probidade*. Se a probidade é a virtude dos pobres, se a virtude é a probidade dos ricos, alli se-fundia em uma só alma quanto possa abrilhantar as mais afastadas regiões sociaes. Vêdes vós o oceano? Vêdes essa incommensuravel mole das águas, formada pelo tributo de milheiros de regatos e rios, alimentada pela restituição de seos proprios efflúvios e evaporações? Assim o oceano da probidade: constitue-se das diversas virtudes, confluindo todas para um centro, e vai-se depois perennemente alimentando de sua própria essência.

Suppre esse vocábulo todos os que representam os doctes parciaes; nunca houve lábios que ao Sr. D. Pedro V recusassem applical-o! E que não deveria aguardar-se de quem era, a um tempo, instruido, intelligente, corajoso e probó? (21)

Imbebido nos princípios do século em que nasceu, e encarando as instituições, não como quem tem vital interêsse em certa ordem de idéas, mas como quem, estrauho aos resultados, as-estudasse como philósopho, tomou o Sr. D. Pedro a fôrma representativa da monarchia como a mais conveniente equiponderação das pertenções antípodas, e nunca houve quem, com mais fundamento, devesse denominar-se, por excellência, o *rei constitucional*.

Nunca deixou de aproveitar quantas occasiões se-lhe-proporcionavam, especialmente nos seos discursos nos anniversários da outorga da carta, para desinvolver as theses mais liberaes, com todo o calor da convicção, e brilho de seo elegante estylo (22). Das idéas geraes descia frequentemente ás especialidades, como quando celebrava a organização da camara dos pares superior ás mutações diárias da scena politica, e mantendo o respeito do passado em equilibrio com as anticipações do futuro (23); ou quando representava á camara municipal de Lisboa a conveniencia de reconsiderar as suas aspirações, ao crer possivel, num regimen constitucional, a restituição aos antigos foros do municipio (24).

Em política como em moral, na vida pública como na privada, nos grandes projectos como nas pequenas acções, formara aquella alma cândida para seo uso um typo de perfeição, tão superior a limites humanos, tão imaginário, tão impossivel, que até consciência angélica, como a sua, vergava ao pêso de uma aspiração irrealizavel. Esta desconfiança de si mesmo, esta persuasão de ficar aquem de seos deveres, imprimia ao seo character uma espécie de branda timidez, graciosissima e adoravel para quem sabia traduzir-lhe o impulso que a-originava. O honesto mansebo phantasiava um complexo incommensuravel de deveres; impunha a si mesmo a responsabilidade dos successos, exteriores a seos esforços e vontade; sem se-gloriar do bem que d'elle dimanava, imputava a si quaesquer caprichos da sorte; aspirava ao immenso; alcançava o muito; julgava-o nada!

Amor da pátria, febre sublime que em seos accessos até não raro da natureza triumphava, occupava inteiro o peito do rei magnânimo. Não significava nelle essas vistas estreitas do campanário, que só denomina pátria a provincia, a cidade, a aldeia onde se-nasceu, ou o círculo mesquinho de interêsses lilliputhianos em que alminhas barafustam, imboccando a tuba épica para as suas microscópicas odysseas; não, a pátria de D. Pedro abraçava todos os campanários, todas as cidades, todas as provincias, todas as regiões, confundidas em um só amplexo, grandes ou pequenas, próximas ou remotas, gloriosas ou obscuras.

E em verdade, que, na sua inaccessivel altura, mais facil lhe-era do seo sol de luz despedir raios que coroassem todas as tórres como todas as praças, todas as eminencias como todos os valles. Sobranceiro a todas as facções, nada tendo d'ellas que esperar, a não ser concurso para seos grandiosos projectos, girava em esphera superior, astro supremo sem satélites, e que só por benéficos dons se-revelava.

Não se-comparte naquellas órbitas a amovibilidade dos homens de partido.

E quando um soberano recto se-incarna em sua missão, quando personifica uma situação distincta, nada mais eloquente do que esse evangelizar pessoal e práctico, do que essa synthese humanada. Valem taes vultos mais que o immenso propugnar theórico, porque os povos comprehendem melhor as idéas nos homens que os homens nas idéas ; porque até a propria religião se-resente, quando não são dignos d'ella seos sacerdotes e ministros. Se a gratidão é, pois, a memória do coração, cumpre que nunca esqueçam o nome do illustre finado quantos amam a pátria e a liberdade. Cumpre, ao contrário, termos bem presentes ao espirito os seos nobres conselhos ; bem pôde ter voz auctorizada, ao prégar deveres, quem sempre os próprios soube acatar ; mais val olhar para as obrigações cõtraídas que para os direitos conquistados (25).

Como que se-invergonhava de ser, em hierarchia, superior aos mais homens aquelle que já pela cabeça e pelo coração o-era á immensa maioria. Pezavam-lhe as condições exteriores da realeza ; e nunca mais accomodadamente a seos gostos se-achava do que quando lhe-era possivel, incógnita e burguezmente, pôr-se em contacto com desconhecidos. Levou tal repugnância a poncto de proscrever o tradicional tributo do beija-mão ; receava que houvesse algum fundamento na classificação de tal acto por incompativel com a dignidade humana, como se um rei não devesse ser um pae ; como se a um pae se não beijasse a dextra ; como se um soberano, incarnação de uma nacionalidade, não devesse receber, dos que essa nacionalidade prezam, outro e mais alto testemunho de aprêço que um cidadão qualquer ; como se as condições extrínsecas de cortezia convencional prejudicassem a nobreza e pureza dos sentimentos do homem. Ninguem lhe-pediou tal abolição ; proveiu toda de iniciativa sua.

Todas as misérias humanas tinham jus, naquelle coração angélico, a um largo quinhão de dó. Em suas excursões era frequente dirigir os seus primeiros passos ás cadeias, onde numerosas occurrencias se-deram, que muito honram o real mansebo. Não terá esquecido a delicadeza com que, no Porto, visitando os cárceres da Relação, manifestou vivo desejo de conhecer um dos escriptores cuja penna admiravel o-colloca na primeira plana, o Sr. Camillo Castello-Branco (posteriormente absolvido de imputações), a quem dirigiu palavras affectivas, e exprimiu o pezar de ser em lugar tal que o -conhecesse. Em 1858, concordou o Sr. D. Pedro nos inconvenientes da accumulção dos presos em espaço limitado, onde se-lhes-aggravava o já cruel destino, privando-os de confôrto e commodidades, e amiaçando-lhes saúde e vida, e na necessidade de separal-os convenientemente, segundo os crimes, edades, sexos e outras circumstancias; provendo finalmente á sua segurança e moralidade, exercida a necessária vigilância e policia. Nesta conformidade, determinou que se-executassem suas illustradas ordens. A liberdade e a caridade eram as verdadeiras guardas de honra, os verdadeiros alabar-deiros d'este rei!

O fim da religião, o dourado e azul celeste das virtudes, compêndio e epítome da lei, é a caridade. Das mil fórmas que ella reveste, nenhuma era estranha á régia munificência. Era a esmola do ouro, a esmola do perdão, a esmola do auxílio, a esmola do conselho, a esmola da animação, a esmola da benevolência, a esmola da instrucção...

Affirmam que, após seo passamento, foi achado um livro secretissimo, onde elle lançava as indicações dos auxílios que tinha a distribuir, e que abrangiam innumeraveis pessoas e famílias. Diz-se mesmo que o nobre mansebo, sabedor de que seo tio, sr. D. Miguel de Bragança, soffria privações no exílio, contribuía com pin-

gues meçadas, a minorar-lh'as (Servimos de écho, por ser este acto mui honroso á memoria do finado, e não desairoso por certo á do seo illustre parente). O certo é que, sendo parcos os seos gastos pessoaes, régia a sua dotação, e avultado o seo património, falleceu individualmente! Taes as consequencias de sua extrema liberalidade, e de seos quotidianos actos charitativos.

E é neste logar o commemorar do procedimento sublime do adoravel mansebo, em occasião solemne, que nunca mais se riscou da recordação de uma geração agradecida. Invadira uma peste hedionda a capital do reino; o terror universal era coroado por pranco, desolação ou morte; não bastavam os braços dos vivos para sepultar defunctos; ceifava a medonha fouce, indistinctamente e incansavel, em quaesquer edades, sexos ou posições; minotauro feroz que nenhuma carne humana saciava. Lisboa, foco dos deletérios miasmas, achava-se já quasi desamparada; ruas inteiras, aliás já dizimadas por esta medonha hecatomba humana, tinham fechado todas as portas de suas casas. Até os impossibilitados de largarem seos lares, fugiam da vasta conflagração, indo a outras paragens beber ar não mephytico, adquirir jus a viver, impetrar a um Deus irado o desarmamento da sua cólera. Foi uma geral emigração, na qual tomaram parte altas personagens, que, ainda quando fôsse para serem arcabuzados, do seo pôsto de honra, do seo poste se não deveriam desagrilhoar.

E em presença do inimigo indomavel, Pedro V não fugiu! Ao contrário, arremetteu com elle; provocou desarmado o tão prevenido e aparelhado gigante. Quando todos fugiam attónitos da inluctada cidade, o rei que estava residindo no seo Paço de Cintra, e longe do perigo, voltou immediatamente para o centro d'elle; e desde então, nem dobre de sinos, nem as fúnebres procissões de todos os momentos, nem a amiaça de geral anniquilação, o-fizeram trepidar.

Qual é a ponta do cône, onde se-concentram os reflexos do espelho ustório? Qual o centro para onde convergem de toda a superficie os raios de morte? Os hospitaes? Pois bem; para elles se-mudou o paço régio.' Quem quizer falar ao monarcha, procure-o no logar do infermeiro. Suas salas de docél são infermarias; os áulicos são os doentes; os discursos de lisonjeiros são os gemidos do moribundo; throno, a maca do hospital; púrpura, o cobertor que estende sobre um corpo regelando-se; e a mão affeita ao sceptro recebe segunda e mais alta sagração, apertando, para animal-o, a mão do pobre.

Não cabe neste apertado espaço descer a pormenores, por mais que attractivos nos-arrastem; todavia tomaremos aqui dous, entre innumeraveis successos análogos, ambos occorridos quando o flagello arrebatava victimas aos milheiros. — Um dia, intrava elle num hospital, onde já raros servidores, e com terror manifesto, se-prestavam a funcionar. Observou, ao fundo da infermaria, um homem de côr acobreada, curvado sob um corpo, medicando-o e friccionando-o. Aproximou-se-lhe sem ser presentido; ninguem mais havia de pé nessa infermaria. Observou attentamente esse homem, que absorpto na sua obra de misericórdia, e não suppondo ter senão a Deus por espectador, buscava galvanizar um cadaver, que teve a fortuna de restituir á vida.

— « Quem é o Senhor? » perguntou el-rei.

— « Sou médico. »

— « É médico da minha câmara (respondeu o real mansebo). e meo amigo, se me-permitte esse nome », dice, estendendo-lhe a mão. Desde então, esse honrado facultativo foi sempre o bem-vindo de toda a família real; e ainda ultimamente o chamado com a maior confiança nas mais graves crises. — Noutra occasião, observando que o infermeiro, ao passar por um soldado, lhe-cobrirá o rosto com o lençol, e respondendo-lhe aquelle que o soldado acabava de expirar, apalpou-o e sentin-

do-lhe ainda calor, auscultou-lhe o coração que ainda batia ; no mesmo instante, despiu el-rei a farda, e arregaçando as mangas da camisa, poz-se a esfregar o doente, mandando logo vir synapismos e medicamentando-o com tanta fortuna, que o já desamparado foi restituído á vida, e dentro em pouco á saúde (26). Basta ; seriam interminaveis os rasgos heroicos de el-rei nessa occasião solemne, e todos elles practicados com a singularidade do verdadeiro valor.

Oh ! página é essa que não precisa escripta nem em livros nem em bronzes, pois se-perpetúa, para nunca apagar-se, na memória dos povos, a despeito do rolar das gerações (27).

As grandes calamidades nunca vem sós. A febre amarella, produzindo a suspensão de todos os serviços, a fuga de innumeraveis habitantes, a prostração ou falta de braços, geral torpôr, originou uma grande crise de subsistencias, e já a fome amiaçava acompanhar a peste, tambem com o seo fúnebre cortejo. Os soccorros do soberano chegaram a grande numero de casas já taladas pela molestia e pelas privações. Depois, creou commissões compostas dos caracteres mais conspícuos por sua caridade, para attenuarem o padecimento das classes mênos abastadas, facilitando-lhes os meios da alimentação, gratuitamente, ou com dispêndios ínfimos.

Exultava de prazer, vendo seguidos seus exemplos, como se-colhe de um, entre muitos exemplos. Tomando em consideração os notórios actos de beneficência e devoção cívica, exercidos pela Associação Commercial de Lisboa, durante a febre amarella, sollicitando fervorosamente, e obtendo da caridade pública valiosos donativos com que acudiu á indigência das classes desvalidas, deu a essa corporação um testemunho de reconhecimento nacional e de seo particular apreço, conferindo ao conselheiro João Honorato Ferreira, seo presidente, o titulo de visconde de S. Isabel. E depois de haver tão-lar-

gamente, e por tantas fórmãs, dado tão salutaes exemplos, concedeu, no anno económico de 1858—59, além de outros donativos, o de 30 contos de réis, que mandou pôr á disposição da Sociedade Protectora dos Orfãos desvalidos das victimas do cholera-morbus.

Phenómeno! Durante o reinado d'esse admiravel joven, mais do que nunca as duas realezas se confundiram: ao passo que elle, rei, se-fazia povo, d'esse povo fazia rei. Bem era que o novo soberano gosasse as regalias majestáticas, e até entre essas a de fazer mercê, e galardoar virtude com distincções honoríficas. Vejamos:

Foi a excursão do Sr. D. Pedro V e seos irmãos, em fins de 1860, ás provincias do Alemtejo, Beira e Minho, uma continuada ovação. D'entre os mil sympáthicos successos d'essa jornada, sobresaí a scena occorrida na segunda cidade do reino, e digna de ser perpétuada em quadro de um Raphael. Ousára a Sociedade Humanitária Portuense resolver que ao rei fôsse conferida a medalha de ouro, que elle ganhára pessoalmente, não como soberano, mas como homem e cidadão. Pedro V, o Grão-mestre de todas as ordens portuguezas, o grão-cruz do Cruzeiro e de Pedro I, de Leopoldo, do Leão, da Aguiã Negra, de Santo Estevam, de Ernesto Pio, do Falcão Branco, da Corôa, da Legião de Honra, de S. Fernando e Merito, da Jarreteira; o cavalleiro da Annunciada e do Tosão de Ouro, pareceu mais satisfeito com essa medalhinha popular que com todos ess'outros ostentosos títulos de grandeza. Não só acceitou jubiloso, mas quiz dar á sua acceitação insólita publicidade. Foi elle mesmo ao edificio da Praça do Commércio; ouviu as palavras de animação e prémio que lhe-dirigiu um súbdito, recordando os seos feitos durante a febre amarella; o vice-presidente da Sociedade Humanitária respondeu-lhe com effusão; e então foi visto o rei, o neto de trinta reis, curvar-se ante esse representante do povo agradecido, para receber a preciosa grão-cruz! Duas decorações acceitou d'essa

natureza ; bem haja o elevado pensamento que as-collou ambas como unicos ornamentos do régio ataúde!

Venerandos sólios e diademas são estes ! Assentam não em ostentosas vanidades, não em signaes exteriores, ou emblemas phantásticos. Permite muitas vezes a Providência que as corôas caiam ao acaso em berços menos dignos ; felizes os povos, quando a medida da cabeça real se-adapta, perfeitamente á grandeza d'essa corôa, não já então dádiva de acasos, mas de um destino amigo.



IX

O Sr. D. Pedro considerado em relação á familia. A rainha D. Stephanía. Foi esse commercio o único relâmpago de felicidade para o rei. Morte da rainha. Origem do transitio d'ella, e do Sr. D. Fernando de Bragança. Anecdotas. O Sr. D. Pedro V morre pela familia. Eram sua familia todos os Portuguezes.

E o lar doméstico? Familia é essa cujo limiar é possível, é dôce traspasar affouto. Virtudes, ventura da prole nascem. o mais das vezes, da mãe e do pae; quem se-compraz no seio da família, a todas as outras sociedades a-prefere. Os progenitores dos príncipes desde a mais tenra infância lhes-incutiram, com todas as máximas do dever, o intenso amor dos seos.

Um dia chegou em que el-rei, cedendo aliás ao impulso do coração, e fazendo escolha digna d'elle e do seo throno, pediu para consorte uma angélica princeza. (28) É a casa de Hohenzollern das mais antigas entre os soberanos da Allemanha, pois descende de Tassilão, que no século viii era duque de Baviera. A ella póde bem applicar-se o motto de uma família portugueza: *Reges a nobis et non nos a regibus*, porquanto, dos dous filhos de Rodolpho II, no século xii, foi Conrado chefe da linha de Francónia, que produziu os eleitores de Brandenburgo,

depois reis da Prússia, e Frederico de Hohenzollern, cujo descendente, Carlos II, segundo filho de Carlos I, fundou no século XVI a casa especial de Hohenzollern-Sigmaringen; Estado cedido, sim, á Prússia, em 1850, mas sem detrimento da nobilíssima posição d'essa família entre as casas soberanas.

Não era o lustre de tão preclaros avós que tornava a Sra. D. Stephânia objecto de universaes sympathias; era sua amabilidade, candura, innocencia, caridade, esses dotes emfim que (. . . quantos cadáveres em dous annos!) faziam que da rainha *então finada*, podésse dizer o seo inconsolavel viuvo, *hoje finado*, ao seo mórdomo-mór e marechal duque da Terceira, egualmente *hoje finado*, estas memoraveis e verídicas palavras: « *Era um coração para a terra e um espirito para o céo.* »

Pouco mais de um anno conviveram junctos esse par, tão feito um para o outro, quasi nascidos em egual dia, fallecidos com pouco intervallo, e durante sua transitória cohabitação no mundo, tão unidos sempre que constituíam uma só vontade, uma só aspiração. (29) A prematura perda d'esse anjo, a quem o Sr. D. Pedro V devêra os únicos dias jubilosos de sua vida, foi o mais tremendo golpe que, entre tantos, o-traspassou; desde então, nunca mais se-lhe-entreviu sequer um sorriso nos lábios; a dor se-lhe-aninhou permanente e funda no coração, e nada tanto ambicionou alma tão crente, como o instante da sua alforria, para ir na verdadeira pátria aggregar-se, sem receio de novas separações, ao que na terra tanto amara. Foi ainda na religião que o piedoso príncipe descobriu o único balsamo para tão incomportavel dor. Eis-aqui algumas palavras por elle choradas na já citada carta:

« — *É raro ter conhecido a maioria das desgraças, na idade aberta ás ambições e ás illusões, de que aquellas costumam proceder. Nos quatro annos do meo reinado,*

eu e os meos povos temos sido companheiros de infortúnio: Diz-me a consciência que nunca os abandonei. Não me abandonam elles hoje, que procuro um conforto, e quasi o não encontro senão na religião, que manda crêr e esperar, e nas lágrymas que se confundem com as minhas. »

Como essas sentidas palavras partem do coração ! que melancólica resignação não resumbram ! que profunda convicção não denunciam de uma melhor e eterna vida ! (30)

A alma amantíssima do Sr. D. Pedro V ousava imputar-lhe a crime, remordel-o, responsabilisal-o pelo prematuro do passamento da consorte adorada. Não comprehendia elle distracções nem deleites, senão em companhia d'ella ; a rainha egualmente só se-considerava feliz ao pé do idolatrado esposo ; um dia funesto, em que as suas obrigações públicas o-chamavam a um serviço fóra da capital, a inseparavel rainha seguiu-o e ahi colheu o germen da morte, que em breves horas a-prostrou.

E' morta a esposa ! Adeus esperanças, terrestre amor, illusões, vida. Ahi vai correr essa existencia como natureza desalumiada de sol; incolora; inerte; fria. E todavia importa concentrar dentro do peito lágrymas que escaldam, corrosivo desespêro ! Quem sabe se as suas posteriores viagens não significavam tambem, alem de um cumprimento de deveres, o desejo de arrancar-se aos logares que lhe-recordavam uma felicidade fugitiva como sombra ? Muitas vezes, fugindo a todos os homens, se-imbrenhava em sítios melancólicos, a sós com a natureza e o coração. Ahi iria sentar-se ante a fonte em que misturaria os choros, no seio de floresta com cujo cicío confundiria os suspiros. Ahi, prodígios da imaginação ! passearia ainda com ella nos prados; conduzil-a-hia á margem do rio; ririam junctos esperança e amor, em brando collóquio á sombra de árvore amiga. Só Deus era confidente do que ia naquella alma. Tudo na criação lhe-avivava os dias saudosos: passeios que, entrelaçados os braços, frequentaram,

bosque onde se-penetrou, ramo que lhes-roçou na frente, hervinhas que lhes-beijaram os pés, cascata que lhes-descantara delicias do coração com voz dôce e mysteriosa do próprio Deus; sol pôsto que outr'ora contemplaram; creancinhas que haviam respondido com bençãos e votos a dádivas e beijos; essas mil nihilidades, de que a felicidade se-compõi, resurgiam ao inluctado espírito na solidão, como reminiscências queridas dos dias apagados. Oh! como devia tractear áquelle amoroso peito a necessidade de viver vida tumultuosa, sempre rodeado, espreitado, seguido e perseguido! Sua mente cândida houvera, sem dúvida, preferido o deserto; e pois que *a Ella* já a terra não poderia restituir, houvera lá comprehendido o desditoso a linguagem mysteriosa das águas que espadanam, das folhas que se-agitam, das aves que gorgeiam; o aroma das flores; o azulado longinquo da montanha; a sombra da árvore gigantéa; os arcanos do crepúsculo; todo esse idioma soberbo que raros comprehendem, mas que intôa hymnos para quem medita, pôi em commércio o espírito dos vivos com os dos que não são, ou a quem padece oscula conso-lações.

“Afastemos os olhos do quadro tristíssimo. Morreu a rainha: por não querer separar-se do marido, foi buscar a morte! como talvez elle, por não poder viver sem ella, apressou a sua ascenção á pátria, á região das ineffaveis delicias. Pobre viuvo! No aposento, que ella tão poucos dias alegrara, e onde as recordações tão brandamente o-prendiam, havia um retrato da angélica princeza. Não passava um dia que deixasse de contemplal-o extático. Cada manhã tecia, por suas mãos, a capella de flôres com que elle mesmo circumdava essa querida imagem, na qual a ninguem mais era lícito tocar!

Successos assaz semelhantes originaram as catástrophes que hoje deploramos. Quizeram estar unidos; o sol a-mactou. Agora, quizeram os irmãos estar junctos; miasmas arrebataram dous, salvando-se o terceiro a custo!

E porque se-apressou o virtuoso rei a levar seos irmãos queridos para longe dos paços de Lisboa ? ainda por motivos eloquentes para revelarem a pureza d'aquella alma ingénua.

Eram as duas lindas, virtuosas e adoraveis princezas a alegria d'aquella casa, o ídolo de toda a real família. Já a separação da Sra. infanta D. Maria Anna havia vasado a tristeza em seos augustos pae e irmãos; mas a recente partida da Sra. D. Antónia, pranteada por uma còrte inteira, inluctára totalmente os ânimos dos príncipes.

Os Srs. D. Luiz e D. João haviam acompanhado a egrégia noiva á sua nova residência.

O coração de el-rei estava ferido d'esta nova separação e bem assim da afflicção que se-revelava nos prostrados ânimos dos jovens infantes. Srs. D. Augusto e D. Fernando, que em seos tenros annos padeciam atrozmente, vendo quasi desertos os paços, ainda hontem povoados e festivos. Foi principalmente para arrancar seos irmãos ao theatro de suas saúdaes, para lhes-proporcionar distracções, que o Sr. D. Pedro os-convidou a una excursão no Alemtejo; foram.

Infelizmente ahi a pouca precaução dos reaes viajantes; o abuso do que consideravam constituições robustas; as alternativas de noites inregeladas, sóes ardentes e chuvas não evitadas; e por sobre tudo a inalação mephytica de miasmas em logar insalubre, tudo isso occasionou os horrendos acontecimentos. Não valeu o cuidado com que, pouco antes, se-haviam procurado estudar e remover estas causas de destruição; estavam destinadas a arrebatatão eminentes e preciosas vidas ! (31)

Os dous infantes regressaram a Lisboa dous dias primeiro que seo real irmão, o qual voltou igualmente atacado. O Sr. D. Pedro ia em visiveis melhoras, quando a parca arrebatou o Sr. D. Fernando; para logo recrudescer sua enfermidade, já então gangrenada pelo influxo moral (32). Nesse dia se-lhe-ouviu dizer : — « *Por muito*

amar minha mulher, fiz que ella me-acompanhasse; mactei-a. Por muito amar meos irmãos, fiz que elles me-acompanhassem; mactei-os. E' preciso que eu morra; morrerei! »

Eis-ahi como elle amava a familia. Foram por igual, mãe, pae, mulher, irmãos, ídolos de suas adorações. Tal foi a intensidade d'esse affecto, que nem duvidou dar a vida, só pelo cavalheiroso remorso de imaginária culpa!

E se foi por sua familia que elle se-mactou, lembremo'-nos de que foi por nós todos, pois num seo eloquente discurso, recitado perante o parlamento, usou Sua Majestade estas indeleveis palavras: « Intendo pagar uma dívida do coração, renovando no seio da representação nacional o testemunho da minha gratidão a *um povo que, sem receio, posso dizer a minha familia.* (33) »

Orgulhosos accetamos tão lisonjeira designação. Era da familia de nós todos, o irmão que sentia as nossas dôres, o pae que as-tentava remediar.



X

A afflicção é muitas vezes o prêmio dos bons. Phisionomia melancolica do rei, servindo-lhe de prematuro epitáfio. Suas infelicidades em tão curta vida. Berço agitado pelas revoluções. Orphanidade precoce. Perde a companhia da mãe, da esposa, das irmãs, do irmão, sem que ao menos pudesse consolar se abraçando um filho. Cuidados externos, especialmente com a França e a Hispanha.

Inexcrutaveis juizos da Providência! Mal póde justiça humana comprehender como o exercício das virtudes, o exemplo da moralidade, o supremo culto do dever, hão de acompanhar tantas vezes a máxima infelicidade terrestre! Não são balanças humanas para pezar divina justiça.

Bem nol-o explica o docto bispo Amador Arraes, ponderando o como Deus tolera que os bons sejam affligidos. Não resplendece a virtude, diz, senão quando mostra seo exfôrço e valentia em grande soffrimento, pois é escura e quasi indigna de louvor quando, não tendo adversários, sem nenhuma contradicção vence. E esta a razão, por que Deus permite que não haja desastre, que não vá buscar os bons; nem mofina que não pareça correr trás elles, e dar de rosto á sua virtude. Favor

divino é, que chovam nesta vida em dôbro sobre os justos as águas dos trabalhos, para que partam exercitados e apurados, como pedras desbastadas e lavradas ao picão, quadradas e justas, quaes convém sejam para se-pôrem no edificio do templo da celestial Hierusalem, onde o mestre da obra não faz mais do que assental-as. Quer Deus que lhe-sirvamos aqui de trombetas de seos louvores, forjadas e feitas ao martello da afflicção; qual foi o pacientíssimo Job, que, quando mais affligido e perseguido de seos adversos, dice:

« O Senhor me-tinha feito mercê do que ora me-tirou; cumpra-se sua vontade e seja bemdicto seo nome! »

Assim podéra tambem bradar o malaventurado rei, tão desconhecedor de deleites, tão a miude visitado com trabalhos e contrastes.

Não raro insculpe Deus na physionomia de predestinados um como prematuro e fatídico epitáphio. Havia no semblante, suave porém melanchólico, amigo porém severo, do excelso mansebo, uma como inscrição sepulchral. Leríeis alli as rugas temporans de uma alma angélica, os traços profundamente gravados pela meditação, pela saúde, pelo pesar, pelo infortúnio, pela descrença de ventura na terra.

É que, em tão breve espaço, não fôra possivel accumular mais provações sobre uma só cabeça, nem em tão ephémera vida exhaurir mais fezes de calix de amargura.

Nascido entre as vozerias de revoluções, foi seo berço imbalado ao som de estranhos e suspeitosos gritos. Aos 9 annos de idade, ouviu selvagens brados de destêrro de sua augusta familia, de anniquilação das instituições. Aos 16, perdia a desvelada mãe, sendo condemnado a precoce orphandade.

Todas as mais caras affeições de familia lhe-foram pela sorte ludibriadas. Adorava suas irmans; perdeu a

companhia de ambas. Adorava seos irmãos ; perdeu um, e na hora de seo passamento, era incerta a salvação de outro. Ambicionava legar seo sceptro a um filho ; não lhe-foi dado. Estremecia-se pela consorte ; arrebatou -lh'a instantaneamente o céo.

Entre as questões exteriores, uma houve que o-opprimiu profundamente ; seos brios de cavalheiro, de justo e de rei, feriam-lh'os nesse negócio iniquo do navio *Charles et George*. Disposto a arrostar todas as consequencias de uma attitude digna, contou que o cumprimento dos tractados e dos deveres lhe-assegurasse coadjuvação com que diminuisse a desigualdade dos elementos de lucta. Foi desamparado. Nessas circumstancias obrou quanto lhe-era lícito ; pôde bem exclamar como Francisco, em Pavia : *Tout est perdu, fors l'honneur* ; mas, a despeito de tal conclusão, nunca mais tal chaga se-cicatrizou, e odiava o Sr. D. Pedro V essa página como a mais negra do seo reinado.

É de crer que os symptomas de vastos planos ibéricos, talvez concebidos em Madrid, talvez apoiados em París, lhe-fizessem alguma hora recear, não pelo seo throno, mas pela independência da pátria querida.

Que mais cuidados, que mais tormentos poderiam imaginar-se para ulcerar o nobre coração ?



XI

O sobrevivente morreu. Universal impressão de semelhante transição.

A tammanhas successivas punhaladas não é dado resistir; a natureza impotente e vencida acaba por ceder.

Morta já aquella alma andava ha muito; pelo menos dous annos sobreviveu ella a si mesma. Não tinha que temer o transe derradeiro; não o-temeu:

Mors ultima poena est,
Nec metuenda viris!

Pouco teve a enfermidade que lutar, que a presa se -lhe-intregava espontânea. Eram grandes as dedicações que o-rodeavam, sem dúvida; mas, em taes momentos... uma mãe? reinava no céu; uma esposa? tambem era lá que alvoroçada o-aguardava; irmans? esses anjos estavam bem longe áquella hora. Nem uma voz feminina á cabeceira do moribundo! Oh, que deve ser esse, melanchólico redobramento de angústias.

Apenas reconheceu chegado o extremo anhelito, foi elle próprio quem sollicitou pressuroso os sacramentos

da igreja, ponderando que os momentos urgiam (34). Para logo se-despediu de seo pae (35) e dos que o-cercavam ; antes de ir descaindo na derradeira prostração a physionomia se-lhe-serenou, e as palavras intercor-tadas pareciam exprimir — sincera creuça na proxi-midade dos eternos gosos— bemaventurança de ir abra-çar a esposa e a mãe—satisfacção por cessar, com sua vida, para Portugal, a sonhada siña de desventuras.

Desde que na cidade consternada e attónita se-derra-mou a pavorosa notícia do perigo de el-rei, os templos, noite e dia, se-atulharam de povo, dirigindo ao Altíssimo fervorosas súplicas e preces, repetidas em innumeraveis procissões de penitência. Indeferiu o Eterno os rogos de todo um povo, e no dia 11 do mal-agourado novem-bro (36), pelas 7 horas da noite, coros de anjos recebiam na celestial mansão o seo novo companheiro.

Seguiram-se o silêncio do assombro e da quasi incre-dulidade ; depois um mar de lágrymas, um atroar de universaes lamentos. Os tiros das fortalezas, o lúgubre tanger dos sinos, o arrear das bandeiras, as armas em fu-neral, o rufo surdo dos tambores, o crepe funerário co-brindo as quinas, o lucto de todos os cidadãos, nada d'isso exprimia a perda irreparavel, como os soluços e prancto de todos os portuguezes, sem distincção de classes, nem opiniões. Parecia que a natureza tomava parte nos pade-cimentos de um povo ; a inclemência do tempo condizia bem com o quadro de horror que opprimia o paiz ; era como um cenário próprio e digno da scena. Nunca se-presenciou mais unânime e insuspeito côro de vozes plan-gentes ; cada lágryma, cada grito, cada espanto, cada silêncio, representava affectos, saudades, respeito, reli-gião ; era um povo inteiro esplêndido de dôr ; geral tri-bulação, por todos os poros da sociedade transsudando.

Fique registrado um successo mais que todos elo- quente. Desde o dia da morte de el-rei até ser sepultado, não houve uma só prisão, um attentado, uma contravenção

ás leis ou á ordem, em toda a populosa capital, cujas 300 mil almas se-haviam augmentado com muitos milheiros de adventícios. Os próprios criminosos de profissão acharam nesses dias um coração no peito, e por sua dôr se-nobilitaram, confundindo-se com os cidadãos(37).

A generalidade do silencio, da paz, da angústia, da ordem, equivalia tacitamente á mais fecunda oração fúnebre, proferida por uma nação.



XII

Nunca rei de Portugal morreu tão moço. São desde 7 a 8 seculos os tres ultimos soberanos que tem tido menor duração de vida. Trabalhos litterarios.

Sóem os reis de Portugal contar annos longos de reinado e de vida. Este mansebo mísero estava destinado a constituir excepção de regra tal.

Se o Sr. cardinal D. Henrique só reinou dezeseis mezes, foi por ter quasi octogenário ascendido ao throno.

Se o Sr. D. Sebastião falleceu de idade igual á do Sr. D. Pedro, foi rei durante 21 annos, e sua morte mais deve considerar-se glorioso suicídio do que satisfacção das leis da natureza.

A Srã. D. Maria II viveu 34, reinando 27 annos.

O Sr. D. Affonso II havia já completado 38 annos, quando perdeu a vida.

Todos os mais reis, em tão longa série, passaram muito de quadragenários, até havendo nonagenários em seo número.

Eis como a tantos títulos á sympathia da história

para com o infeliz rei se-deve junctar ess'outro. Distinguem-se na dynastia estes ultimos e grandiosos vultos por sua curta duração, baixando todos prematuramente á campa, ralados pelos trabalhos e pelos dissabores. Morreu o Sr. D. Pedro IV de 36 annos; a Sra. D. Maria II de 34; o Sr. D. Pedro V de 24!

Se houvesse vivido algum tempo mais este primoroso cultor das lettras, houvera limado e completado numerosos trabalhos litterários que entre mãos trazia, e suas obras o-collocariam a par dos sábios escriptores que no sólio o-precedêram, taes como os Srs. D. Diniz, e D. Duarte.



XIII

Licções que nos dá é funerio espectáculo do prematuro passamento do Sr. D. Pedro V.

E que resta d'elle? a memória.

Se a-veneramos; se não são mentidos nossos testemunhos de respeito; se é nossa mente prestarmos-lhe condigno culto... reunamo-nos todos em tórno d'esse augusto féretro; venhamos sobre as cinsas tépidas do bom rei meditar sobre o inane das cousas terrestres. Esse mudo ataúde nos-dirá o que o turbilhão do estrépito mundano nos-impediria em outros momentos ouvir.

Dirá aos nossos brios de grandeza, que só Deus é grande.

Dirá á nossa confiança na juventude, que aos furacões, destruidores do carvalho, não é defêso arrebatat lyrios do valle.

Dirá ao nosso orgulho de saber, que a sciência é impotente contra um aceno do Altíssimo.

Dirá á nossa ufania de poder, que um miasma imponderavel e invisivel basta para derrubar uma corôa.

Dirá ás nossas aspirações de glória, que póde um crepe transparente e levíssimo atalhar os brandimentos da mais esperançosa espada.

Dirá ás nossas arrogâncias de prosápia, que a natureza recebe nu como todos o que como todos nu dera á terra.

Dirá aos nossos instinctos de inveja, que não conhece o mundo móres misérias do que as misérias douradas; que os diademas só servem muitas vezes para esmagar crâneos.

Dirá aos queixumes de muitos, que se-comparem com os d'esse filho, irmão, viuvo e rei, estendido hoje nessa campa.

Dirá aos lamentos de tantos paes, que se-condemnem ao silêncio ante a sorte horrenda do rei D. Fernando, como Job despojado de quantos bens possuía na terra, da esposa, dos filhos, e ainda assim bebendo resignação em sua viva crença na justiça do Senhor.

Dirá, sobretudo, a nossas mesquinhas rivalidades, a nossos ódios selvagens, que não ha mais esplêndido culto á memória de um soberano, que desejou cobrir todos os seus súbditos com um só manto, e unil-os todos indistinctamente ao coração, do que depôr aversões e rancores, em holocausto sancto a tão grandiosa recordação.

Indignos de compartir a nacionalidade do Sr. D. Pedro V se-mostrarão os que entre seus concidadãos soprarem ou fomentarem discórdia. Do alto do empyreo mais do que preitos e homenagens, mais do que funeraes e cânticos, será grato ao príncipe magnânimo

ver ligados entre si, por laços indissolúveis de paz e de amizade, aquelles que, sem distincção e sempre, amou todos como filhos.

Concidadãos, ao templo! E repitamosahi, do fundo do coração: *Gloria tibi, domine; et in terra pax hominibus!*



NOTAS

NOTAS

1. PAGINA 27

Jazigo da casa de Bragança, em S. Vicente de Fóra.

Eis como a imprensa descreve esse fúnebre e régio salão de família, faltando aliás aqui consideravel número de membros da real necrópole :

A antiga casa dos reis, no convento de S. Vicente de Fóra, onde se-depositavam as pessoas da angusta familia de Bragança, não correspondia ao fim para que fóra destinada, por ser de limitadas dimensões e estar situada em impróprio local.

Ha poucos dias concluíram-se os necessários arranjos na casa do refeitório do mesmo convento, e para alli se-trasladaram os ataúdes que contêm os restos mortaes dos reis, príncipes e pessoas da familia de Bragança, que jaziam na antiga casa.

O novo pântheon é quadrilongo, com arcadas de cantaria e pilares da mesma, guarnecidos pelos dous lados com êças.

Na parede do tópo está o altar de mármore de côres escuras, em mosaico, ornado com docél e espaldar preto.

Em frente do altar, dentro de um arco de cantaria, está collocado o magnífico túmulo do senhor Rei D. João IV, primeiro da dynastia de Bragança.

Nas duas êças, próximas ao altar, estão os ataúdes de S. M. I. o Sr. D. Pedro, duque de Bragança, e o da rainha, a Sra. D. Maria II; sôbre o primeiro vêem-se as duas corôas imperial e real, e sôbre o segundo a corôa real.

Nas outras êças collocaram-se todos os mais caixões que se-trasladaram do antigo jazigo.

O pavimento é de mármore escuro em xadrez.

• Dão claridade a esta casa onze janellas rasgadas, convenientemente guardadas com grades de ferro e rêsdes de arame, que defendem os vidros de côres, que dão a luz necessária.

Entra-se para o jazigo por um vestíbulo, onde sôbre a porta se-lê, em lettras de bronze dourado, a seguinte inscripção :

REAL JAZIGO

DOS MONARCHAS, PRINCIPES, E MAIS PESSOAS REAES
DA SERENISSIMA CASA DE BRAGANÇA,
QUE, NO REINADO DE SUA MAJESTADE EL-REI D. PEDRO V.
MANDOU ERIGIR SEO AUGUSTO PAE,
EL-REI D. FERNANDO II, REGENTE DO REINO.
1835.

Em cada caixão ha una chapa de bronze dourado, tendo no centro a inscripção que designa a pessoa real que alli jaz.

Do mosteiro de Belém foram trasladados para este pântheon os ataúdes que contêm os restos mortaes de El-Rei D. Affonso VI, do principe D. Theodosio e da infanta D. Joanna, todos filhos de El-Rei D. João IV.

Tambem virá trasladada da parochial egreja de S. Pedro de Penna-Ferrim, em Cintra, para este novo jazigo real, a rainha D. Carlota Joaquina.

E da egreja de Marvilla, em Santarém, a infanta D. Maria d'Assumpção tambem parece que será trasladada para esta casa.

As cinzas de Luiz de Camões virão, segundo o pensamento de El-Rei D. Fernando, repousar ao lado dos reis de Portugal, neste mesmo jazigo.

Desde então mais tres cadáveres foram avuitar naquella fúnebre galeria, os da rainha D. Stephânia, Infante D. Fernando e el-rei D. Pedro V, tres memórias luctuosas para uma familia de reis e para uma nação intelça.

Lá existem ainda muitos outros cadáveres da preciosa familia, aqui não mencionados, e de alguns dos quaes no texto damos noticia.

2. PAG. 32

Mestres d'el-rei.

Foi a própria rainha, que, alem de velar sempre por todos os estudos, tomou pessoalmente a si o insino elementar, e o da música e da lingua franceza. Leccionaram ao Sr. D. Pedro V os mais sábios em cada ramo: no inglez, um Gravelly; no latim, um Bastos; no grego, um conselheiro Viale; na mathematica, um conselheiro Folque; no desenho, um Fonseca; na gymnastica, Roeder; na dansa, Zenoglio; na esgrima, Petit, etc., etc. Até ao anno de 1847, o conselheiro Dietz, o leal amigo do Sr. D. Fernando, amando os principes com intranhada devoção, todo o tempo occupava, instruindo-os; com elle aprenderam o allemão, e os primeiros rudimentos da história geral e nacional, bem como de vários ramos das sciências naturaes, de entre as quaes eram a conchyliologia e a ornithologia dos mais especialmente predilectos do Sr. D. Pedro (que chegou a crear um excellente musêo, em que superabundam aves e conchas). Desde então foi seo mestre e aio inseparavel o sábio e fiel visconde da Carreira, um dos mais constantes e respeitados servidores da dynastia.

3. PAG. 32

Dotes e hábitos d'el-rei.

Sob o título *Reinado e ultimos momentos de D. Pedro V*, publicou o distincto escriptor, sr. José Maria d'Andrade Ferreira, em Lisboa, um folheto, cheio de interessantes considerações, pormenores, e transcripções. Algum extracto aqui daremos d'esse opúsculo, para induzir a uma tão agradável aquisição e leitura. Quanto aos vários dotes e hábitos do preclaro príncipe, eis como se -expressa aquelle livrinho :

« Tambem não faltavam a este príncipe as outras prendas que completam educação esmerada. Conhecia a música a fundo ; era notavel em esgrima, e desenhava com excessiva facilidade, esbocetos quasi sempre, possuindo o dom especial de characterisar uma figura no primeiro repente com tres ou quatro traços, dote que fez e mantém a reputação de Gavarni, e que nelle tambem propendia para o género satyrico do famoso desenhador francez. Do seo lápis fácil ficaram muitas caricaturas notaveis pela graça e rapidez do traço.

Era eximio na caça, a que se-dava com affinco, e tão destro atirador que deixava mal os mais peritos. Tomava muitas vezes por divertimento arremessar ao ar uma pequena moeda de cobre, que furava com uma bala.

« Nas Vendas-Novas, por occasião das experiencias das novas peças raiadas, e carabinas pelo systema Minié, admirou a todos que ali concorreram, pela certeza do seo poncto de vista e conhecimentos de balistica que manifestou. Com facilidade mettia a flo tres e quatro balas no alvo, deixando invergonhados aquelles que se-reputavam com firmeza de braço e de ôlho para fazer os melhores tiros. Tambem se-comprazia muito de falar com officiaes instruidos, de diversos ponctos de organização militar, em que era muito entendido.

A caça agradava-lhe principalmente, porque lhe-proporcionava a vantagem do retiro e da solidão, o que, para o seo génio melancólico, era uma necessidade. Foi com este pretexto que elle se-retirou para Mafra, por occasião da morte de sua espôsa a rainha D. Stephânia, e não de certo para se-distrahir senão para dar mais livre desabafo ás suas penas.

Os hábitos da sua vida eram simples e sóbrios, e nem outros podiam elles ser em mansebo de character tão sisudo, e de sentimentos e costumes tão puros e innocentes. Levantava-se ordinariamente ás 8 horas. Lia e estudava, ou escrevia no seo gabinete, onde outras vezes recebia as pessoas com quem privava, com as quaes se-entretinha a conversar nestas primeiras horas da manhan. Outras occasiões descia ás salas de baixo, lia os periódicos políticos e litterários, porque el-rei era assignante, e acceitava toda a publicação que lhe-offereciam, ou para que sollicitavam a sua protecção, do que muito se-pagava sempre. Isto tudo até á hora do almoço. Comia pouco de ordinário e não gostava, e até motejava dos desvarios da phantasiada culinaria franceza.

Em seguida dava audiencia, e occupava-se dos negócios publicos: ia passear a cavallo; voltava para jantar no fim da tarde; e á noite reunia no seo aposento os mais íntimos amigos, com quem practicava quasi de igual a igual até á uma e duas horas da noite.

Ha uma cousa singular: D. Pedro V, que era um príncipe tão methodico

em todas as suas cousas, tinha sempre em uma grande desordem os papéis e livros do seo gabinete de estudo.

De tudo tomava nota; assim dos casos da sua vida, como das indicações que lhe-evidenciava a experiencia, a respeito das cousas públicas e do character dos homens que o-rodeavam. Estes apontamentos, reunidos e colleccionados, dariam grossos volumes, e houve ja quem os-orçasse em para mais de vinte, e lhes-puzesse o título de *Memórias Contemporâneas*, e de certo este título lhes-cabe, porque são escriptos por um espirito atlado e pensador, que atravessou um período breve, sim, mas tormentoso de conflictos e amargas experiencias.

Tambem lia quem diga que escreveu um tractado sobre a instrucção pública e outro sobre a arte militar, ou organização do exército.

4. PAG. 33

Sonho, sendo menino.

Achamos agora reproduzido este facto pela *Instrucção Publica*, folha de Lisboa.

5. PAG. 33

Sina infeliz.

Um dos mais notaveis artigos da imprensa estrangeira, foi o que publicou recentemente no *Jornal dos Debates* Xavier Raymond, que mais de uma vez tractara de perto o Sr. D. Pedro V. Eis o que elle escreve acerca da idéa fixa de el-rei sobre a sua imaginária sina de infelicidade e de infelicitar:

« Aquelles que só o-viram na viagem que fez em 1855, depois da proclamação da sua maioridade, não poderiam senão difficilmente fazer idea do que elle se-tornara, do desinvolvimento que se-tinha produzido na sua pessoa, quando a morte veiu arrebatá-lo. O anno passado tive a honra de o-ver muitas vezes em Lisboa; quanto o-achei differente do que o-tinha visto em Paris! Ja não era o adolescente que se-insaiava com alguma timidez ainda para ser o rei; era um bello mansebo, de estatura elegante, de maneiras abertas e affectuosas, de physionomia expressiva, ligeiramente irónica quando tractava de certos assumptos, animada quando falava das cousas que lhe-eram charas, mas as mais das vezes marcada de um character de profunda melancolia. Através de toda a sua tristeza nunca notei, todavia, nada que se-assimilhasse á amargura; pareceu-me, ao contrário, que apezar das saudades que lhe-inspirava a perda ainda recente de uma espôsa adorada, a recordação da felicidade, de que havia tão plenamente gozado durante alguns mezes do seo casamento, radiava sempre na sua alma religiosa e resignada. Era reconhecido por alguns dias felizes que lhe-haviam sido concedidos; sabia que a vida não é só um tecido de afflicções, mas sentia que a sua parte era grande na sorte commum das dôres humanas, e desconfiava de algum modo do seo destino. A primeira audiéncia que tivera a benevolencia de fixar-me teve de ser addiada, em consequencia da morte de um ajudante de campo, a quem tinha particular affeição, o general Loureiro, arrebatado por um ataque de apoplexia fulminante. Foi muito naturalmente a primeira cousa de que depois me-falou. « Parece, dizia elle, que sou fatal a tudo o que amo; minha mãe, minha irman, minha tia a duqueza de Nemours, minha mulber, todas desaparecidas antes da idade! » Depois pôz-se a contar todos os

pares do reino, ministros, conselheiros de estado, generaes que tinha nomeado depois de ter subido ao throno, e cujos logares estavam já vazios em deredor d'elle. Estas dolorosas lembranças não o-abandonavam; á sua última hora, quando, não desconhecendo a gravidade do seo estado, procurava consolar os outros, recitava ainda essa lista fúnebre, mas accrescentava, em fórma de compensação, que a sua morte ia em breve libertar Portugal da funesta influencia que tinha pesado incessantemente, sem descanso nem mercê, sobre a existencia do seo rei.

Sobre este assumpto leem-se extensas considerações no opúsculo do sr. Andrade Ferreira, das quaes extrahimos as seguintes :

E quem, senão com mágua sincera, poderá correr os ólhos pelos casos que a convicção da sua sorte mesquinha lhe-aponctava como vaticínios do seo infortúnio ? !

Já em vida, com alguns dos seos mais dedicados, deixou desabafar muitas d'estas apprehensões; porém os delírios, que o-assaltaram nos derradeiros dias da enfermidade, completaram, sem elle o-querer, nem talvez o-saber, esta confissão, que elle com tanta amargura e discrição recitava bem no íntimo da alma.

E' como uma lenda de preságios essa triste e sincera narrativa !

Ainda em bem tenros annos perde a mãe ; é uma desgraça que lh'a-arrebata.

Depois sai do reino em extensa, emb'ora gloriosa peregrinação. O pasmo e louvores que deixa após si mal lhe-attenuam no espirito as saudades da pátria e do cortado affecto dos seos.

Decorridos septe mezes volta ao Tejo. A áncia de o-tornar a ver rebentara em festejos por toda a capital. Lisboa sabia que ia receber de novo o príncipe illustrado, cujos talentos e saber haviam imchido de assombro as primeiras nações do mundo culto. Ha nesta recepção mais que um festejo de etiqueta ; ha uma ufania legítima. As classes preparam allocuções, e o povo concorre com o seo affecto e com o seo júbilo. A própria natureza parecia ostentar-se a unísono com todas estas manifestações de estima e respeito que os portuguezes davam ao seo rei futuro.

D. Pedro desimbarca emfim ; porém, mal pôi o pé em terra, os ares obscurecem-se e um trovão propinquo e medonho restruge ; um só ; como se o fito dos elementos nesta occasião fôsse tão sómente lançar o agouro em tão bem estreadas alegrias públicas !

Passam-se annos e incepta-se o novo reinado. Vem os estragos das inundações do hynverno ; vem a penúria das povoações do Ribatejo ; vem depois o flagello de duas epidemias seguidas, que começam no poncto mais extremo do sul do reino e acabam por trazer o terror á capital. E' essa uma conjunctura de heroísmo para o monarcha, porque não lhe-foge como D. Sebastião, não succumbe como D. Duarte, pois o-poupa a mão de Deus (decreto da sua sabedoria), mas fica, e contém com o seo exemplo todas as molas da vasta máchina da governação, que sem elle abalariam do seo pôsto, deixando infêrmos e não infêrmos á mercê da anarchia, que a desolação derramaria por toda acidade.

Em tudo isto vê elle o triste influxo da desgraça que o-persegue por toda a parte, e por isso queria apparecer com o seo exemplo e a sua responsabilidade, onde o perigo fôsse maior.

Logo quasi em seguida, mesmo como um cálculo para affastar mais de prompto as lembranças que as epidemias haviam deixado em todos os espiritos, tracta-se de effectuar o consórcio que foi quasi simultaneamente fonte de gózos e sandades, saudades que tão profundamente lhe-pungiram o coração, que nunca mais, de poncto algum dos horizontes da vida, lhe-fulgurou vislumbre de esperança.

Ainda a estes desgostos, que tanto o-feriram ños seos affectos íntimos, ac-cresceram outros, que vieram ainda tornar mais cerrada, mais ininterrupta esta cadeia de tribulações. A mesma guerra de Africa não escapou de figurar neste quadro agourento.

Se até dos accidentes completamente estranhos á sua individualidade, como eram a morte dos seos familiares, ou desastres occorridos com os seos mi-nistros, elle teimava em se-attribuir a causa indirecta!

Se o seo ajudante de campo José Jorge Loureiro, havia sido atacado de uma apoplexia fulminante, fôra porque elle se-lhe-mostrara resentido em uma conversação que tivera, e o velho militar não podera resistir ao abalo que offrêra.

Se o brigadeiro D. Carlos de Mascarenhas falleceu, foi tambem por se -aggravar o padecimento que tinha, em consequencia de um passeio mais longo que dêra a cavallo com elle.

Nem os estorvos que tiveram os vários institutos de instrucção para se -constituirem e funcionarem, se-esquivaram d'esta lei, assim tão tyrannica-mente interpretada!

Os exemplos aponctava-os no curso superior de letras, cujas cadeiras, apezar dos seos esforços pessoaes, elle não lograra prelmcher. recusando-se dous professores, e infermando gravemente outro.

Saberia o infortunado principe que um dos discipulos d'esse curso foi le-vado para o hospital louco, e que D. José de Almada e Lencastre, que se-pre-parava, e de certo com brilhante êxito, para a cadeira de philosophia, se -finara extenuado pelo estudo?!

Talvez soubesse!

E aqui estava eu tambem a colligir mais coincidencias, para se-firmar melhor tão funesta convicção de uma sorte malfadada!

Se os factos podem mais que a rasão, neste caso!

« Diga-se o que se-dizer: a desventura não é uma casualidade, como a for-tuna igualmente o não é. São duas leis que regem os destinos dos homens: os seos principios são occultos; a intelligencia humana, pel-os não poder definir, nega-os; mas a lei existe, porque os seos effeitos são evidentes. O povo de todos os tempos, que tem sido sempre mais discreto que os sábios, tem reconhe-cido o poder d'essa lei ignota, e nem por lhe-desconhecer a origem tem deixado de a-reverenciar. Os antigos adoravam-a até como Divindade: erigiram-lhe altares, e chamaram-lhe *fatum*; e a superstição popular d'estas nossas épocas, quando divisa nella o accôrdo de certas affinidades moraes, appellida-a de Providencia, e, quando a iniquidade parece presidir aos seos effeitos, põi-lhe o nome mais vago e menos christão de — Destino.

« Finalmente a morte do Sr. infante D. Fernando veiu ainda junctar uma dôr legitima a este quadro de tristezas, umas naturalmente brotadas do coração, ontras mais innegrecidas pelas sombras do espirito ja preocupado.

Ha com effeito em tudo isto um séstro de infelicidade. Mais circumstâncias appareceram, que para outros nada significariam, mas nas quaes o rei julgava divisar como que as ligações íntimas e ao mesmo tempo complementares de toda esta coherencia da sua sorte.

6. PAG. 43

Tranquillidade do reino.

Muitas vezes se-felicitou o augusto monarcha de tranquillidade tal, e do horizonte que ella abria aos melhoramentos, a que se-ufanava de junctar seo nome. Ainda em octubro de 1860, ao concluir a instructiva jornada ao Alemtejo, proferiu estas memoraveis palavras, após o toast, que, no jantar de despedida, fez á prosperidade do districto de Evora, em presença das principaes auctoridades ecclesiásticas, civis e militares :

— « Desejo ardentemente que não sejam fallazes as esperanças no futuro que promettem as reformas económicas, a que sou feliz de ter vinculado o meo nome. Sente-se aqui pulsar a vida debaixo das ruínas, e agradecer á terra o trabalho do cultivador. Obliteradas as nossas discórdias, e as desconfianças que lhes-sobreviveram; esquécidos os gritos de guerra, que de irmãos fizeram inimigos, dêmos sincera e sériamente as mãos para a obra da nossa organização interior. Nella, e só nella, ha logar para todos. »

7. PAG. 46

Officio de rei.

El-rei D. Pedro, mui lido em todas as provincias dos conhecimentos humanos, versava assiduamente os bons clássicos da nossa formosa lingua, enelles buscava ás vezes felizes locuções. Tal é esta, depois tão reproduzida, do *officio de rei*, frequente aos bons escriptores. Assim, achamos em D. Fr. Amador Arraes :

— « O fim a que se-dirige o *officio dos reis* é fazer seos vassallos bemaventurados. (Dial. v., c. 1.)

— *Officio* é próprio *dos reis* imbotar o cutello das leis. (Id.)

— Porventura se não fôra serem cathólicos os nossos príncipes, não faltara quem fizera *seo officio* com tanta soltura, como se-faz em Inglaterra. (Id. c. 3.)

— Nos *reis*, cujo *officio* é fazer bem a todos, não se-podem louvar mãos apertadas. (Id. c. 8.)

— « *Officio de rei* é julgar, dando a cadaum o merecido. (Id. c. 11.) »

E nem só é portugueza esta accepção do vocábulo *munus*. Frederico-Grande tambem falava do *seo officio de rei*. O imperador Julião dizia : — « O *officio de soberano* ultrapassa fôrças humanas; demanda um deus. » Racine escreveu : —

Dans le métier des rois tu le devrais instruire.

49. PAG. 49

Obras litterarias do Sr. D. Pedro V.

Assim se-lê numa carta que Castilho Antonio dirigiu aos jornaes, explicando a impossibilidade, que lamentava, de acompanhar o real finado á sua última morada. É ella do teor seguinte :

— « Devo uma satisfação a toda a nossa confraria de escriptores ; apresso-me em lh'a-dar, e o mais publica possivel.

Apezar do obsequioso convite, que por parte d'elles me-dirigiram os nossos amigos Rebello da Silva e Biester, não me-foi dado acompanhal-os hontem no préstito fúnebre, bomenagem nacional, e mui devida a Sua Majestade o Senhor D. Pedro V. O estado me'indroso da minha saúde, e a prudente cautela do meo facultativo, me-detiveram longe d'elles, recluso em casa, não sem grande mágua minha. Custava-me que me não vissem nessa corporação, á qual me-glorio de pertencer, e a cujos individuos me-prendem, como toda a gente sabe, affecto inalteravel, e o respeito devido a seos talentos. Mas a esta razão tão forte accrescia outra muito mais subida. O vario mansebo, que se-levava, por entre o lucto e sentimento de nacionaes e estrangeiros, do paço ao jazigo, era mais para mim que um simples rei: era um litterato, e um sábio, amigo e fautor da litteratura e das sciencias; começara apenas, mas com boa mão, a benefical-as; e quem sabe até onde ellas m edrariam; se o tempo, se o progressivo amadurecimento e o constante impenho de acertar, tivessem deixado ao joven príncipe preimcher para a glória todo o seo destino, assim como o preimcheu para o infortúnio?

Ao amigo de toda a instrucção; ao fundador ao mesmo tempo de escholae elementares e da faculdade superior de letras; ao presidente da academia real das sciencias; ao que tinha os estudos pelo melhor dos passatempos; ao que practicava de equal a equal com o erudito, o naturalista, o militar, o litterato, o philósopho, o polyglotto; ao que, em tão curta vida, e tão poucos annos de laborioso reinado, achou ainda assim ócios para deixar, como affirmam, escriptos de seo punho mais de vinte volumes de *Memórias contemporâneas*, e dous tractados, incompletos mas já crescidos, um da *Sciencia e arte da guerra*, outro da *Instrucção e educação popular*; áquelle, emfim, que eu tinha sinceramente admirado, e de quem esperava ainda cousas máximas para a civilização da nossa terra por via da instrucção popular; queria eu tambem, como os meos confrades, tributar aquella dolorosa vassallagem.

« Simples cidadão que elle fôsse, mas tão deveras pertencente, como era, ao grémio dos estudiosos, espontaneamente haveria eu concorrido com os que lhe-fôssem dar a derradeira despedida, e derramaria lágrymas na sua campa, modesta e desinfeitada; acompanhal-o ia devoto, como accompanhei a Garrett e a Fonseca Magalhães; era um irmão, um collaborador, e um amigo, que se-ausentava; era mais uma esperanza, que transpunha d'onde ha tão poucas.

Tende a bondade de fazer constar tudo isto áquelles nossos cooperarios na civilização.

Tenbo a honra de me-assignar vosso... etc.— *António Feliciano de Castilho*.
Lisboa, 17 de novembro de 1861.

9. PAG. 49

Questão Ibérica.

Quando, em outubro de 1859, por occasião da morte da rainha, o enviado extraordinario de S. M. C. foi recebido em audiência solemne pelo Sr. D.

Pedro V, aproveitou o injeço para desinvolver elegantemente os seus pensamentos acerca da fusão dos dous reinos ibéricos, nestas palavras :

— Demasiado unidos estão os dous thronos e estados para, assim como compartem revezes e infortúnios, se não sentirem animados de um interesse commum pelos adeantamentos, glórias, e prosperidade um do outro. Se o progresso material, e mais ainda a cultura moral do século cifram o orgulho de suas aspirações em converter os mais afastados e dissimilhanes paizes da Europa numa confederação de sociedades amigas, quiz Deus, Senhor, pelo que toca aos dous povos da península, que não possam deixar de ser nações irmans. Fêl-os Deus — filhos do mesmo sangue — heroes da mesma história — senhores e conquistadores da mesma região. Deus os-baptizou nas águas dos mesmos rios — agglomerou-os e benzeu-os sob a abóbada do mesmo céu. Concedeu-lhes Deus alcançar, por esforços communs, instituições politicas dignas d'aquella nobre raça, que, mais essencialmente que outra alguma, identificou ao seu temperamento moral e á sua representação histórica a religião da monarchia, a fidalguia de sua independencia, e o senhorio de sua liberdade. Inviou-lhes Deus enfim para governal os, e sem dúvida para restituil-os á categoria que de direito lhes-corresponde no mundo, a dous illustrados soberanos, adoração, orgulho e providencia de seus súditos, sinceros representantes ambos d'aquella generosa e elevada política em que a razão do Estado outra não é senão o direito e o interesse das nações.

Nada mais delicado, nem tambem mais frizante que a resposta do Sr. D. Pedro V bastante, se o pensamento era tactear o terreno, para pôr a claro as augustas intenções. Eis o trecho allusivo ao tópicó ibérico :

— « O meo governo jamais deixou de reputar entre os seus mais sérios impenhos o contribuir para estreitar em uma prosperidade dous povos irmãos, até nas autonomias, que a rudeza de outras éras creava ou exaggerava, como naquellas que a civilização não tem fôrça para apagar. Em tal impenho, pôde dizer-se que o espirito da época faz mais do que os governos, aos quaes incumbe incaminhal-o (a elle, que mostra o caminho), ou disciplinal-o (a elle, que dá leis á humanidade).

Significavam estas palavras que os dous povos devem, sim, considerar-se amigos, irmãos; mas, por isso mesmo que irmãos, e amigos, não um, mas separados.

Eis, sobre este assumpto, um curioso trecho de Xavier Raymond :

Outra vez, falando do que se-chama o partido ibérico, dizia ainda D. Pedro: Julgam que estas vistas lisonjeiam a minha ambição e que eu as-favoreço. Tendes entre os vossos amigos pessoas que assim o-crêm, mas ingannam-se. Alem das razões de conveniencia, de política e de honra que devem conter-me, ha ainda considerações a que eu devo attender, comquanto os outros possam esquecêl-as. Os extravagantes, e mesmo aqui os-ha que affagam estas chimeras, não reflectem que se a casa de Bragança subisse algum dia ao throno da península, Portugal não seria necessariamente então mais do que uma provincia hispanhola, a nossa nacionalidade seria absorvida e desappareceria. Ora eu, que sou o primeiro dos portuguezes, o primeiro d'um povo que tem um logar honroso na história da espécie humana, não seria mais do que um mandatário infiel se patrocinasse similhanes projectos. Esta gente, alem d'isso, causa-nos grande desgosto, porque contraria muitas cousas uteis que poderiam fazer-se

para o bem commum dos dous povos: o desinvolvimento das communicações internacionaes, a approximação dos interesses materiaes, a unidade dos pesos e medidas e das moedas, a associação das alfândegas, etc., etc. »; e então entrou a falar sobre o seo assumpto favorito, a exposição dos projectos e das esperanças que a sua imaginação não cessava de formar, pensando na prosperidade do seo querido paiz.

10. PAG. 50

Penas de morte e degrêdo.

Várias vezes lhe-foi apresentada a penna para sottopôr seo nome a uma sentença fatal; repelliu sempre o papel de ante si, respondendo que só uma joya via preciosa na sua corôa, a do perdão; e que no seo reinado nunca o cadafalso se-ergueria.

Só em 5 dias, por exemplo, 8 e 14 de janeiro, e 16 de setembro de 1857, 2 de abril e 15 de maio de 1858 perdoou a morte a 6 homens: — Thomaz José de Carvalho — Naniam Morá — José Sebastião Vaz — José Salvador Barreto — Jacintho Rebello — e Florindo Augusto de Salles; e o degrêdo a 40: — Domingos Gonçalves Guimarães — José Maria de Souza — Philippe Manoel — José Rodrigues — Antonio de Almeida — Miguel de Jesus — Augusto José — Antonio da Silva — José Luiz — Antonio Lopes — Agostinho Mendes — Antonio Joaquim — José Francisco — Luiz Soares — Francisco Fernandes — José Antonio Fernandes — Francisco de Assis Nolasco da Silva — Philippe Maria de Carvalho — Antonio José Pereira — João Lopes — João Francisco Gallego — Manoel Antonio Branco — Andreza Gulo — Antonio da Silva Rio Tinto — Gonçalo Antunes — Joaquim Jerônimo — João Francisco Telmo — João Roque — José Silvério da Silva — Manoel Alves — Maria da Concelção — Caetano Dias do Pinho — Francisco Jorge — Francisco José da Lamega — Ignácio Maria de Azevedo — Joaquim António de Negreiros — José Pereira — Manoel José de Barros — Ignácio Alves — e Marla Marques. Quarenta e seis homens salvos! 46, para os quaes o poder real imlto o poder divino.

Ainda aqui se-poderiam accrescentar nesses mesmos dias, amnistias e indultos por atacado, como se-vê no *Diario do Gôverno* de 19 de maio de 1858 e outros innumeraveis logares.

11. PAG. 55

Instrucção publica geral.

No discurso de incerramento das camaras, em julho de 1858, assim falou:

— Lamento que a estreiteza do tempo, concedido aos vossos trabalhos, não vos-permittisse traduzir em medidas que fizessem sentir mais cedo ao paiz os beneficios de um systema de instrucção nacional, que obedecesse ao pensamento de arraigar pela educação a nossa organização politica, que satisfizesse á necessidade de crear homens para todos os misteres sociaes, os desejos que com sincero prazer reconheci animarem-vos de corresponder a um pensamento que devêra ser o de todos os homens públicos. Creio que comigo sentirêis a necessidade de illustrar a vossa próxima reunião pelo cuidado da resolução de uma questão que, mais que qualquer outra, tem direito a reclamar uma parte das meditações d'aquelles a quem occupa a idea do futuro do paiz. »

Instrucção primária.

Num de seos discursos ao corpo legislativo assim se-exprimiu :

— « Respeito o desinvolvimento da instrucção pública como uma das principaes, senão a primeira, das necessidades do nosso paiz, como a base mais sólida e mais duravel para todo o melhoramento futuro. É objecto de interêsse vital para nós. É sobretudo para a instrucção primária, para cuja generalização o meo governo vos-apresentará propostas de lei, que neste momento chamo a vossa attenção, posto que não considere menos dignas de a-fixarem a secundária e superior.

Universidade de Coimbra.

Superpondo-se a certos ciumes entre os altos corpos de insino, respondeu, em Coimbra, d'est'arte, a uma deputação do claustro :

« Os progressos na civilização alargam entre nós a esphera do insino superior.

A applicação separou-se, sem se-desligar, da theoria pura; e novas escholas vieram fazer concurrencia ás aulas da Universidade de Coimbra.

O que era necessidade para o paiz é, ao mesmo tempo, um principio de enulação entre escholas que não podem ter outra rivalidade senão o ardor no pre-milchimento dos fins, diversos entre si, que ellas se-propõem.

As nossas escholas não são de mais ao pé da Universidade; nem a Universidade, respeitavel pela antiguidade e pelos serviços, podia sentir quebrar-se-lhe o vigor, ao ver-se reproduzida.

Fôra caso único que a mãe pudesse ter inveja aos filhos.

Eis-aqui a resposta d'el-rei aos académicos da Universidade :

— Agradeço-vos as felicitações que, em nome dos académicos da Universidade de Coimbra, acabais de me-dirigir a mim e á rainha. São sinceras, porque conheço a mocidade mais inclinada a censurar que a adular.

Não esperei de vós senão a linguagem de homens livres, que vos-prezais de falar. Sentis a vida; appellais para o futuro; e quererieis por ventura que o tempo corresse como vos-corre o pensamento. O que ainda hoje é sentimento — sentimento de educação ou de harmonia — illusão em parte ainda — é crença que desponta por entre as aspirações que deixamos partidas na nossa peregrinação — convertêl-o-hão o tempo e o desinganno em convicções.

Ides intrar na idade de restituir á pátria o que ella vos-deu pela eschola. Actores ou espectadores, participarêis, mais ou menos, da gerencia dos negócios públicos, com a acção, com o conselho, com o voto.

« Permitti um conselho a quem trabalhou como vós todos, a quem pede hoje á familia um descanso, e um confôrto para esse trabalho.

« Não vos-esqueça, na vida pública, a sciência ! não esqueçais pela sciência a sociedade ! Obrigae a regra a conceder ao acaso o quinhão, que elle sabe conquistar nas cousas humanas, e não desprezeis a regra, quando contardes com o acaso;

Ha dous crimes, para os quaes não se-legisla: o isolamento e a ignorancia . o despotismo da theoria e o despotismo da practica !

Mais de uma vez a mocidade académica testemunhou suas profundas sympa-

thias ao realmancebo, companheiro seo na idade e no cuito da sciência. Lembra-remos as felicitações que ella lhe-dirigiu, por occasião do régio consórcio. Eram esses filhos da Universidade que (como elies mesmos diziam) tuham de exercer alguns dos primeiros cargos politicos, muitos dos administrativos, todos os judiciaes; de levar — com a theologia, crença ao vacillante — com a medicina, lenitivo ao inférmo — com a mathematica, impulso á viação — com a philosophia, subsidio ao manufactor — com o direito, justiça a todos — e com todos os progressos das sciências e das letras, a luz e a vida da civilização futura; e que todos vinham congratular o chefe do Estado naquelle dia de jubio, augurando, aberta a mão a perniciosas lides das armas, prósperos dias da glória, das letras e das liberdades portuguezas. Foi a régia resposta digna, amga, elevada, instructiva.

14. PAG. 55

Mocidade academica da polytechnica e da Universidade.

Na famosa sessão de 26 de outubro de 1856, presidida por S. M. Ei-Rei D. Pedro V, e por S. A. o Sr. Infante D. Luiz, e depols que o director da eschola recitou o seo discurso, S. M. respondeu nos seguintes termos (*Diário do Governo*, de 29 de outubro) :

Ha perto de vinte annos que a eschola polytécnica existe. Ha perto de vinte annos que ella presta uteis serviços ao Estado, habilitando para as diversas carreiras a que o estudo das sciências mathemáticas e physicas serve de preparação.

Nascida nos primeiros tempos do govêrno constitucional em Portugal, a eschola polytécnica foi a satisfacção das tendências da nossa época para o desinvolvimento da instrucção, dirigida a fins de utilidade práctica.

A necessidade de um systema assim concebido tinha sido sentida desde 1834, e a criação da eschola polytécnica, eschola central destinada a preparar para a carreira militar, e para a engenharia civil, foi a resolução mais económica do projecto de dotar o paiz com um estabelecimento, que lhe-podesse prestar os mesmos serviços que a eschola polytécnica tem prestado em França.

O pensamento fecundo que presidiu á instituição da eschola polytécnica resistiu ás alternativas da vida politica, e ás contrariedades de todo o género, que cercaram os seus primeiros passos. Mais ou menos favorecida pelo poder, mas nunca atacada nos principios que determinaram a sua criação, a eschola polytécnica apresenta para justificar a sua rasão de existencia o aperfeçoamento na instrucção theórica dos officiaes das armas especiaes, a criação dos serviços geodésico, topographico, e hydrographico, e o derramamento dos conhecimentos indispensaveis ao homem culto. Creando o insino da chimica e das sciências physicas com applicação á indústria, ella formou homens aptos para constituir o pessoal docente dos institutos industriaes, que permittem fazer participar as classes laboriosas dos beneficios da instrucção methodica nos seus misteres, e se-podem considerar como as escholas primárias nas quaes se-formam os engenheiros civis.

A eschola polytécnica contribuiu poderosamente para o aperfeçoamento da instrucção scientifica entre nós; lançou na circulação ideas uteis sobre a

necessidade da instrução ; e sobretudo pela natureza do seo insino , obrigou os seos alumnos a formarem-se a si mesmos. A eschola polytechnica não forma individuos aptos para se-integrem ao serviço das especialidades a que se-destinam ; subministra-lhes os conhecimentos indispensaveis para se-darem aos estudos de applicação. Se ella até hoje não tem correspondido, tão perfeitamente como era de desejar, a este importante fim, é que lhe-tem faltado os meios necessários para completar a instrução que subministra aos seos alumnos. As suas collecções estão longe de se-poderem considerar perfeitas ; falta-lhe totalmente o observatório astronómico, e a sua bibliotheca não offerece os meios de instrução que os variados ramos do seo insino exigem.

« A organização da eschola polytechnica foi em parte filha da necessidade de economizar, d'essa necessidade que desgraçadamente se-tem extendido aos meios de desinvolver a instrução do povo ; resente-se do limitado campo de actividade que se-offerecia na época da sua criação á applicação dos conhecimentos scientificos, e reunindo os cursos preparatórios para os militares com os das carreiras civis, não dotou a auctoridade com a força necessaria para manter nos alumnos militares aquelle rigor de disciplina, que auxilia, e torna mais proficuo o estudo, e prepara para soffrer com resignação as privações a que o militar se-vê tantas vezes exposto na sua carreira. É este um defeito de organização que mereceu por várias vezes a attenção do govêrno, que não pôde deixar de exigir que aquelles individuos para com quem contráhi obrigações correspondam, pelo seo aproveitamento, e pela sua conducta, aos sacrificios que o Estado faz com elles. Cumpre que os alumnos militares procurem justificar por seo comportamento, e pela sua applicação, a ausencia de uma disciplina tão rigorosa qual a que existe em estabelecimentos de igual natureza em outros paizes.

Naquelles paizes em que os exércitos são pequenos, em que o interêsse económico, e sobretudo o interêsse politico, exigem que o exército seja pouco numeroso, o corpo de officiaes deve distinguir-se pela sua instrução, e pela sua educação. É este um fim a cuja obtenção devem caminhar os seos esforços tanto os lentos como os alumnos. Confio que esta será a sua constante preoccupação.

É de esperar que a continuação da tranquillidade de que nestes últimos tempos temos gosado, que o desinvolvimento dos recursos do paiz, que o triumpho da razão pública, á qual o poder difficilmente resiste, possam crear as condições para o desinvolvimento da instrução pública em todos os seos ramos, em harmonia com as multiplices reclamações da nossa sociedade. A eschola polytechnica por certo tem direito á minha attenção e á do govêrno. O seo passado assim o-pede, e não menos o-reclama o seo futuro.

A eschola polytechnica pôde, apesar dos obstáculos que teve de vencer constituir-se, e contribuir poderosamente para o desinvolvimento do insino das sciencias mathematicas e physicas em Portugal. Deveu-o ao zêlo do seo conselho escholar. Um passado de vinte annos impôi deveres que não preciso de lembrar a quem até hoje os-tem comprehendido.

Alumnos da eschola polytechnica.— Vindo pessoalmente intregar os prêmios conferidos no último anno lectivo aos mais dignos de entre vós, satisfação a um agradável incargo, que nem mesmo desejei que vossos mestres partilhassem comigo. Sirvam-vos elles de incentivo na vossa carreira pública.

Lembrae-vos sobretudo do espirito da instituição da escola que vos-prepara a servir dignamente o Estado. Esse espirito consiste em dar a cada um dos seus alumnos os meios de se-instruir a si mesino.

Eis-aqui o que em seguida se-lê, no mesmo *Diario* :

O discurso de el-rei foi ouvido num silêncio religioso e com a mais profunda attenção. As elevadas considerações feitas por Sua Majestade a respeito do insino na escola, da influencia d'este insino para a illustração do paiz, e em particular do exército, e a respeito do observatório astronómico de Lisboa, excitaram satisfação unânime; a promessa de Sua Majestade de continuar sua poderosa protecção á escola, as palavras cheias de benevolencia dirigidas ao corpo cathedrático, as expressões de elogio e de sympathia dirigidas aos alumnos premiados, affiançam a esta instituição um futuro de prosperidade. Acabado o discurso de Sua Majestade, e postos em pé todos os espectadores, foram sendo successivamente chamados pelo secretário da escola, o major graduado Fernando de Magalhães Villas-Boas, os alumnos laureados; estes alumnos approximando-se de Sua Majestade recebiam de sua real mão os diplomas do prénio que tinham merecido no anno lectivo passado, e se-retiravam depols de terem tido a honra de beijar a mão a Suas Majestades e Alteza.

Determinada a distribuição dos prêmios, Suas Majestades e Alteza se-dignaram visitar os vários estabelecimentos da escola, e se-retiraram perto das tres horas.

Relação dos alumnos que no anno lectivo de 1855—1856 foram premiados nas diversas cadeiras da escola polytechnica.

1^o CADEIRA.

Francisco de Mello — 1^o prêmio pecuniário.

2^o CADEIRA.

Manoel Maria Loureiro Banazol — 1^o prêmio pecuniário.

3^o CADEIRA.

Alexandre Magno de Castilho — 1^o prêmio pecuniário.

4^o CADEIRA.

Mariano Ghira — 1^o prêmio pecuniário.

6^o CADEIRA.

Alexandre Magno de Castilho — 1^o prêmio pecuniário.

7^o CADEIRA.

Mariano Ghira — 1^o prêmio pecuniário.

Frederico Augusto Oom — 2^o dito.

Augusto Cesar Justino Teixeira — 1^o prêmio honorífico.

Aniceto Marcolino Barreto da Rocha — 2^o dito.

Alexandre Magno de Castilho — 3^o dito.

8^o CADEIRA.

Aniceto Marcolino Barreto da Rocha — 1^o prêmio pecuniário.

9^o CADEIRA.

Augusto Frederico Pinto de Rebello Pedrosa — 1^o prêmio pecuniário.

10^o CADEIRA.

Frederico Augusto Oom — 1^o prêmio pecuniário.

Com prazer trasladaremos ainda outro discurso, proferido no mesmo lugar, igual em altura e elegância, e no qual, entre muitas phrases de grande alcance, se-distingue a depois tão sympathicamente repetida: **SOU AMIGO DOS QUE TRABALHAM.**

Assim como a eschola polytechnica, pela índole particular do seo insino, se-differença dos institutos docentes, que as necessidades sociaes a-chamaram a substituir, assim me-parece que, nella, as solemnidades escholares não devem hoje parecer-se com o que outr'ora foram.

Outr'ora era possível, ao cabo de cada anno lectivo, medir complacientemente o caminho andado; hoje lembra mais depressa, ao recommençar o trabalho, falar do que ainda resta por fazer. Então as eschololas quasi que comsigo arrastavam a civilização, morosa ainda; hoje a civilização, infinitamente mais forte que ellas, diz-lhes como hão de ser.

Se a distincção não parecer de todo inexacta, outr'ora a eschola, servindo a sociedade, podia pensar particularmente em servir o accrescentamento da sciência; hoje os interesses sociaes avassallaram os interesses da instrucção individual. E todavia cresceu a eschola, porque cresceu o meio em que ella se-achou collocada.

• A sciência práctica teude diariamente a repellir para os seos raros intrincheiramentos a sciência especulativa, e o desinvolvimento da actividade social a roubar o tempo ao insino. Impregar toda a fôrça viva da mocidade, é uma das exigencias e das consequencias do espirito e da organização sociaes da actualidade.

Se ganhamos, ou se pelo contrário perdemos com a influencia que a nova direcção das ideas e das necessidades, que assim vieram a nascer, exerceu no insino público, não é aqui lugar apropriado para dizê-lo.

• Se perdemos, quer-me parecer que a culpa não é toda das eschololas superiores, que jamais tiveram podêr para crear ingenhos, senão que para adestrar capacidades.

Se perdemos — o que contesto — a culpa, mas não toda, é das eschololas inferiores, que mal correspondem á sua missão, e que não dão, releve-se-me a expressão, aos espiritos ainda novéis dos seos alumnos os orgãos de assimilação que a instrucção superior suppô.

Vemos desgraçadamente desaccordos entre si, a eschola primária, demasiadamente elementar; a eschola secundária, demasiadamente clássica; e a eschola superior que, quasi sem transição, se-repartiu pelas exigencias da sciência praticavel, e da sciência abstracta.

Mas ha uma grande culpa, que não scei se pertence a unia parte da mocidade estudiosa; não quiz, ou não soube ella ainda compenetrar-se sufficientemente do espirito da revolução, pela qual passou todo o insino professional. Parecêra logar commum dizer que, nas eschololas, de qualquer ordem que ellas sejam, se não aprendem integralmente as sciências, senão que nellas se-aprende a estudal-as.

Segundo o fim de utilidade que nellas procuram, uns contentam-se com a demonstração superficial das cousas, em quanto que, mais raros, os outros lhes-inquirem a razão. Uns aspiram ás eminencias, os outros satisfazem-se com

a aptidão strictamente necessária nos misteres que a uns e outros cabem em sorte. Em quanto as cousas assim se-passam, a sociedade, que a eschola procura melhorar, pésa sôbre esta com os seus preconceitos. Abraça as novas ideas, e afere-lhes a applicação pelas antigas.

A sociedade moderna pede o insino profssional, despojado de todo o luxo de erudição; e com tudo ouço queixar-se de que, das escholas profssionaes, saiam duas classes de alumnos; uma com a sciência que se-reputa desnecessária; outra com aquella alem da qual se não pede mais. A sociedade premia e considera a primeira, e lamenta que a segunda cresça; applaude as ostentações académicas, e esquece-se de ir julgar do que ellas valem nos campos de applicação.

Pedi-se a eschola polytéchnica, porque se-intendeu, e a meo ver bem, que a Universidade não podia satisfazer a todos os pedidos da administração.

Vemos, porém, que muitos consideram a eschola polytéchnica como uma faculdade de sciências, e consequentemente como um pleonasmio; e que outros a-condemnam porque ella renunciou a toda a pertença mais ambiciosamente especulativa. Uns temem-se de uma producção excessiva de capacidades, em quanto que os outros se-desanimam, porque estas não brotam tantas, nem tão completas como sonhavam ao preparar-lhes o terreno.

Sómente passados os estudos de applicação, é possível avaliar se são sólidos ou não os conhecimentos, que na eschola polytéchnica se-adquirem. Creio que o-são; mas creio tambem que é muito desigualmente meritório o trabalho dos que nella conseguem distinguir-se. Vingam o grande talento ou a applicação mortal.

É para os graus inferiores do insino que chamarei de preferença a attenção dos que a-malbaratam com a instrucção superior, para a qual reclamam progressos ainda irrealizaveis.

Será sómente quando o insino médio chegar a satisfazer os que o-querem mais clássico, e os que o-querem mais utilitário, que será possível apreclar exactamente a influencia do insino superior. Será sómente quando as escholas superiores deixarem de servir de supplemento ás inferiores rudimentarmente organizadas, que será possível ver diminuir o proletariado letrado, cuja origem muito injustamente se-attribue ás academias.

O que a eschola polytéchnica tem feito, sirva-lhe de honra o dizê-lo, tem-o feito ella, a despeito do estado da instrucção pública em Portugal.

Alumnos da eschola polytéchnica! sou amigo dos que trabalham, e sabêis com que prazer venho distribuir, pelos mais merecedores de entre vós, as recompensas que o conselho escholar lhes conferiu.

Repetirei hoje o cons lho que por duas vezes vos-dei: « Não fecheis os livros, e não vos-lembréis dos diplomas que da eschola levais. Aquelles valem sempre; estes uma só vez; aquelles instruem, estes muitas vezes iludem.

Vem aqui a pêlo rememorar outro facto análogo, e tambem chelo de sympathicas recordações. Quando, em fins do anno de 1860, o Sr. D. Pedro V passou em Coimbra, para ir ao Porto, prometeu demorar-se mais na Athenas Portu-gueza, em seo regresso, declarando até que para si mesmo reservava então

o prazer de conferir por sua mão os prémios aos alumnos beneméritos da Universidade. Cumpriundo sua promessa, foram dias esses que deixaram á sábia cidade ineffaveis recordações. A brilhante solemnidade da intrega dos prémios, na majestosa sala dos capellos, foi um dos actos mais apparatusos que alli se -hão celebrado. Após um elegante discurso do Reitor da Universidade, e antes da distribuição dos prémios, eis como Sua Majestade se-exprimiu :

! Academicos ! — Poucas palavras julgo dever accrescentar ás que acabais de ouvir ; palavras de conselho que não desprezaréis, e de animação que não terão soado em vão.

! Digam-vos as minhas o que espero de vós, e mereçam ellas junctar um estímulo ás de vossos mestres.

! O que sois hoje e o que amanhañ podeis ser, careço apenas de vol-o-recordar. Em qualquer situação da vida, depende de vós o crédito da Universidade que vos-dá o saber, e que ao meio de vós vai procurar os mais dignos de o-perpetuarem.

Dice-se-vos que era naufrágio certo a sciência sem a moral, sem a religião, e ninguém o-contestará.

Maior mal comtudo (e d'esse seria mais verdadeiro o dizer, que nos -consome) é a ignorância sem as qualidades que a-fazem perdoar.

Ha na sciência, qualquer que seja a sua origem, ha na reflexão que ella alimenta, um principio de redempção, que raras vezes falha.

Vale a alma o que valer a intelligência. Valham ambas o que devem, e seja á mocidade académica a primeira a dar-nos o exemplo da união, tão realizavel e tão facil, das virtudes que nascem em todo o coração puro, com as que só vêm de um espirito castigado, esclarecido pelo estudo.

É indescrriptivel a effusão de júbilo com que a mocidade académica recebeu o joven rei. Aponctaremos um, entre mil factos.

Voltava, no dia 29 de novembro, a régia comitiva para Lisboa. Antes de proseguir foram os augustos principes ao mosteiro de S. Clara visitar sua avó, a rainha S. Isabel. Depois, ao metterem-se em suas carruagens, encontraram todas as auctoridades, todos os lentes, todos os estudantes, a maioria dos habitantes da cidade. Caía a chuva em torrentes; era intenso o frio hybernal; mas todos queriam, até o último moniento da despedida, manifestar a saudade que os régios hóspedes deixavam. Partiram estes emfim. Redobrando então, em muitos, o pezar da ausencia, e indifferentes á inclemencia do tempo, resolveu grande número de mansebos, proseguir, assim mesmo, e com seos trajos académicos (sapato e meia, abbatina e gôrro), a pé, até encontrarem os viajantes. Chegaram a Condeixa (a 2 léguas), onde tiveram a fortuna de achar quem procuravam. El-Rei patenteou, por todas as fórmas, quanto lhe-fôra grata semelhante manifestação; um de seos agradecimentos foi assim publicado pelo estudante, a quem Sua Majestade intregara tão honrosa commissão :

Abraço Real: Académicos, collegas e amigos ! S. M. o Sr. D. Pedro V, habituado á virtude, á piedade sem superstição, á justiça sem crueldade, á liberdade sem a licença, ao valor sem a temeridade, depois de nos-ter dado a mais profunda e verdadeira demonstração de estima, e ainda não contente com o muito com que nos-havia pinhorado em Condeixa, onde o-acompanhámos,

ahi . depois de nos-conceder a graça de lhe-beijarmos a régia mão , ordenou ao seo camarista marquez de Ficalho que chamasse d'entre a academia um que , tendo a distinctissima honra de receber um abraço do nosso synpáthico e popularissimo monarcha , fôsse encarregado de o-transmittir a todos os seos collegas.

E eu , intérprete dos reaes sentimentos de Sua Majestade , venho por este meio tornar pública esta tão generosa quanto digna acção , communicando-a a todos os meos collegas e amigos , em quanto eu próprio não posso cumprir com o que por Sua Majestade me-foi ordenado.

« Foi então que eu , em nome de todos os meos collegas , certifiquei a Sua Majestade o quanto nos-pinhorava este acto verdadeiramente real , e que eternamente ficará gravado em nossos corações , sempre reconhecidos e fiéis. Pobre foi talvez a demonstração dos meos collegas , porém nascida de corações francos , e que sabem reconhecer as altas e nobres qualidades com que a corôa portugueza tão brilhantemente se-acha ornada ; e seja ella por Sua Majestade-recebida como a expressão dos puros , verdadeiros e ieaes sentimentos da Academia.

Coimbra , 29 de novembro de 1860.— *José Corrêa Loureiro* , do 3º anno juridico.

PAG. 13. 56

Exemplos das formas de donativos régios.

Védoria da Casa Real. — Tendo attenção ás urgencias do Estado : Hei por bem ordenar que da dotação que me-fôra estabelecida , na conformidade da Carta Constitucional da Monarchia , se-deduza a quantia de noventa e um contos duzentos e cincoenta mil réis (Rs. 91:250,000) , como donativo espontâneo , que deverá verificar-se durante o anno de 1857—1858 : e outrosim sou servido de clarar que é minha vontade que d'esta somma sejam applicados trinta contos de réis (Rs. 30:000,000) á fundação de um observatório astronómico em Lisboa , e dez contos de réis (Rs. 10:000,000) para enriquecer as collecções do Instituto Industrial d'esta capital , devendo a restante quantia de cincoenta e um contos duzentos e cincoenta mil réis (Rs. 51:250,000) intrar na receita geral do Estado. O duque mordomo-mór assim o-tenha entendido e fará constar na repartição competente. Paço , aos trinta e um de janeiro de mil oitocentos cincoenta e septe.— REI.— *Duque mordomo-mór.*— Está conforme.— *Gonçalo Jaime Aldim.*

Está conforme.— Direcção geral da comptabilidade do ministério da fazenda , 3 de fevereiro de 1857.— *José Bernardo da Rosa.*

Secretaria particular de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando.— Tendo attenção ás urgencias do Estado : Hei por bem declarar que da dotação que me-competete por virtude do contracto matrimonial celebrado em Coburgo em o primeiro de dezembro de mil oitocentos e trinta e cinco , faço cessão a favor do thesouro público da quantia de cincoenta contos de réis , como donativo espontâneo ; para esta somma ser deduzida da dicta dotação no anno económico de mil oitocentos e cincoenta e septe a mil oitocentos e cincoenta e oito , e nas prestações mensaes , como se-tem practicado nos annos antecedentes. Paço das Necessidades , em trinta e um de janeiro de mil oitocentos e cincoenta e septe.— El-Rei DOM FERNANDO.— Está conforme.— *Joaquim Rodrigues Chaves.*

Está conforme.— Direcção geral da comptabilidade do ministério da fazenda, 3 de fevereiro de 1857.— *José Bernardo da Rosa.*

PAG. 16. 57

Curso superior de lettras.

Do principio geral dos concursos exceptuou Sua Majestade a dous cidadãos, Alexandre Herculano e Castilho António, para os quaes designou as cadeiras que lhes-destinara, honra de que ambos, aliás, pediram licença para declinar. Não será descabido, porém, transcrever aqui a carta que Castilho António por essa occasião elevou á presença de el-rei :

**Carta de António Feliciano de Castilho a Sua Majestade El-Rei
D. Pedro V, em 22 de outubro de 1859.**

Senhor! — Permitta-me V. M. que eu não limite a meras palavras fugitivas, que para o mundo e para a posteridade são como se não foram, mas antes confie á escripta, por ser fiel, diffusiva, e perduravel, os meos cordiaes agradecimentos a V. M., pela tão honrosa escolha com que V. M. se-dignou de me-chamar para a cadeira, por V. M. fundada e mantida, de litteratura moderna, e particularmente nacional.

Ao distribuir prémios este anno passado dice V. M. estas palavras, de que eu me não heide esquecer em toda a vida, nem a história em tempo algum: **SOU AMIGO DOS QUE TRABALHAM.** Ficou-me portanto licito desde logo escrever a V. M. O trabalho zeloso e util dá-me para com V. M. o mesmo privilégio, de que já por seo talento e génio se-gosaram para com outros grandes principes outros escriptores.

Senhor! Se alguma cousa pôde egualar-se em mim á ufanía, não vaidosa, de me-ver por V. M. mesmo designado para um cargo, que tanto requer de saber, de philosophia, e de apurado gôsto, confesso a V. M. que logo na segunda hora, após a do entusiasmo, me-introu a dominar com energia não menor o receio de não ter fôrças, nem meios, nem recursos, correspondentes ao desejo e á espectação de V. M.

Entretanto o deliberar-me era difficilimo. Que de rasões de todo o género, que de impulsos interiores para eu acceitar! mas que montanhas e cordilheiras de difficuldades para me-pôrem mêdo!

Devia alguma cousa a mim, e ao meo nome; ao nome, ao crédito, e aos interesses de meos filhos; devia muito mais a V. M.; á nossa pátria e á civilização devia tudo. Para qualquer lado que houvesse de cair a resolução, deixaria inevitavelmente esmagados muitos respeitos, que me-haviam de ficar bradando vingança na consciência.

Dei-me portanto a estudar com toda a sisudez e individuação os contras de cada pró, e os prós de cada contra; era obedecer ao legislador da poética e do bom senso.

.....*versate diu, quid ferre recusent,
quid valeant humeri*.....

¿ Qual era a natureza e a extensão dos estudos que se-me-commettiam? Primeiro poncto para sério exame.

¿ Quaes para um bom desimpinho os meos cabedaes existentes? ¿ quaes as

minhas faculdades, forças e condições para os conseguirmos novos e melhorados? Segundo ponto, não menos grave.

Presuppondo que os podesse alcançar pelo menos sufficientes, qual era (e este terceiro ponto era momentosissimo) a sua importancia real comparada com a de outras lidas, que me-seria forçoso renunciar?

Eis-aqui, Senhor, o que, para integra e escrupulosamente se-esclarecer, pedia, e não dispensava, longos dias e noites das mais constantes, ininterruptas, e improbas diligencias.

Só agora, que cheguei cansado ao cabo de todas ellas, mas livre e seguro de erros e illusões; só agora, Senhor, é que posso desimpennhar-me de um dever cuja tardança involuntária já me-estava remordendo.

Exporei a V. M., como V. M. o-quer, e por todos os titulos o-merece, os resultados das minhas averiguações em todos os tres pontos.

O quadro da litteratura moderna, quadro sem moldura, quadro recrescente por todos os lados, quadro vivo, cambiante, quadro de tão vagas e incontradas luzes, de tão profundas e inextricaveis sombras, exige em quem se-arroje a explical-o mais que um erudito, e um polyglotto: um homem cujos olhos possam devorar de continuo, cuja memória, já prodigiosamente cheia, possa de continuo absorver e assimilar, cujo gosto se não confunda nem imbote, cuja philosophia domine, alta e brilhante como sol, todas as questões, porque assim o-digamos, sublunares, da arte e das eschololas. Esse homem não era, esse homem não sou eu.

O meo pecúlio de idiomas é escasso.

Creado por Deus para produzir algumas florinhas de poesia, em quanto não chegasse estação, que emfim chegou, de produzir tambem, de entre ellas, e d'ellas, alguns fructos substanciaes, nunca, nem o pendor natural, nem o tempo, nem a necessidade, se-me-compadeceram com o cosmopolitismo litterário. Abaixo dos meos classicos romanos, meos primeiros amigos e formadores, e de dez ou doze modernos, meos reformadores, e não menos amigos, posso affirmar a V. M., que os livros da minha mais costumada applicação têm sido o meo próprio espirito, o meo próprio coração, e a natureza.

Senhor! Em minha boa e leal verdade: eu não scei senão muito poucas cousas. A cada passo me-incontro invergonhado por essa rumorosa república litterária (na qual tambem V. M. é magnate) com individuos, não naturaes d'ella, uns naturalizados, outros adventicios, por quem eu, quanto ao intrinseco, me não trocara talvez, mas cujo copioso haver, feitiço e de ostentação, me -admira, e me-confunde. Certos de entre elles, e muitos, representam-se á minha humilde sinceridade uma espécie de entes sobrenaturaes, que adivinharam, não só a philosophia, as theorias e as regras, mas tambem quantos livros se-têm produzido, e se-hão de produzir. Nunca ninguem os-viu estudar, e acreditar-se-ia ao ouvil-os que estudaram tudo! De dia e no serão professam, em cursos ambulantes... a encyclopédia; qualquer banco de passeio, loja ou theatro, lhes-é cáthedra; qualquer gruppito fortuito, auditório. É logo necessariamente de noite, e em quanto dormem, que por um especial favor do Alto se-lhes-philtrava para o cérebro a sciência infusa do primeiro homem, e que as abelhas de Platão lhes-vão zumbir em roda do leite, e fabricar nos lábios os seus panaes dourados.

Proceda d'onde proceder a sua universal sciência, e, o que para mim não é menos assombroso, a fé implicita que elles têm na sua própria infallibilidade, com que se-arrogam tom e créditos de oráculo, o que eu unicamente scei bem, Senhor, é que, sôbre não possuir um systema vasto e completo das innumeraveis noções que a nova cadeira vem pedindo, careço, ainda de mal! tudo quanto fôra preciso para as-grangear.

Não me-dissimulo que o pecúlio real de noticiás e princípios, de factos e de ideas, se-pôde até certo poncto dispensar, com um pouco de habilidade, e não pouco de despejo. Em cousa nenhuma tanto como na litteratura e na philosophia, por sua índole essencialmente vaga, em nossos dias sobretudo, se-podem levar os applausos das turbas com prestidigitacões, e phantasmagorias; não faltou quem m'o-advertisse, e me-aconselhasse a acceitar o beneficio e a honra, correspondendo ao *deus nobis hæc otia fecit*, com o *ego mira poemata pango*. Por isso mesmo que era amplíssimo e indemarcado o campo, livre me-flcava, ponderavam elles, percorrê-lo ao som da minha phantasia, ou ao sôpro do acaso; desvairar-me de digressão em digressão; esquivar as agruras e fragosidades da sciência, para me-espairecer no aneno e florido do descriptivo, das biographias dos auctores, dos quadros históricos dos tempos e dos logares, das anedoctas, das recitações apraziveis, das criticas mordazes e facéas; emfim, estanciar em Cápua, coroado de rosas, num festim opiparo, vencendo o mesmo soldo que se andasse quebrando os pés e a espada através dos Alpes, por onde era o primitivo itinerário. Bom conselho em verdade para o dia seguinte áquelle em que se-tivesse amortalhado a consciência! bonissimo arbitrio, se não fôra infame, querer dar pelo ouro de V. M. palavras douradas, e corresponder ao convíte de V. M. para lidas sérias, com o abuso impudente e sacrilego da boa fé e do heroico patriotismo de V. M.

Quando, á conta da altura do throno de V. M., baixeza e remoto da minha posição, eu me-quizesse ingannar com a esperanza de que V. M. não descobriria a infidelidade do meo trabalho, outros muitos a-saberiam; e, quando ninguem mais a-soubera, sabia-a eu; e como a eu soubesse, já a cama de plumas deparada pela munificência de V. M., me-daria mais vigillas revolvidas do que somnos regalados; já cada pedra da casinha, que eu houvera edificado com esse thesouro, clamaria contra mim, como tres vezes roubada; roubada primeiro a el-rei; roubada depois ao mais digno do que eu; roubada, por derradeiro, á porção estudiosa do nosso povo.

Quero antes ficar-me bem commigo mesmo no fundo da minha pobre obscuridade, e merecer que V. M., sabendo por mim mesmo que eu não era o que V. M. procurava, me-compense, com um pouco de estimacão moral, o que me-quiz prodigalizar em brilho litterário e em fortuna.

Senhor; para que V. M. se-inteire de quanto a meo pezar e quão veridico faço a V. M. estas confissões, com equal franqueza, como quem fala ao AMIGO DOS QUE TRABALHAM, declaro agora a V. M. que: assim como sou insufficiente para esta eschola, qual a-planejaram e instituiram o sábio intendimento e magnânimo coração de V. M., tarefas ha, de mais humilde natureza, mas não talvez menos prestadias, de que eu tenho para mim daria boa conta, se me-foram incumbidas. São, em primeira linha, as que se-referem directa e immediatamente á instrucção elemental do povo. O passado responde pelo futuro;

já facilitei pela philosophia, pela mnemonicisação, e pelo attractivo da amenidade e do amor, como V. M. mesmo presenciou, o insinuo do lèr e do escrever; bem haja eu por isso, que ampliei margem a novos estudos e trabalhos; porque (foram palavras estas de V. M.): O DESINVOLVIMENTO DA ACTIVIDADE SOCIAL TENDE A ROUBAR O TEMPO AO INSINUO; IMPREGAR TODA A FÔRÇA VIVA DA SOCIEDADE (dice-o ainda V. M.) É UMA DAS EXIGENCIAS, E DAS CONSEQUENCIAS DO ESPIRITO E DA ORGANIZAÇÃO SOCIAES DA ACTUALIDADE. Mas o estudo da grammática geral e portugueza, e o da lingua latina, dous impregos diurnos das minhas lucubraciones, estão ainda por concluir; e concluidos não seriam menos serviços, nem menos fructíferos. Nestes dous ramos, e em vários outros que ainda me chamam pela voutade, pertencentes ao primeiro plantar nos espiritos que se arroteiam, tem-se entre nós laborado, ou muito me-inganno eu, num grave erro: pertendem-se levar as noções para dentro da memória de assalto e á escala vista; o meo systema, o meo dogma, é pelo contrário: que á memória se não vá senão através, por favor, e com boa paz do entendimento; é isso o que dá á alma, desde o seo principio, os bons hábitos, o gôsto para o trabalho, que então se torna prazer, e uma fecundidade real e proveitosa. ¿Quem melhor o-sabe que V. M.?, e quem melhor que V. M. o-podêra ter dito?: AS ESCOLAS INFERIORES MAL CORRESPONDEM Á SUA MISSÃO, E NÃO DÃO AOS ESPIRITOS AINDA NOVEIS DOS SEOS ALUMNOS OS ORGÃOS DE ASSIMILAÇÃO QUE A INSTRUCÇÃO SUPERIOR SUPPÕI.

Já que de lingua latina falei, passo adeante; e digo: que outra obra ha, de índole mais litterária, mais congénita ao novo curso fundado por V. M., para a qual eu scei e sinto que a natureza e o meo estudo me-apparelharam: é a trasladação de monumentos clássicos romanos para a nossa lingua.

Já as *Metamorphoses*, os *Amores*, e os *Fastos*, de Ovidio, pertencem pelas minhas diligencias á litteratura nacional; as restantes obras do mesmo gigante, sinto-me alda com fôrças e ânimo para as-lr desinterrar d'onde o desestudo do latim as-tem sumidas, e expôl-as não menos para modêlos aos curiosos do antigo. Em todas as escolas, até nas mais oppostas, ha muito que se -aproveite.

Os poemas completos do *desterrado do Ponto*, todas as litteraturas europeas os-ambicionaram, e os-metteram em si, com mais ou menos boa mão; a nossa, que algumas vezes o-havia tentado, pôde agora pelos meos crentes e fervorosos esforços conseguil-o; é imprêsa para a qual eu não peço mais do que o tempo (retribuições e prêmios viriam supérfluos; incontro-os de sobejo na approvação, no quasi applauso dos entendidos), e, se alguma corôa mais pudesse ambicionar, seria para mim a primeira, e a mais invejavel de todas, que V. M., o Rei sábio e letrado, o fautor de todos os bons estudos, o amigo e o exemplar de todos os que trabalham, se-dignasse de me-acceitar a reverente dedicação de um tal monumento.

Depois de Ovidio, está ahi Virgilio requerendo tambem a sua carta de naturalização, e esperando obtêl-a sob um príncipe que tanto lhe-deve fazer lembrar, na illustração e no amparo aos poetas, o seo Augusto; Virgílio, já tantas vezes traduzido em portuguez, e ainda hoje por traduzir.

Depois de preludiar em Ovidio, talvez me-aventurasse eu, ainda que a mêdo, a metter mãos áquella eterna música Virgiliana.

Diz-me o senso íntimo , que nestes labores de poeta , para onde estudo e gòsto me-reclamam , posso muito mais e melhor servir a V. M. , do que o-faria desbaratando-me , e consummindo-me , a revolver e commentar uma litteratura interminavel , de mil aspectos , e na máxima parte desconhecida.

Depois , Senhor , quem sabe se este sorriso benévolo de V. M. ás musas antigas , que tanto podem contribuir para se-nos-completarem estudos , e retemperar a língua , não esforçaria a outros , depois de mim , para commettimentos semelhantes , até virmos a possuir , tambem nós , o corpo inteiro dos poetas e dos prosadores do povo grande , de quem herdámos tudo mais ?

A língua portugueza , de todas as neo-latinas a mais latina incoutestavelmente , pôde aspirar sem temeridade a isto com que tantas outras se-têm opulentado ; e (sem lisonja palaciana o-affirmo) , a nenhum reinado viria mais próprio um tal pântheon que ao de V. M.

Não pára nisto , Senhor , o que eu julgo e creio poder : alem dos serviços á instrucção primária , abençoados amores de V. M. , e á instrucção académica pela resurreição dos ingenhos - príncipes de outras éras , posso , como nos dias de minha plena mocidade cultivar o quinhão de que a natureza me-fez dom ; torrõesinho ajardinado entre herdades suberbas no Parnaso portuguez. Tenho poemas originaes inéditos , uns quasi concluidos , outros em meio , outros esboçados , a que seria melhor , cuido eu , pôr a mão última , do que destruil-os , para vagar á commentação arbitraria , e mal auctorizada , de poemas que outros escreveram .

Aqui tem V. M. , expostos com leal franqueza , sem falsa modéstia , nem vaidosas presumpções , os resultados do meo longo exame de consciência.

Agora : a V. M. , o decidir ; e a mim , o obedecer sem réplica.

Se , como espero , o AMIGO DOS QUE TRABALHAM , me-ordéna proseguir nas lidas para que fui talhado , V. M. me-permittirá que lhe-dê os parabens de poder já intregar esta eschola da faculdade de lettras a quem se-possa dignamente pôr a par dos outros dous professores , tão discretamente escolhidos por V. M. ; e , se , pois que V. M. é , e se-confessa , nosso amigo , me-é dado , em virtude d'esse título , dirigir , com o devido acatamento , uma lembrança , e quasi conselho , a V. M. , digo a V. M. : que o insino da litteratura moderna , e particularmente da portugueza , por ninguém de entre nós poderia ser mais sólida e brilhantemente professado , que pelo secretario da Academia Real das Sciências , José Maria Latino Coelho. Esse sim , que é poliglotta , copioso no saber , copiosissimo e felicissimo no orar ; percebe , discerne , e abrange com acume e relance de águia ; expôe com ordem e lucidez ; abrilhanta a philosophia com a imaginação , aviventa a imaginação com a philosophia ; ama , versa e tracta a língua vernácula com subido esmero .

As suas preleções attrahiriam auditório numeroso (em que eu de certo não faltaria) , e a final , passados os primeiros annos , poderiam avultar impressas , como um formoso curso , e ao mesmo tempo modêlo de litteratura .

Deus guarde a preciosissima vida , a saúde , o enérgico vigor , e as raras virtudes de V. M. , para ventura e esplendor de todo este reino.— De V. M. o primeiro admirador , o mais reverente e agradecido súbdito

A. F. DE CASTILHO.

Estações telegráficas.

A oeste do pharol da Guia se arvorou, em janeiro de 1861, um mastro para uso de signaes, pelo código de Marryat. D'esta fôrma, e com o auxilio dos telegraphos eléctricos, podem de grande distancia corresponder-se os capitães de navios com os seus consignatários em Lisboa. Igual serviço se-faz da torre de S. João da Barra. Outra estação se-preparava no cabo de S. Vicente, ligando com as mais estações telegráficas do reino. Eis como, a léguas de distancia, ao mar da costa portugueza, é possível aos capitães mercantes orientarem-se sobre o estado dos mercados na Europa, seguindo viagem para onde lhes-offerecer mais conveniencia.

Estudos práticos nas viagens.

Em todas suas excursões patenteava, não só a patriótica intenção que lh'as-dictava, como tambem a superioridade de suas vistas e utilidade de seus estudos práticos. Daremos um exemplo. É a provincia do Alentejo aquella cujas condições económicas da população, e topográficas pela situação, deficiencia de águas, etc., luctam mais desvantajosamente com os progressos locais. Por isso mesmo voltara o Sr. D. Pedro para ellas todas suas attensões. A nova legislação sobre allodialização da terra (fel de 30 de junho de 1860); o adeantamento da viação férrea cortando essas planicies, e servindo de laço para ligar Portugal a toda a Europa; o projectado estabelecimento de colónias agrícolas nas orlas das vias férreas, etc., etc., tudo isso, do reinado do Sr. D. Pedro V, tendia a transformar o anterior estado das cousas. O rei examinava, reflectia e iniciava os melhoramentos. Em novembro de 1860, num jantar que S. M. deu na cidade de Beja, dirigiu o seguinte brinde:

— Apesar de ter percorrido com demasiada rapidez o Alentejo, lisonjeo-me de ter adquirido um conhecimento approximado das suas principaes necessidades. Vi elementos poderosos de desinvolvimento económicos, creados, ou em caminho de o-serem; não vi nexos entre elles. Pensa-se em importar vida; não se-pensa bastante em produzir e espalhar-a. Ha nisto uma confissão de indigencia, que é antes uma confissão de desanimo. Lamento-a; na ordem material, como na moral; creio possível a lucta com a natureza. Com estas palavras, não me-parece que eu recomende aos habitantes do districto de Beja cousa para que lhes-falte vontade ou fôrça. Bebo á prosperidade do districto de Beja.

Liberalismo do rei.

Era o Sr. D. Pedro V o homem que mais sinceramente respeitava em Portugal os principios constitucionaes. Assim o-manifestou por factos, sempre que a occasião se-apresentou; e nem duvidou consignal-o em formaes declarações.

À camara dos Pares que o-congratulava num anniversário da outorga da Carta, respondia elle:

— « Dia de júbilo é este para todos os portuguezes. A recordação da outorga e restauração da Carta Constitucional da monarchia, pelo magnânimo príncipe, que tão sábia e generosamente vinculou o throno com as liberdades públicas, não pôde deixar de excitar, em todo o tempo, e particularmente neste dia, o reconhecimento do paiz, e a profunda gratidão da camara hereditária, pela alta e importante missão que aquelle venerando código lhe-confiou.

E aos deputados :

— « É dia de verdadeira festividade nacional, que recorda o nome glorioso do augusto soberano que, outorgando e restaurando a Carta Constitucional da monarchia, assegurou a liberdade politica, e nella assentou a base para o progressivo desinvolvimento moral do nosso paiz. Não posso deixar de declarar-vos que me-é muito agradável ver que a camara, interpretando os meos verdadeiros sentimentos, me-faz a justiça de acreditar que, seguindo os nobres exemplos de meos augustos progenitores, heide impenhar as minbas fôrças em sustentar e manter illesas as nossas instituições politicas.

E á camara municipal :

— Este dia, glorioso e faustissimo, despertando a gratidão nacional (devida ao generoso monarcha que, reconhecendo as necessidades dos povos, que a Providencia lhe-conflara, lhes-restaurou as suas naturaes franquias), serve de alentiar as esperanças de que maiores e mais sasonados fructos produza para o futuro a obfa de meo augusto avô, de saudosa memória.

20. PAG. 63

Suas ideas sobre as instituições, e seu respeito a ellas.

Levava esta abnegação longe, demasiado. A exaltação da probidade illudia-o, exagerando seos deveres, os direitos da communitade, e invertendo os modernos contractos synallagmáticos entre rei e povo num unilateral, em sentido opposto aos velhos precedentes, dando a realza tudo e recebendo pouco. Ouçamo'l-o :

— « A camara municipal de Lisboa, patenteando-me no dia de hoje os sentimentos que a-animam para comigo, lembrou-se de que não é a corôa quem menos aprecia a transformação politica que traçou uma nova órbita á sua auctoridade.

A liberdade deveu á corôa, não a vida, que essa não reconhece, ao poder de um só, fôrça para creal-a ou supprimil-a, mas o logar que as instituições sociaes lhe-recusavam. Custou-lhe a imprêsa a abdicção dos seos antigos poderes.

Taes poderes cedem-se, e não se-reconquistam; eram de facto e jamais seriam de direito. -

Noutra occasião, se-glorificou de baver guiado seos passos por taes ideas, exprimindo-se d'est'arte :

— Agradeço á camara municipal de Lisboa as felicitações que acaba de dirigir-me, pelo motivo do meo anniversário natalicio, que ao mesmo tempo incerra o terceiro anno do meo reinado, e abre o quarto.

« O que fica feito — o que se não soube, ou não se pôde fazer nos tres annos

que decorreram, desde que sobre mim descansa o honroso péso da realza — a outros, mais indulgentes ou mais severos do que nós, pertence avallal-o.

O que de mim dependia fil-o, ou pelo menos, com tal convicção me-está il-sonjeando a consciencia. Se não é prezar em demazia os meos actos, — se não é desconhecer os meos deveres tentar a apologia que a outros incumbe, ou desviar censuras que sobre outros tenham de recair, — mantive firme a esperança de um melhor porvir e proclamei as ideas a que ainda attribuo virtude para nol-o preparar.

21. PAG. 65

Opinião do rei D. Fernando acerca de seu filho.

— Pedro, dizia el-rei D. Fernando seo pae, Pedro não sabe ainda o que vale, e eu tão pouco o-seci; mas parece-me que não haverá honrem de bem que d'elle se-approxime e o-conheça, que não se-interesse vivamente por elle. Quando mesmo não fôsse o rei, ninguem poderia deixar de ficar impressionado da pureza exemplar de sua vida, de sua applicação ao estudo, de sua tão firme contlança em tudo que é bem, do ardor d'essa imaginação que fermenta sem ainda ter achado o seo caminho, da força e da sinceridade de todas essas illu-sões que persistem a despeito dos desingannos e dos revezes, que ja tem soffrido. É como uma árvore nova e desconhecida que, vinda da outra extremi-dade do mundo, havia de ter soffrido, para chegar até nós, muitas vicissitudes e tempestades; eila ahí agora que começa a brotar os seus primeiros renovos e as suas primeiras flores, mas não se-sabe ainda que fructos dará. Espero, contudo, não me-illudir com a affeição paternal, quando creio que a colheita será bella e boa. (*Xavier Raymond.*)

22. PAG. 65

Ideas do rei D. Pedro sobre a causa liberal.

O que provou ainda melhor que não era, apezar de tudo quanto tinha soffrido, uma alma desalentada, é o gôsto extremo que elle mostrava pelos ne-gócios, as nobres paixões que agitavam o seo coração. Era liberal e patriota ardente. Lord Macaulay, depois de ter passado uma noite inteira a conversar com D. Pedro, dizia a um amigo nosso: Não imaginava que um homem tão môço-podesse ser tão instruido, nem um rei tão liberal. » Não me-pertence tractar de confirmar, pelas minhas apreciações pessoaes, o juizo feito pelo illu-stre historiador; mas se eu pudesse referir tudo o que el-rei D. Pedro quiz ter a benevolencia de dizer-me no abandono de conversações, sempre amaveis e sempre interessantes, a quantos outros não inspiraria eu os sentimentos de respeito e de dedicação que, para aquelles que o-conheceram, é impossivel deixar de conservar á sua querida e incantadora memória. Devo, porém, li-mitar-me, e não citarei entre todos senão dous exemplos, mas elles serão suf-ficientes para mostrar a profundeza de seus sentimentos liberaes, e a elevação verdadeiramente real de seo patriotismo.

« Passeando na galeria em que D. Pedro dava audiência, dice-me elle um dia: « Os acontecimentos que se-seguiram á revolução de fevereiro vingaram

bem o rei Luiz Philippe dos povos e dos reis ; mas isto não deve ser de grande satisfação para os amigos dos princípios constitucionaes e da liberdade , porque foi á custa da liberdade que esta vingança se-cumpriu. O crédito das ideas liberaes soffreu grandemente na estima das nações e dos soberanos. O cansaço, a desconfiança , o desgosto apoderaram-se dos espiritos, e , não vos-enganéis , ainda ahi dominam. Invadiram até os paizes que parecem ter escapado á influencia das vossas agitações : aqui mesmo, sinto eu essa influencia. Os debates das côrtes , as discussões de nossos jornaes podem illudir-vos pela sua vivacidade ; mas , acreditac-o bem, o que de mais difficil tenho a fazer , é insinar á massa do povo a servir-se das liberdades que lhe-concedem as nossas leis.

(*Xavier Raymond.*)

A uma allocução da municipalidade de Lisboa, num anniversário da outorga da Carta, S. M. respondeu estas memoraveis palavras :

— A súbita necessidade do governo livre foi em Portugal a fórmula de uma revolução social, ignorada antes, . . . ignorada depois por tantos dos que chamaram a liberdade politica a servir de garantia da liberdade civil.

«Em 1823, ficaram de pé os interesses contrariados pela primeira manifestação do poder das classes intermédias; e as classes para quem se-operava a revolução deixaram arrancar das mãos a liberdade, que mal tinham aprendido a apreciar. Morreu a nossa primeira constituição, como não devêra ter morrido a obra da boa-fé e do patriotismo.

Vieram os tempos em que uma classe pelejou contra todas, em que a liberdade politica teve de ser dada ao paiz pela espada, e o paiz recebeu e conservou a liberdade. Os primeiros actos do novo govêrno foram a resolução do problema, apenas enunciado em 1820.

Foi grande meo avô, de saudosa memória, quando se-demittiu de duas realezas, quando abdicou os preconceitos que vulgarmente as-obscurcem e as-compromettem. Não o-foi menos, quando vinculou o seo nome á reforma económica, ainda hoje tão injustamente apreciada, que contribuiu para dar-nos 24 annos de liberdade.

Sustentar e continuar a sua obra é para mim um dever que se-roborá pela força da convicção, e pela religião do juramento. Errámos muitos; muitos identificámos demasiadamente o dever com o direito; nenhum ainda renegou.»

23. PAG. 65

Suas ideas sobre a camara dos pares.

Seja-uos dado por longo tempo ainda ver ligado o respeito do passado com o ardor no proseguimento das necessárias usurpações sôbre o futuro. Para symbolisar a um tempo as duas tendências collocou a constituição a camara dos pares acima das mûtações diárias da scena politica.

24. PAG. 65

Suas ideas sobre os municípios.

Por occasião de um anniversário natalicio de el-rei, havia a camara municipal de Lisboa formado votos para que os municípios podessem ainda,

na sociedade portugueza, apparecer formulados na sua natural expressão; recordou ella ao soberano o dia em que o Sr. D. João I, arvorando nas muralhas da primeira conquista de Portugal a bandeira honrada da cidade de Lisboa, lhe-reconheceu o direito especial de se-interessar pela glória de um povo, cuja grandeza despontou á sombra d'essa bandelra, e pela de um rei, representante de uma dynastia que, dous séculos depois, subia ao throno, quando o mesmo estandarte se-desfraldava sobre os muros da velha Lisboa, para solemnizar a restauração da liberdade. E mui digna de reflexão a resposta do Sr. D. Pedro V:

— A camara municipal de Lisboa agradeço as expressões que me dirige, por occasião do segundo anniversário do dia em que me-coube o difficil incargo de contribuir, pelo cumprimento consciencioso e exacto dos deveres que a Carta Constitucional me-impôu, para o bem da minha pátria.

A camara municipal de Lisboa faz votos para que, no meo reinado, o des-involvimento moral dos povos, confiados aos meos desvelos, restitua aos municipios a importancia, que legitimamente pôde pertencer-lhes, nas nações que se-governam a si-mesmas.

« Não esquece á camara, por certo, a profunda modificação que, na essencia e na esphera de acção do municipio, exerceu a civilização moderna, fazendo cessar o isolamento dos municipios no Estado, e ligando estes pelo vinculo commum da necessidade de um govêrno que, respeitando os fóros que elles devem conservar, e forcejando porque possam justificar a conservação d'elles, centraliza, para o bem da comunidade, toda aquella acção administrativa que, dispersa, se-infraquece. Se por uma parte se-pôde dizer que o municipio é para a liberdade o que a eschola primária é para a sciência, a grandeza e a força das nações pede, por outra, que se-reúna nas mãos de um poder intelligente, fiscalizado e julgado nos seus actos e nas suas tendenciãs pelos representantes da nação—submettido, como estes, ao império da opinião— toda aquella auctoridade que para elle se não torne um peso nocivo, ou que, exercido por elle, possa favorecer a tendencia, funesta aos povos, de abdicarem nas mãos do Estado toda a actividade e todo o cuidado dos interesses públicos.

25. PAG. 67

Programma de futuro.

São profundas e bem sentidas as seguintes palavras, proferidas, em resposta á camara dos deputados, por occasião de um anniversário da outorga da Carta:

— O anniversário que hoje celebramos, lembra-nos mais as obrigações que contraimos, do que os direitos que alcançámos.

Das obrigações, parece-me que era sempre occasião de falar.

Lembrar e recommendar o respeito dos direitos seria, a meo ver, até certo puncto, pôr como problema o que é tempo de considerar fóra de discussão. Que interesse poderia levar a atacar o que todos os interesses, os mais nobres como os mais vulgares, aconselham o defender?

Lancemos antes a vista para o espaço que caminhámos, e inquirámos o que devemos continuar, e no que devemos emendar-nos. Saídos de uma época de transformação, illustrados os espiritos, e domadas as vontades pelo passado,

podemos hoje declarar maior a liberdade, que ora declarámos demasiada, ora erradamente julgamos feita para gozar no bérço dos fóros da virilidade. Sirvamo'-nos d'ella; e não acreditemos que os fius nascerem dos meios; sempre nos -esforcemos por communicar a estes a acção creadora.

Ao recordár o passado, não fôra permittido esquecer a geração que, educada para outro regimen, fundou entre nós a liberdade politica. Prova ella que cada idade tem as suas tendencias, e que estas são independentes dos hábitos e das instituições que as-comprimem.

Educada a nova geração com o novo regimen, e para elle, moldada pelos hábitos e pelas tendencias do seo tempo, esperemos que os filhos não dêem aos paes a triste celebridade das virtudes não imitadas. Para uns começa o descanso: para os outros a acção. Uns combateram com os annos e com as ideas; combatam os outros sómente com as ideas.

26. PAG. 71

Anecdota, durante a febre amarella.

Não era, comtudo, uma alma desalentada. Certamente todos se-recordam dos admiraveis exemplos de firmeza e dedicação que, apenas de idade de vinte annos, elle soube dar a todos, quando foi preciso consolar e tranquillizar as populações aterradas pela explosão da febre amarella. Seja-nos nesta occasião permittido referir uma anecdota que me-foi contada em Lisboa, e que faz comprehender os sentimentos de que o povo estava animado para com o seo rei. O joven principe cõncebeu a suspeita de que, no meio de uma mortalidade tão consideravel, podia acontecer que se-desesperasse demasiado cedo dos moribundos, e formara tenção de visitar não só os inférmos, mas até os mortos. Certo dia, chega ao leito de um soldado, um corneteiro de infantaria, sôbre o qual os enfermeiros acabavam de extender o seo capote militar, para dizerem com isto que elle cessara de viver. O rei acha o corpo ainda quente; inclina-se, ouve o coração que ainda palpita fracamente; exclama que o homem não está morto, e pergunta o que se-poderia fazer para o-salvar. Os médicos aconselham uma fricção. O rei manda immediatamente buscar o medicamento designado, e, arregaçando as mangas do casaco, applica com as suas próprias mãos uma vigorosa fricção ao doente. Pouco a pouco o paciente dá signaes de si; ainda não tem consciencia bem clara de seo estado, mas pronuncia algumas palavras como para perguntar o que lhe-querem. « É o rei que quer saber como estás?— Estou bem doente.— Não tanto como julgas; d'aqui a quinze dias estarás restabelecido, e no dia em que saires do hospital recommendo-te que vás receber as minhas ordens ao Paço. O soldado foi salvo, e desde então a admiração popular ficou convencida de que o rei tinha feito um milagre. Quem parecesse duvidar de que um príncipe tão caritativo e tão bravo tivesse podido fazer um milagre, expôr-se-ia a offender estes corações simples e reconhecidos.

(Xavier Raymond.)

Sua modestia, após seu heroísmo, durante a peste.

A uma allocução encomiástica dirigida ao rei pela camara municipal de Lisboa, por occasião de se achar extincta a epidemia da febre amarella, em 1858, respondeu elle :

— Cadaum de nós, nas diversas posições em que a sorte nos-colloca (umas mais visiveis, outras que se-perdem na multidão), tem, a meo ver, que cumprir os mesmos deveres. O homem não cede o logar á dignidade que o-destilgura e que o-esconde. Os seus actos encontram um juiz, benévolo ou severo, segundo que a sua collocação é mais ou menos elevada. O que é apenas cumprimento de dever, parece mais na altura; e o que alli fôra tido por heroísmo, passa por vulgar merecimento na escuridão, que a sociedade offereco ao valor modesto.

O perigo existiu. Alguns poderam fraquear deante d'elle; — eram homens ! Outros não o-temeram; — não eram mais que homens.

Se o que então flz foi merecimento, foi merecimento que folgo de ver felizmente muito repartido.

Considererei-me soldado. Tive companheiros. A estes chamarei camaradas. E o louvor, que sôbre elles cal, paga-me mais ainda que o simples testemunho da consciencia.

Comprazo-me em junctar a esta a lembrança das palavras, que a camara municipal de Lisboa acaba de dirigir-me. Se eu tinha direito a alguma recompensa, é-me sufficiente essa.

Consórcio de el-rei.

Felicitar a camara municipal de Lisboa a S. M., por occasião da chegada e recepção pública da rainha, considerando tal dia como — aurora de merecidas felicidades, porque nesse consórcio haveria allívio para as árduas fadigas da magistratura real; — aurora de esperançoso futuro para os portuguezes, porque na régia descendencia, se-continuará uma dynastia, inseparavel da constituição do Estado, e piñhor das públicas liberdades.

Assim respondeu el-rei :

— Os breves annos do meo reinado poderiam definir-se: demasiada experiencia para quem não pôde aproveitar-se ainda d'ella toda. Não foram felizes.

Mas se no mal ha um bem, trazem consigo os infortúnios o fazer sentir uma impressão desconhecida e indefinivel, na primeira alegria que quebra a cadeia de males.

A cidade que, ha mezes, á morte despovoava, esconde hoje as lágrymas que ha pouco ainda orvalhavam a saudade e o cypreste. Seria este para mim e para a rainha o mais claro testemunho de que não passa desapercébido para o povo de Lisboa um acontecimento, que consubstancia o nosso porvir.

A rainha pede-me que assegure a camara da sua viva gratidão, e permite-me que cite as singelas e sentidas palavras que ainda ha pouco me-escrevia: —

« *Tua querida mãe deixou-nos um exemplo de grandes virtudes, que terei sempre deante dos olhos, e que forcejarei por imitar. Tenho esperança de que ella abençoará a nossa união, como se ainda nos-fosse dada a fortuna de possuil-a na terra.* »

29. PAG. 75

Esperanças na felicidade da familia.

O mísero e mesquinho rei augurou esses dias de felicidade, que elle julgava ter ido assegurar-se na familia. Ouçamos algumas das palavras que dirigiu ás altas corporações, que o-felicitavam por seo auspicioso consórcio :

— « O céu permittirá, que, com a prolongação dos seus dias, se-prolongue a minha ventura, e que com os annos cresçam na rainha os sentimentos de interêsse e de afeição que ella hoje já vota á pátria que adoptou.

— Na vida do soberano entrelaçam-se satisfacções e dissabores. Padece por si e padece por tantos que d'elle podem depender. Na vida doméstica, in-contra elle, como todos com quem tem necessidade de parecer-se, ou sempre ou nunca, a felicidade que, na vida pública, tão intermittente se-mostra.

— Confio que o céu ouvirá os votos, que a camara municipal de Lisboa me-dirige pela duração de uma união, que realiza tão perfeitamente a felicidade, que fui procurar na familia. »

30. PAG. 76

Carta d'el-rei, por morte da rainha.

Eis-aqui, na íntegra, essa sublime carta do Sr. D. Pedro V ao Sr. Duque da Terceira :

Meo charo duque.— São poucas as consolações e os lenitivos para dôres taes como a que neste momento me-persegue. É mais uma provação durissima pela qual aprouve á Providencia fazer-me passar.

É raro ter conhecido a maioria das desgraças na idade aberta ás ambições e ás illusões, de que aquellas costumam proceder. Resigno-me com a minha sorte: cumprir o dever pelo que elle é; não pelo que elle póde valer.

Para fazê-lo sobre-me o exemplo da espôsa que perdi, quando apenas começava a apreciar o thesouro de que me-foi dado gozar. Era um coração para a terra e um espirito para o céu.

Nos quatro annos do meo reinado, eu e os meos povos temos sido companheiros de infortúnio. Diz-me a consciencia que nunca os-abandonei. Não me -abandonam elles hoje, que procuro um confôrto e quasi o não ineontro senão na religião, que manda crer e esperar, e nas lágrymas que se-confundem com as minhas.

Queira o duque transmittir a expressão do meo sentido reconhecimento ás corporações e aos indivíduos que, nos dias luctuosos que acabam de transcorrer, se-lembraram de que no meio d'elles ha alguem que padeceu e padece muito.

« Creia nos sentimentos de estima e de consideração, com os quaes sou seu sinceramente afeiçãoado

D. PEDRO. »

31. PAG. 78

Providencias para remover as causas de insalubridade, a qual ora se-attribute a morte d'el-rei.

Não deixa de ser tristemente curioso o considerar que, poucos annos ha, se tomaram várias providencias para tornar menos insalubres os campos dados á cultura do arrôz, causa próxima, segundo se-assevera, do passamento dos augustos irmãos. Eis-aquí o teor de uma circular aos governadores civis do reino :

Sua Majestade el-rei, attendendo ás representações, que lhe-foram presentes, sôbre a necessidade de novas providencias para evitar que a cultura do arrôz influa nocivamente na saude pública ;

Considerando que as vistorias dos terrenos destinados á cultura, effectuadas na primavera, quando ainda são geralmente abundantes as águas de rega, não podem offerer a segurança necessária da sua permanencia, e de que será evitada a sua estagnação no estio ;

Considerando quanto importa conhecer com exactidão quaes são os terrenos, que pela abundancia de agua perenne e corrente são realmente apropriados para esta cultura ;

Houve por bem resolver o seguinte :

1.º Durante o estio, e antes da colheita, na occasião que parecer mais oportuna, proceder-se-ha em todos os terrenos, que se-acharem semlados de arrôz, a vistorias destinadas a verificar, se os regulamentos policlaes respectivos têm sido rigorosamente executados ; se as sementeiras se-acham ou não banhadas de água corrente ; e se, portanto, ha ou não motivo bastante para, na conformidade dos mesmos regulamentos, cassar as respectivas licenças de cultura ;

2.º Depois de ultimada a colheita, proceder-se-ha similhantemente a novas vistorias em todos os terrenos em que se-cultivou arrôz, afim de verificar se foram logo depois da colheita destruidos e arrazados, na conformidade dos regulamentos, os cômoros dos arrozaes, e se-proceder devidamente contra os negligentes e transgressores ;

3.º Dar-se-ha conta annual ao govêrno, pelo ministério do reino, dos dias em que se-effectuaram as referidas visitas fiscaes, e dos seus resultados.

32. PAG. 78

Morte do Sr. D. Fernando.

Sabemos que propuzeram ao infortunado principe que deixasse o paço das Necessidades, e que buscasse residencia mais sadia e distrahida do que aquella o-era em tal conjuncção, e que elle se-recusou a sair, dizendo que *não queria fugir ao seo fado.*

Elle já presentia quasi o fim de seo irmão, porque desgraçadamente a imaginação d'este principe affigurava todos os casos da vida sempre pelo seo desinlace mais funesto ; por isto, sempre recolhido ao seo quarto, seguia com os sentidos tudo o que se-passava no paço. Quando o infante falleceu, chegou ao seo aposento um dos camaristas, e ia para falar...

— « Não diga nada, accode o principe, pondo a mão na bôcca ao camarista ; já scei o que me-vai dizer.

O camarista calou-se e dobrou a cabeça. (*Andrade Ferreira.*)

33. PAG. 79

Ser a nação sua família.

Este mesmo pensamento expresso em termos ainda mais elevados e sentidos, repetiu frequentemente, como nas seguintes palavras :

Se a felicidade doméstica pudesse, por si só, constituir toda a ventura dos soberanos, eu teria nella a melhor recompensa dos esforços que consagro ao desimpenho da minha missão. Mas, ao lado do círculo estreito da família, deve estar para elles essa família mais vasta, que se-chama a nação, e de que são mais servidores que paes. Faltar-me-ha sempre alguma cousa para completar o meo bem-estar, se ás consolações que a família offerece, eu não souber junctar a participação nas venturas da nação.

34. PAG. 84

Religião.

Ninguém, como o infortunado príncipe, conheceu melhor o seo fim : não sabemos se o-pediu a Deus; crêmos que sim, pois se-lhe-antolhou como a confirmação de desejos tão intranhados e insistentes.

« Ainda no último dia que esteve de pé, na occasião de lhe-levarem uma ligeira refeição, soltou estas palavras, recusando a comida, por lh'a-repellir o fastio que o-minava :

— « Ainda o estômago me-curarão elles (os médicos), mas a cabeça é que não.

« Depois, virando-se para o Sr. marquez de Ficalho, accrescentou :

— Meo querido marquez, quero pedir-lhe um favor, e hade fazer-m'ó, porque lh'o-peço com a franqueza que dous soldados devem um ao outro. O marquez é um soldado velho, e meo amigo antigo; não se-recuse a essa franqueza.

O nobre marquez ficou sobresaltado com estas palavras, mas affiançou-lhe que não lhe-falaria de outro modo, porque nem elle o-sabe fazer.

— « Pois então ha de me-dizer continuou o rei, quando devo eu sacramentar-me. O marquez é religioso, e sabe que eu tambem o-sou, e não quero privar-me d'este confôrto da religião. Seja sincero; em veudo que é a hora, avise-me.

« As lágrymas rebentaram dos olhos ao velho fidalgo. Foi de balde que intentou mostrar-lhe que os seus dias ainda seriam longos e talvez felizes; mas um abraço e um sorriso, d'aquelles sorrisos amargos que ás vezes entreabriam os lábios do desventurado príncipe, foram a sua única resposta. (*Andrade Ferreira.*)

35. PAG. 84

Scena dos ultimos dias.

Esta scena passou-se assim : o rei havia sido assaltado de um violento ataque de convulsões, a que os médicos chamaram epileptiformes, segundo se-vê do boletim d'esse dia. Todos tiveram mêdo que não pudesse resistir á

violencia do ataque. A afflicção fez intrar no quarto os fidalgos, e Sua Magestade o senhor D. Fernando acudiu tambem no ange da maior anxiedade. Diziam que o rei estava a morrer. Todos lhe-rodearam o letto. Os facultativos lidavam por lhe-dar alguns antipasmódicos, mas não o-conseguiram, porque as convulsões continuaram por algum tempo com a mesma força. A esperança quasi que fugia a todos. Por fim o rei caiu numa grande prostração. Affirmavam até que não via nem ouvia. Aos facultativos, o seo quadro symptomatico inculcava-o já como moribundo.

Entre os concurrentes e diversos personagens que este lance attrahiu, appareceu tambem o Sr. ministro das obras públicas. A estima que consagrava a el-rei levou-o a approximar-se do letto: depois, afflicto, retirou-se, e em seguida sahiu do aposento. Mas el-rei, apezar do seo estado, tinha-o conhecido; e tanto assim, que, passados estes momentos, e estando já mais socegado, perguntou por elle, e dice que o-chamassem. O Sr. Horta introu de novo. O Sr. D. Fernando ainda estava á cabeceira, e em roda alguns camaristas e médicos. O principe fez-lhe aceno, e o ministro approxinou-se. El-rei estava muito abalado: as suas ideas eram claras, mas os termos confundiam-se e difficultavam-se ás vezes. Surriu-se para o Sr. Horta, e dice, que tinha receio de perder de todo a cabeça. Depois falou-lhe da outra vida, e a pintura do *Inferno* do poeta florentino vein-lhe á memória. Chegou á recitar o conhecido trecho *Per me si ra nella città dolente*, mas a sua fé religiosa, ou quem sabe se a saudade de uma espôsa querida, voltou-lhe a idea para os formosos versos em que Dante fala da sua Beatriz, el-rei tambem acreditava no paraiso, e tambem lá tinha uma Beatriz; que chamava por elle.

Nesse mesmo dia desejou despedir-se de seo pae, mas sem que lh'o-désse a conhecer, e para isso pediu para o-ver.

O Sr. D. Fernando tinha evitado até então este lance extremo, porque todos aconselhavam, como conveniente ao estado do rei, evitar-lhe taes lances, que lhe-iriam aggravar principalmente o seo padecimento moral; mas seo filho pediu e elle não pôde recusar-se.

O afflicto pae appareceu no aposento do inférmo, fingindo-se livre de preoccupações. Mal o-viu, o Sr. D. Pedro ergueu-se e chamou-o com affectuosas palavras, dizendo-lhe, em phrases de intranhado affecto e respeito filial, que já havia muito que o-desejava ver e receber a sua benção.

O Sr. D. Fernando mal estava preparado para transe tão acerbo: mas conjurou todas as suas forças, concentrou a dôr que lhe-pungia no íntimo, e apparentou modos que podessem dissuadir o inférmo da idea de um termo próximo. Dice-lhe que não só lhe-deitava uma benção, mas lhe-deitaria mil, porque carecia de todas, pois havia de viver ainda muitos annos.

O rei respondeu com aquelle sorriso pesaroso tão habitual nos seus lábios, e que era a sua resposta constante, quando um pensamento triste o-preoccupava. Depois, voltando-se para seo pae, declarou-lhe que eram baldadas todas as consolações, porque o seo desejo era morrer, pois esperava ir para o céu, onde encontraria tudo o que mais amava.

Esta resposta feriu o sentimento paternal, e obrigou o Sr. D. Fernando a perguntar-lhe, se acaso elle não partilhava d'esse amor?

O affectuoso resentimento do pae obrigou os dous a estreitarem-se num longo abraço. (*Andrade Ferreira.*)

36. PAG. 84

Os mezes de novembro e dezembro.

São os mezes de novembro e dezembro fataes para esta augusta familia ! Falleceram os Srs. D. João IV a 6 novembro 1656 ; D. Joanna a 17 novembro 1683 ; D. Catharina a 31 dezembro 1705 ; foi recluso o Sr. D. Affonso VI a 23 novembro 1667 ; falleceu a rainha D. Maria Francisca de Saboya a 27 dezembro 1683 ; D. Pedro II a 17 dezembro 1706 ; D. Pedro III em 25 novembro 1786 ; e após vários outros principes, acabaram de fallecer em novembro e dezembro a Sra. D. Maria II, o Sr. D. Fernando de Bragança, o Sr. D. Pedro V e o Sr. Infante D. João !

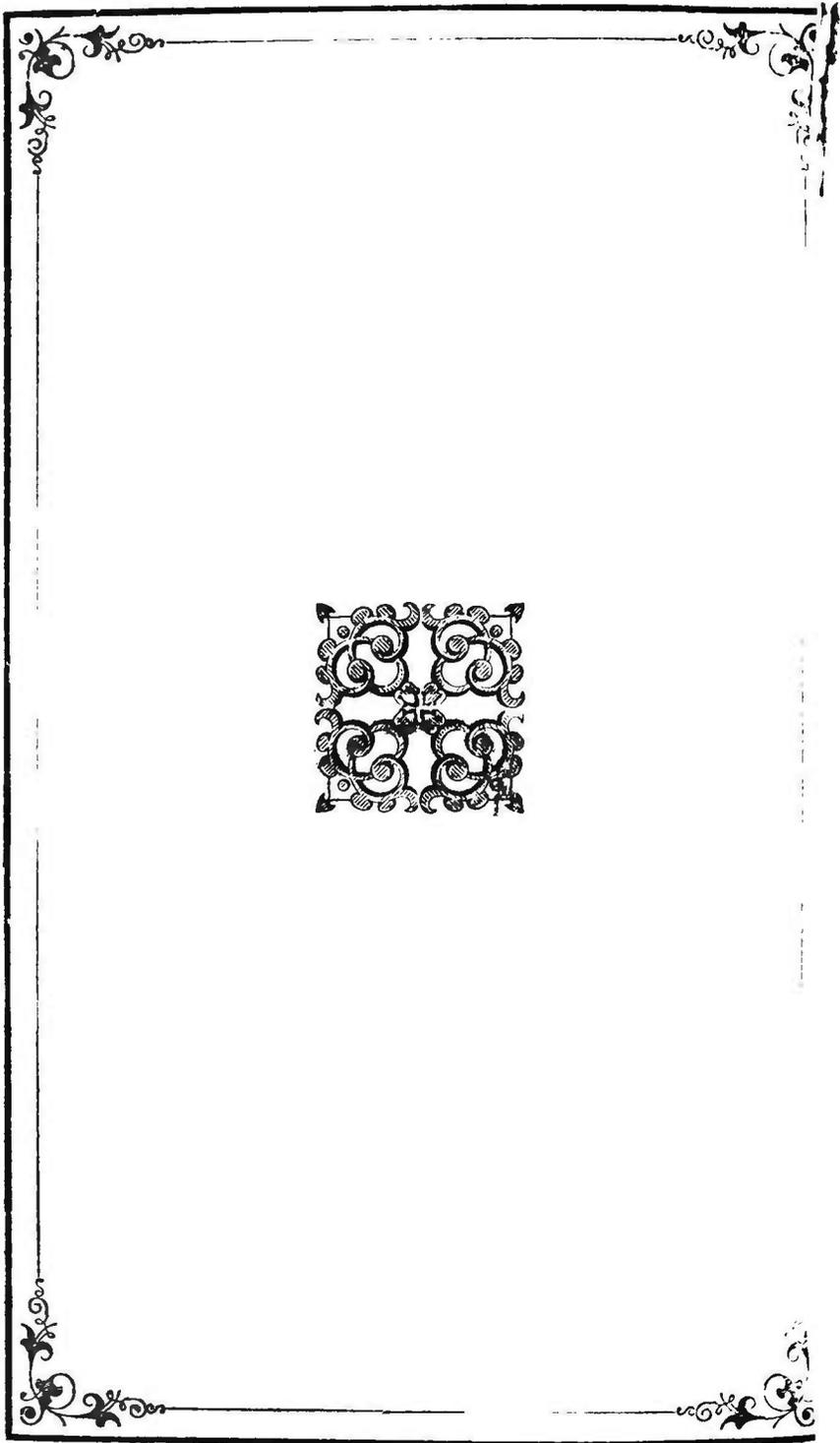
37. PAG. 85

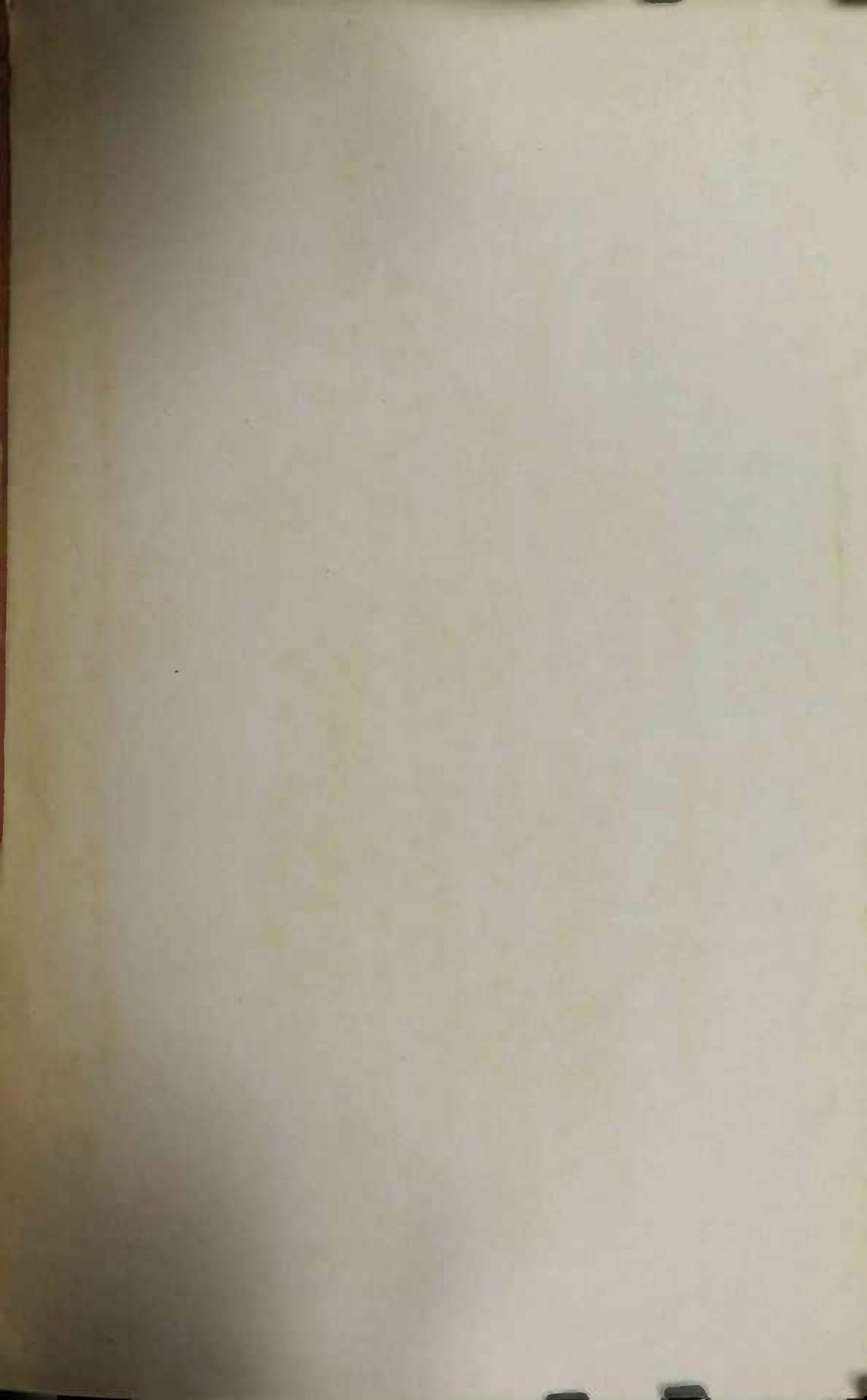
Causaes de tantas mortes.

Não ha negar que , em todas as classes , a impressão dos repetidos golpes sobre a familia real tem produzido uma sensação de assombro , de incredulidade , que em grão número tem subido a suspeitas vagas e horribeis. Notam o obito , com tão pouco intervallo (e com similhaça de symptomas pathológicos) , dos dous filhos e nora do Sr. D. Carlos de Hispanha , do conde de Cavour , do príncipe Alberto , de el-rei D. Pedro V , dos infantes Srs. D. Fernando e D. João , e grave enfermidade do Sr. D. Augusto ! Observam que , tendo-se centenaes de pessoas exposto a idênticos meios atmosphéricos , ninguem foi mortalmente ferido senão os membros da familia real ; que se os miasmas paludosos inveneram os 3 principes , não estivera exposto a pântanos o Sr. duque de Beja , quasi inopinadamente fulminado ; que

A dôr desvaira provavelmente ; mas é licito concordar em que tammanho grupo de coincidencias extraordinárias bem pôde justificar suspeitas , embóra injustas ao amor estremecido de um povo á augusta familia a quem adora .

E , como idea associada , aqui narraremos um facto bem digno de menção , por occasião da última enfermidade que prostrou o Sr. infante D. João . Não foi ella divulgada , antes de assumir certo incremento . Apenas soou tal noticia , o corpo de lanceiros , de que S. A. era commandante , mandou-lhe uma deputação , composta de um representante de cada grau , desde o tenente-coronel até o soldado , supplicar ao seo coronel que se-transportasse para o seo quartel , pois queriam ser elles que tractassem e velassem o seo augusto camara 'a , preparando-lhe por suas mãos a dieta e os medicamentos , etc . É fôrça confessar que em todos os procedimentos populares para com esta amada familia , tudo ha sido cordial , sentido , eloquente , unânime .





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).